

FLÁVIO MARTINS DE ARAÚJO

**A ENTOAÇÃO DE SENTENÇAS CLIVADAS
E PSEUDO-CLIVADAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Figueiredo Silva

FLORIANÓPOLIS, FEVEREIRO DE 2010.

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

A663e Araújo, Flávio Martins de

A entoação de sentenças clivadas e pseudo-clivadas no português brasileiro [dissertação] / Flávio Martins de Araújo ; orientadora, Maria Cristina Figueiredo Silva. - Florianópolis, SC, 2010.

125 p.: il., grafs., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Entoação. 3. Clivadas. 4. Pseudo-clivadas. 5. Relativas. 6. Mudança de tessitura. I. Silva, Maria Cristina Figueiredo. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

CDU 801

*“...And with dust in throat I crave
Only knowledge will I save”
(Metallica)*

*À minha mãe e meu pai,
por sempre apoiarem minhas decisões.
E a meu irmão,
pelo exemplo de inabalável paciência.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, sobretudo.

À minha orientadora, professora Maria Cristina, por seu profissionalismo, pelas horas de orientação, pelas aulas, pelas leituras, que não foram poucas. Agradeço por ter me dado a chance de ingressar na lingüística, por ter me apoiado na escolha do tema desta dissertação. Obrigado pelas perguntas respondidas, pelos textos corrigidos, pelos cafés e pelas conversas desses quatro anos. Aprendi muito com você e continuo aprendendo, afinal como eu sempre digo: — Quando crescer quero ser foda como a Cris! Muito obrigado!

Aos meus pais, pelo carinho e compreensão. Por todo apoio nos momentos mais difíceis dessa caminhada. E, principalmente à minha mãe, pela paciência de me aturar nos momentos em que a paciência me faltava.

Ao meu irmão, pela amizade e por me ensinar que na maioria das vezes é melhor só ouvir o que as outras pessoas têm a dizer.

Ao meu avô e minha avó maternos, por tudo que fizeram para me ajudar durante esses anos de caminhada.

Ao professor Mioto, que foi quem fez meu interesse por lingüística crescer. E, principalmente, por ter me apresentado à professora Maria Cristina.

Aos professores Izabel Seara e Sérgio Menuzzi, agradeço pela participação na banca examinadora desta dissertação. Agradeço ainda pelos seus comentários e sugestões, alguns incorporados, outros deixados para trabalhos ainda por vir. Agradeço ainda à professora Izabel pela participação na banca de qualificação e pelas sugestões na ocasião.

À Professora Esmeralda Negrão, agradeço pela participação na banca de qualificação e pelas sugestões e questionamentos que me ajudaram no desenvolvimento desta pesquisa.

Aos amigos, em especial Fernanda, Jonas e Cristina, por todos esses anos de convivência, pelas discussões teóricas, pelas parcerias de estudo, congressos, cafés... Enfim, foram praticamente seis anos de convivência...

À Capes, pelo apoio financeiro.

RESUMO

Esta pesquisa busca fazer um estudo comparativo entre a entoação de sentenças clivadas e sentenças com uma relativa encaixada, de um lado, e sentenças pseudo-clivadas invertidas e sentenças copulares predicacionais, do outro. O objetivo principal é fazer uma descrição da entoação desses tipos sentenciais, buscando, em um primeiro momento, estabelecer indícios entoacionais que reforcem hipótese de Miotto & Negrão (2007) sobre as diferenças encontradas entre as sentenças clivadas e as sentenças relativas; e, em seguida, verificar se os mesmos indícios diferenciadores podem ser observados no padrão entoacional das sentenças pseudo-clivadas e das copulares. Para que esse objetivo seja cumprido, primeiramente será feita uma apresentação dos argumentos de Miotto & Negrão (2007) quanto às diferenças existentes entre sentenças clivadas e relativas. Dentre esses argumentos, os autores apresentam os resultados de um pequeno experimento realizado para verificar a prosódia dessas sentenças, o qual se constitui em um dos indícios para a defesa de que sentenças clivadas não podem ser formadas por uma relativa. É com base nesse indício que esta pesquisa busca aprofundar a descrição da entoação dessas sentenças, procurando dar uma base empírica mais sólida para a diferenciação de sentenças clivadas e relativas através do padrão entoacional de cada uma.

Em um segundo momento, esta dissertação busca estudar a prosódia das sentenças copulares e pseudo-clivadas invertidas, tendo como objetivo mostrar que o padrão entoacional dessas sentenças se assemelha ao de relativas e clivadas, respectivamente, o que se constituiria em um argumento a mais para a defesa de Resenes (2009) quanto a sentenças *wh* das pseudo-clivadas não serem relativas livres.

Para que tal objetivo fosse alcançado, foi elaborado um experimento no qual foram gravados cinco informantes do sexo feminino, falantes nativas do português brasileiro (PB). A gravação de tal experimento gerou um total de 160 sentenças, sendo 40 de cada um dos 4 tipos de sentenças a serem observados, a saber, clivadas, relativas, copulares e pseudo-clivadas. Para a gravação desses dados foi utilizado o programa PRAAT e para análise foram utilizados os programas MOMEL e INTSINT por apresentarem características mais adequadas ao objetivo deste trabalho, que é o de reproduzir as propriedades entoacionais de um enunciado.

A análise dos dados de fala corroborou a afirmação feita por Miotto & Negrão (2007) sobre as diferenças entoacionais de clivadas e relativas. Adicionalmente, mostrou que não somente o acento tonal que está sobre o constituinte focalizado ou sobre o antecedente da relativa são indícios dessa diferença, mas também o acento alinhado com o início do CP clivado e do CP relativo se constitui em um grande argumento em favor dessa diferenciação. Quanto às sentenças pseudo-clivadas e as copulares, o experimento mostrou que, ao mesmo tempo em que o padrão entoacional de cada uma as distancia, também as aproxima dos padrões encontrados para clivadas e relativas. Essa aproximação entre os padrões de clivadas e pseudo-clivadas, por um lado, e relativas e copulares, por outro, é um indício de que elas apresentam certas características em comum, entre elas por hipótese sua estrutura sintática. Os dados apontam ainda para outra semelhança entre as sentenças clivadas e as pseudo-clivadas; uma desacentuação, nos termos de Zubizarreta (1998), que ocorre sobre o contorno entoacional da parte pressuposta dessas sentenças, o que indica que neste ponto está ocorrendo uma mudança de tessitura. Conforme os dados indicam, essa desacentuação está, de certa forma relacionada com a divisão, tanto estrutural quanto entoacional, da carga informacional da sentença.

Palavras-chave: Entoação. Clivadas. Pseudo-clivadas. Relativas. Copulares Predicacionais. Mudança de Tessitura.

ABSTRACT

This research intends to make a comparative study between the intonation of cleft sentences and sentences with an embedded relative clause, on the one hand, and inversed pseudo-clefts and predicational copular sentence on the another hand. The main purpose of this research is to describe the intonation pattern of those four types of sentences. First of all, it tries to establish clues to improve the hypothesis raised by Miotto & Negrão (2007) about the differences between cleft and relative sentences; and further, it tries to verify whether these same differentiating clues can be found in the intonational pattern of pseudo-clefts and copular sentences. To accomplish this purpose, firstly, the arguments of Miotto & Negrão (2007) about the differences between cleft and relative sentences will be presented. One of the arguments used by the authors comes from the results of a little experiment fulfilled to study the prosody of these sentences, such results are one of the clues used to support that cleft sentences may not be formed by a relative clause. It is based on this intonational clue that this research wants to make a more exhaustive description of the intonation of such sentences, trying to offer a more solid empirical base about the differences between clefts and relative sentences, through the intonational pattern of these sentences.

Secondly, this research will look at the prosody of copular and inverted pseudo-cleft sentences trying to show that the intonational pattern of these sentences resembles that one of the relative and cleft sentences, respectively. This would be another argument to support the position of Resenes (2009), according to which the “wh sentences” within pseudo-cleft cannot be a free relative.

To reach such purpose, an experiment was constructed in which five feminine informants were recorded, all of them native speakers of Brazilian Portuguese (BP). The recordings gave a total of 160 sentences, 40 of each type, namely, cleft, relative, copular and pseudo-cleft sentences. To record those data, the computer program Praat was used. To the analysis were used the programs MOMEL and INTSINT, because they are more suitable to the purpose of this research, that is, reproduce the intonational properties of an utterance.

The analysis of the data confirmed the statement made by Miotto & Negrão (2007) about the intonational differences between clefts and relative sentences. Furthermore, the analysis show not only that the tonal accent above the focused constituent or above the antecedent of the relative clause are clues of such a difference, but also the accent

aligned with the beginning of the cleft and relative CP, which is an important argument supporting this differentiation. Concerning pseudo-clefts and copular sentences, the data showed that, on one hand, the intonational pattern of these sentences makes them more distant; on the another hand, it puts them closer to the cleft and relative intonational pattern, respectively. This approaching between the prosody of clefts and pseudo-clefts, on one hand, and relative and copular sentences, on the another hand, is a clue to assume that these types of sentences have some similarities, one of them, by hypothesis, their syntactic structures. The data show another resemblance between cleft and pseudo-cleft sentence; a deaccenting, on terms of Zubizarreta (1998), which occurs on the intonational contour of the presupposed part of these sentences, this points that on this part of the sentence is happening a changing on tessitura. As shown by the data, this deaccenting is somehow related to a division as structural as intonational of the informational structure of the sentence.

Keywords: *Intonation. Clefts. Pseudo-clefts. Relative Sentences. Predicational Copular Sentences. Changing on Tessitura.*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. CLIVAGEM <i>VERSUS</i> RELATIVIZAÇÃO.....	18
2.1 Clivadas e relativas	18
2.1.1 Caracterização das relativas	19
2.1.2 Caracterização das clivadas.....	26
2.1.3 Clivadas não têm uma relativa	33
2.2 Pseudo-clivadas	42
2.2.1 Caracterização das pseudo-clivadas	42
2.2.2 Ambigüidade das pseudo-clivadas	44
2.2.3 Sentença wh ou Relativa livre	53
2.2.4 Estrutura das pseudo-clivadas	64
3. METODOLOGIA	74
3.1 Descrição do experimento	74
3.2 A utilização do script MOMEL/INTSINT.....	78
4. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS	87
4.1 “Sentenças Clivadas versus sentenças relativas”	88
4.1.1 Sentenças clivadas.....	88
4.1.2 Sentenças relativas	94
4.2 “Sentenças Pseudo-clivadas versus sentenças copulares”	100
4.2.1 Sentenças pseudo-clivadas invertidas	100
4.2.2 Sentenças copulares predicacionais comuns	105
4.3 Mudança de tessitura.....	110
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	121
ANEXO 1 – CONTEXTOS E SENTENÇAS UTILIZADOS NAS GRAVAÇÕES DO EXPERIMENTO.....	123

1. INTRODUÇÃO

O tema desta dissertação é a comparação entre a entoação de sentenças clivadas e sentenças com uma relativa encaixada, de um lado, e sentenças pseudo-clivadas invertidas e sentenças copulares predicacionais, do outro.

- (1) a. Foi o aluno [que foi reprovado].
b. Quem foi que foi reprovado?
c. Qual foi o aluno que pediu revisão de prova?
- (2) a. [A Maria] é quem quer namorar.
b. Quem quer namorar?
c. Quem é a Maria?

Em (1a) e (2a) estão exemplos das sentenças a serem observadas nesta dissertação. Essas sentenças se caracterizam por apresentarem interpretações diferentes conforme respondam às perguntas em (1b,c) e (2b,c). Assim, quando (1a) responde à pergunta em (1b), ela é uma sentença clivada; já, quando responde à (1c), ela é uma relativa. Algo semelhante acontece com (2a): quando responde à (2b) é uma pseudo-clivada; e, quando responde a (2c) é uma sentença copular predicacional comum.

A partir da observação da entoação dessas sentenças, o objetivo desta pesquisa é primeiramente estabelecer indícios entoacionais que reforcem as afirmações de Miotto & Negrão (2007) sobre as diferenças encontradas entre as sentenças clivadas e as sentenças relativas, pois esses dois tipos de sentenças, apesar de apresentarem a mesma ordem linear de constituintes, exibem várias características que as diferenciam. Dentre essas características está a prosódia, conforme apontado por esses autores.

Num segundo momento esta dissertação objetiva igualmente responder a um questionamento que surgiu quanto a se as sentenças pseudo-clivadas invertidas, sentenças muito parecidas com as clivadas, apresentariam uma prosódia próxima àquela encontrada para as sentenças clivadas, estabelecendo um padrão geral de entoação para a focalização sintática. Em adição a isso, decidiu-se também por observar a entoação de sentenças copulares predicacionais comuns, que possuem a mesma ordem linear de constituintes que a pseudo-clivada, para verificar se as mesmas diferenças que existem entre relativas e clivadas,

apontadas por Mioto & Negrão (2007), se aplicariam às pseudo-clivadas e copulares.

Assim, esta dissertação tomará como hipótese que, por um lado, a entoação das sentenças pseudo-clivadas invertidas apresentará padrões muito próximos dos encontrados para as sentenças clivadas e, pelo outro, que as sentenças copulares predicacionais apresentarão padrões entoacionais próximos do padrão das relativas.

Isso leva a outro ponto a ser observado nesta dissertação. Mioto & Negrão (2007) assumem que a entoação é um dos indícios que apontam para uma estruturação diferenciada entre relativas e clivadas. Assim, dados os padrões observados, é possível avançar na questão mais ampla da relação entre sintaxe e prosódia. No entanto, apesar de buscar indícios da relação entre sintaxe e prosódia na entoação das sentenças clivadas e pseudo-clivadas, esta dissertação defende que a relação entre sintaxe e prosódia é menos direta do que alguns estudiosos costumam assumir. Na verdade, o presente trabalho se desenvolve na esteira de Menuzzi & Mioto (2006) e Othero & Menuzzi (2009), para quem a prosódia possui certa autonomia frente à sintaxe, ou seja, não há correspondência direta entre fenômenos sintáticos e fenômenos entoacionais. A busca por conexões entre a sintaxe e a prosódia segue a intuição por trás de Figueiredo Silva & Araújo (2008), para quem a entoação de sentenças com advérbios monossilábicos átonos, tais como *bem* e *mal*, em última posição é um indicador e não um determinador “do comportamento sintático de tais sentenças” de como esses advérbios se comportam estruturalmente em PB.

Para que esses objetivos possam ser alcançados, esta dissertação está organizada de maneira que em um primeiro momento, na seção 2.1, serão apresentadas as características das sentenças clivadas e relativas, discutidas em Mioto & Negrão (2007). Esses autores defendem que as sentenças clivadas não têm em sua estrutura uma sentença relativa, como vinha sendo afirmado na literatura gerativista. Para validar essa hipótese, os autores tomam várias características do CP das sentenças relativas e mostram que o CP de uma sentença clivada não pode ser do mesmo tipo.

Em seguida, na seção 2.2, será apresentada uma discussão acerca das características das sentenças clivadas. Nesse ponto serão tomados os argumentos de Resenes (2009) quanto à caracterização de uma sentença pseudo-clivada; a sua diferenciação de uma sentença predicacional de mesma “morfologia”; a natureza da sentença *wh* que a compõe; e por fim, a proposta feita pela autora para a estrutura dessas sentenças. As características das sentenças copulares predicacionais são apresentadas

ao decorrer das discussões sobre as pseudo-clivadas, como contra-ponto a elas.

No capítulo 3, será descrita a metodologia usada para a obtenção e análise dos dados de fala utilizados durante a pesquisa. Na seção 3.1 será apresentada uma descrição de como foram montados os experimentos. Nessa mesma seção estão elencadas as sentenças utilizadas para a gravação dos dados de fala e alguns exemplos dos contextos que acompanhavam as sentenças durante a gravação. Na seção 3.2 é apresentada uma discussão sobre os programas utilizados para extrair automaticamente a informação entoacional da fala, o MOMEL e o IPO. Ainda nessa mesma seção se encontra uma caracterização dos programas INTSINT e ToBI, que são sistemas de notação criados para que pudessem ser utilizados como um padrão para a transcrição das curvas melódicas. Sendo que dentre esses os escolhidos para serem utilizados na análise dos dados foram o MOMEL e o INTSINT.

Por fim, no capítulo 4 serão mostrados os resultados da análise dos dados. Na seção 4.1 são discutidos os resultados concernentes às sentenças clivadas e relativas, que parecem corroborar os encontrados por Miotto & Negrão (2007). Na seção 4.2 serão mostrados os resultados que dizem respeito à entoação das sentenças pseudo-clivadas invertidas e das sentenças copulares predicacionais comuns. Durante essa apresentação de resultados serão mostrados os pontos em comum entre a entoação de clivadas e pseudo-clivadas e de relativas e copulares. Por fim, será feita uma discussão sobre um padrão entoacional diferenciado apresentado tanto por clivadas como por pseudo-clivadas, que é uma desacentuação que ocorre sobre o contorno entoacional da parte pressuposta dessas sentenças. Essa desacentuação parece estar relacionada com a divisão, tanto estrutural quanto entoacional, da carga informacional dessas sentenças. No entanto, esse é um ponto de discussão que dá margem a estudos futuros, que busquem identificar a relação entre a organização sintática e a prosódica da estrutura informacional. As considerações finais trazem as contribuições principais da presente pesquisa.

2. CLIVAGEM *VERSUS* RELATIVIZAÇÃO

Este capítulo apresenta uma discussão de cunho teórico sobre as diferentes formas de clivagem e relativização. Na seção 2.1 será apresentada uma revisão da análise desenvolvida por Mioto & Negrão (2007) para as diferenças entre sentenças clivadas e sentenças relativas. Esses autores propõem que a sentença clivada não é composta por uma sentença relativa, como se assume tradicionalmente. A apresentação dessa discussão primeiro passará pela caracterização das relativas, feita na seção 2.1.1; na seção 2.1.2 se encontra uma descrição das sentenças clivadas; e, por fim, na seção 2.1.3 serão mostrados os argumentos levantados por Mioto & Negrão (2007) em defesa da não existência de relativização na clivagem.

Em seguida, o texto se volta para as pseudo-clivadas, na seção 2.2. Essa seção é composta pela análise das sentenças pseudo-clivadas feita por Resenes (2009). Em um primeiro momento será feita uma caracterização das pseudo-clivadas, constituindo a seção 2.2.1; na seção 2.2.2, se encontram os argumentos levantados por Resenes (2009) contra a análise de ambigüidade da pseudo-clivada entre as leituras especificacional e predicacional. Assim como Mioto e Negrão (2007) defendem que nas clivadas não há uma relativa, Resenes (2009) procura mostrar que a sentença *wh* das pseudo-clivadas não é uma relativa livre, o assunto da seção 2.2.3. Por fim, na seção 2.2.4, se encontra a proposta desenvolvida por Resenes (2009) da estrutura das sentenças pseudo-clivadas.

2.1 Clivadas e relativas

Desde os estudos de Akmajian (1970¹ *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007), é amplamente assumido, em gramática gerativa, que o CP de uma sentença clivada, aquele que segue o constituinte clivado, é do tipo relativo². No entanto, como afirmam Mioto & Negrão (2007), há várias evidências contra essa assunção, de ordem prosódica, sintática e semântica. Para poder defender que a natureza do CP da sentença

¹AKMAJIAN, A. On deriving clefts sentences from pseudo-cleft sentences. *Linguistic Inquiry*, p. 49-68. 1970.

²Conforme apontado pelo professor Sérgio Menizzi, durante a defesa desta dissertação, há pelo menos dois – ou três – aspectos das relativas que indicariam a impossibilidade de as análises tradicionais tratarem o CP de uma sentença clivada como sendo do tipo relativo.

clivada é diferente da natureza do CP da relativa, Mioto & Negrão (2007) procuram caracterizar cada um dos tipos de CP.

2.1.1 Caracterização das relativas

Primeiramente os autores buscam caracterizar um CP do tipo relativo. De acordo com De Vries (2002³, p. 14-15 *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007), um CP relativo se caracteriza por: (a) ser um CP encaixado; (b) possuir um constituinte, chamado pivô⁴ (ou antecedente), que conecta a sentença relativa com a sentença matriz e que é semanticamente compartilhado por elas⁵; por outro lado, tanto o papel temático quanto a função sintática desempenhados pelo antecedente dentro da relativa são, em princípio, independentes daqueles realizados na sentença matriz.

É dessa forma, segundo os autores, que se caracterizam sentenças como aquelas entre colchetes em (1) e (2), abaixo:

- (1) a. Ela se reuniu com os alunos [que foram reprovados].
b. Ela tomou o leite [que estava no copo].
c. Eu comprarei [o que ele estiver vendendo].
- (2) a. Ela se reuniu com os alunos, [que foram reprovados].
b. Ela tomou o leite, [que estava no copo].

Os exemplos em (1) e (2) mostram que sentenças relativas são CPs encaixados, como [*que foram reprovados*] em (1a). Esse CP se conecta à sentença matriz por meio de um constituinte que funciona como pivô. O pivô é partilhado semanticamente pelas duas sentenças e, segundo afirmam Mioto & Negrão (2007), quando é realizado na

³DE VRIES, Mark. *The syntax of relativization*. Utrecht: LOT, 2002.

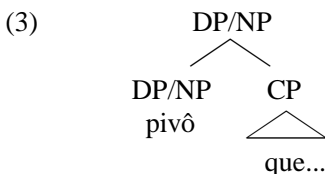
⁴Neste texto, assim como o fazem Mioto & Negrão (2007), será usado tanto o termo pivô como o termo antecedente para tratar do constituinte partilhado pela sentença matriz e pela sentença relativa. Os dois termos serão usados porque em PB o constituinte é realizado na sentença matriz.

⁵Menuzzi, ainda durante a defesa, afirmou que, apesar de ser verdade que o “pivô/antecedente” é, num

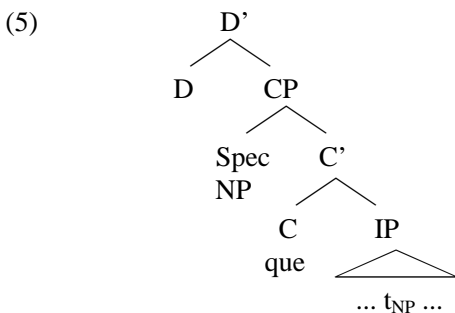
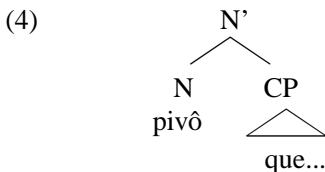
⁶Menuzzi, ainda durante a defesa, afirmou que, apesar de ser verdade que o “pivô/antecedente” é, num certo sentido, constituinte da oração relativa/subordinada; certamente ele não é, por si só, um “constituinte semântico” da oração principal. Isso porque, sem a oração relativa, o DP não seria uma expressão nominal semanticamente adequada do referente argumento da oração principal.

sentença matriz, ele é reconhecido como um antecedente. Em (1a), por exemplo, o pivô é o constituinte *os alunos*. A função sintática e o papel semântico desempenhados pelo constituinte *os alunos*, na sentença relativa em (1a), são independentes daqueles realizados fora da relativa.

A relação entre o antecedente e a relativa pode ser encarada de duas maneiras opostas. A primeira é uma relação de adjunção, na qual o CP relativo é tomado como sendo um adjunto do pivô, como em (3), correspondente a (3a) de Miotto & Negrão (2007: 160).



A outra maneira é hipotetizar que “existe uma relação de complementação que se resolve de dois modos diferentes”, segundo Miotto & Negrão (2007, p. 161). Um modo de resolver é tomar o CP relativo como complemento do N que faz parte da sentença matriz, como em (4); o outro modo é conceber o CP como complemento do determinante, possibilidade que se vê em (5)⁷:



⁷ Essas representações foram extraídas de Miotto & Negrão (2007, p. 161), exemplo (3b) e (3c), respectivamente.

Na estrutura em (5), o NP antecedente é gerado dentro da sentença encaixada, sendo movido para o Spec CP, local em que estará adjacente ao determinante e poderá ser tomado como parte da sentença matriz. Essa forma de estruturar a relativa procura mostrar como o antecedente se torna um constituinte compartilhado tanto pela sentença matriz, como pela relativa.

Mioto & Negrão (2007) não adotam nenhuma dessas três formas de representar a relativa como sendo a mais adequada. No entanto, afirmam que nenhuma dessas análises é capaz de representar a relação que se sustenta entre o CP das clivadas e o constituinte clivado.

Ainda sobre as sentenças relativas apresentadas (1) e (2), repetidas abaixo como (6) e (7) respectivamente, Mioto & Negrão (2007) afirmam que é possível dividi-las em dois tipos. Essa diferenciação se vale tanto de argumentos semânticos, como de argumentos de ordem sintática.

- (6) a. Ela se reuniu com os alunos [que foram reprovados].
b. Ela tomou o leite [que estava no copo].
c. Eu comprarei [o que ele estiver vendendo].
- (7) a. Ela se reuniu com os alunos, [que foram reprovados].
b. Ela tomou o leite, [que estava no copo].

Em (6), o que se tem são as relativas restritivas; em (7), as relativas não-restritivas ou apositivas, de acordo com Negrão (1992⁸ *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007) e Cooper (1983⁹ *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007). Para explicitar essa diferença, é possível mostrar, por exemplo, que as sentenças relativas em (8) têm valores de verdade diferentes.

- (8) a. O homem que beijou a Maria deixou a cidade.
b. O homem, que beijou a Maria, deixou a cidade.

De acordo com Mioto & Negrão (2007), a sentença em (8a), em que há uma relativa restritiva, tem associada uma interpretação de que no universo do discurso, existe um único homem com a propriedade de

⁸NEGRÃO, E. V. Tem uma história que eu quero contar que começa assim: peculiaridades de uma construção existencial. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 22, p. 81-90. 1992.

⁹COOPER, R. *Quantification and syntactic theory*. Dordrecht: D. Reidel, 1983.

ter beijado a Maria e esse homem deixou a cidade. Por outro lado, a sentença em (8b), que tem uma relativa apositiva, desencadeia a interpretação de que há um único homem no universo do discurso, e esse homem beijou a Maria e deixou a cidade.

Negrão (1992 *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007, p. 162) enumera um conjunto de propriedades distribucionais que distinguem esses dois tipos de relativas. Essas propriedades são:

- Ao contrário das apositivas, as relativas restritivas não podem tomar nomes próprios ou pronomes pessoais como pivô;
- Só as apositivas podem ser introduzidas pelas expressões *wh* como *o qual, a qual, os quais, as quais*;
- As apositivas seguem as restritivas quando co-ocorrem;
- Mais de uma restritiva pode estar relacionada a um único pivô de forma encadeada ao passo que, no caso de mais de uma sentença apositiva estar associada a um mesmo pivô, elas devem estar ligadas por coordenação;
- Alguns sintagmas quantificados não podem funcionar como pivô de sentenças apositivas.

Há ainda um terceiro tipo de relativa estudado por Carlson (1977¹⁰ *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007), as *amount relatives* (relativas de quantidade), que apesar de se parecerem muito com as restritivas, têm características próprias. Observe os exemplos em (9), correspondentes a (6) de Miotto & Negrão (2007):

- (9) a. O ladrão levou tudo que cabia na perua.
b. O ladrão levou tudo que era eletrônico.

Esses exemplos servem para ilustrar a diferença de interpretação existente entre uma relativa restritiva e uma relativa de quantidade. Segundo Miotto & Negrão (2007, p.162) a sentença em (9b) é uma relativa restritiva e tem a seguinte forma lógica: para todo x, tal que x é eletrônico, o ladrão levou x; assim, para que essa sentença seja verdadeira é necessário que o ladrão tenha levado todos os objetos com propriedade de ser eletrônico; caso tenha sobrado algum a sentença é falsa.

Por outro lado, se a (9a) for associada uma forma lógica equivalente a de (9b), para todo x, tal que x caiba na perua, o ladrão

¹⁰CARLSON, G. Amount relatives. *Language*, v. 53, n. 3, p. 520-542. 1977.

levou x, a interpretação seria um tanto estranha. Isso porque, em uma situação na qual o ladrão não tivesse levado algo com a propriedade de caber numa perua, (9a) seria falsa. Porém, para que (9a) seja verdadeira, é suficiente o ladrão ter levado a perua lotada. Assim, (9a) tem uma interpretação na qual o ladrão levou uma certa quantidade (uma perua cheia) de coisas, conforme Miotto & Negrão (2007, p. 162).

Carlson (1977, *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007) afirma que a diferença entre relativas restritivas e relativas de quantidade está no tipo de determinante do pivô das diferentes relativas. Segundo esse autor, o antecedente das relativas restritivas tem um determinante definido não cardinal, enquanto o antecedente das relativas de quantidade tem um determinante que é uma expressão de quantidade ou cardinalidade.

A variedade das estratégias para formar uma relativa restritiva é outro dos fenômenos discutidos por Miotto & Negrão (2007). Segundo os autores, em PB, quando o introdutor de uma relativa é um pronome *wh*, o antecedente só pode ser retomado, dentro da relativa, por uma categoria vazia (*ec*); por outro lado, quando o introdutor é um *que*, a posição sintática referente ao antecedente, dentro da relativa, pode ser tanto uma *ec* quanto um pronome resumptivo. As sentenças em (10), exemplo (7) de Miotto & Negrão (2007, p. 163), mostram as três estratégias de formação de relativas no PB:

- (10) a. O aluno para quem você entregou o livro não veio hoje.
- b. O aluno que você entregou o livro para ele não veio hoje.
- c. O aluno que você entregou o livro *ec* não veio hoje.

Dessas estratégias de formação de relativas, aquela em que a relativa é introduzida por um *que* e o pivô é retomado por uma *ec* é uma inovação do PB, chamada de cortadora por Tarallo (1983¹¹ *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007), para quem existe uma grande diferença entre o introdutor da relativa em (10a) e o elemento que a introduz em (10b) e (10c).

Em (10a), o pronome relativo integra um sintagma preposicional (PP), que deve ser todo ele movido para a posição inicial da sentença, através de movimento *wh*. Esse processo de formação de relativas recebe o nome de *pied piping*. Por outro lado, o elemento que introduz a relativa em (10b) e (10c) é um complementizador que só pode ter sido gerado no local em que está. Essas duas últimas estratégias diferem

¹¹ TARALLO, F. L. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. 1983. Thesis (PHD) – University of Pennsylvania, 1983.

entre si pela existência de um PP no local do elemento relativizado em (10b) mas, em (10c), o que há nessa posição é uma *ec* fruto da elipse do PP. Essa é a análise que Tarallo (1983 *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007) defende para esses fatos do PB.

Kato (1993¹² *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007) dá outra análise para esses fatos. Segundo essa autora, em PB não há relativas introduzidas por um complementizador; assim, nos três tipos de relativa apresentados acima, o elemento introdutor é um pronome relativo. Segundo essa análise, as construções relativas estariam associadas a construções de deslocamento à esquerda; deste modo, o pronome relativo *que* já nasce em uma posição deslocada e, a partir dessa posição, se move para o especificador CP.

Contrapondo-se à análise de Kato (1993), Negrão (2000¹³ *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007) assume que existem dois processos de formação de relativas. Em um dos processos, o elemento *que* é um operador que transforma sentenças em predicados e ocupa a posição de núcleo de um CP; esse processo forma o que foi chamado de “pseudo-relativa” por McCawley (1988¹⁴ *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007). No outro processo, *que* é uma expressão *wh*, tradicionalmente um pronome, que ocupa o especificador de CP e introduz as sentenças relativas clássicas.

Outro tipo de relativa, também estudado por Mioto & Negrão (2007), são as relativas livres. Essas, segundo os autores, são sentenças sem um antecedente externo e são introduzidas por um pronome *wh*.

- (11) a. O aluno procura alguém que possa ajudá-lo com o trabalho.
b. O aluno procura quem possa ajudá-lo com o trabalho.

As sentenças em (11) contrastam por haver um antecedente, *alguém*, encabeçando uma relativa restritiva e ocupando uma posição argumental na sentença matriz em (11a). Já (11b) não apresenta um antecedente externo visível. A análise apresentada por Mioto & Negrão (2007) para esse tipo de relativa foi defendida por Bresnan & Grimshaw

¹² KATO, M. A. Recontando a história das relativas. In: ROBERTS, Ian; _____ (orgs). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993. p. 223-261.

¹³ NEGRÃO, E. V. Wh-Extractions and relatives clauses in brazilian portuguese. *DELTA*, v. 16, n. especial, p. 141-163. 2000.

¹⁴ MCCAWLEY, J. D. *The syntactic phenomena of English*. Chicago: Chicago: University Chicago Press, 1998. v. 2.

(1978¹⁵ *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007); segundo essa análise o elemento *wh* deve ser encarado como o antecedente externo da relativa, gerado na posição em que se encontra, em contraste com sentenças completivas também introduzidas por expressões *wh*, que são derivadas através de Mova □.

Mioto & Negrão (2007) apresentam vários testes criados por Bresnan & Grimshaw (1978) para que seja possível fazer uma distinção entre relativas livres, como a de (11b), e sentenças completivas, com a de (12):

- (12) O aluno perguntou quem pode ajudá-lo com o trabalho.

Os testes se apóiam em várias características desses dois tipos de sentenças. Um deles captura suas propriedades distribucionais; enquanto relativas livres se distribuem como DPs, completivas se distribuem como CPs, como pode ser verificado nos exemplos (11b) e (12). Outro dos testes se vale das propriedades morfológicas dos elementos *wh*, pois, em inglês, um *wh* relativo, mas não um interrogativo, pode ser combinado com */ever/*.

- (13) a. I'll buy whatever he is selling.
 /Eu vou comprar o que quer que ele esteja vendendo/
 b. *I'll inquire whatever he is selling.
 /Eu vou perguntar o que quer que ele esteja vendendo/

Outro teste mostra que, no caso das sentenças relativas, o elemento *wh* é subcategorizado pelo verbo que o seleciona, coisa que não acontece nas sentenças interrogativas. No exemplo (14a), abaixo, *o que* atende a propriedades de subcategorização do verbo *dar*, mas não do verbo *precisar*. No entanto, em (14b), são as propriedades de seleção do verbo *lutar* que são satisfeitas pela expressão *wh*, não as do verbo *saber*.

- (14) a. Eu vou te dar o que você precisa.
 b. Eu quero saber contra quem você luta.

Há ainda dois testes aplicáveis ao PB que podem ser utilizados para distinguir essas construções: a possibilidade de haver Comp

¹⁵ BRESNAN, J.; GRIMSHAW, J. The syntax of free relatives in English. *Linguistic Inquiry*, v. 9, n. 3, p. 331-391. 1978.

duplamente preenchido nas interrogativas, mas não nas relativas, como mostra o contraste (15a) e (15b); e, a possibilidade de se fazer uma clivada a partir de uma interrogativa, como em (16a), o que se mostra impossível para as relativas livres, como mostra a impossibilidade de (16b) – exemplos (12) de Mioto & Negrão (2007, p. 164-5):

- (15) a. Eu perguntei o que que ele quer.
 b. *Eu vou comprar o que que ele quer.
- (16) a. Eu perguntei o que é que ele quer.
 b. *Eu vou comprar o que é que ele quer.

Uma outra característica das relativas livres é que, como nas relativas comuns, a expressão que funciona como pivô é um constituinte semanticamente partilhado pela sentença matriz e pela sentença relativa. Segundo Bresnan & Grimshaw (1978 *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007), quem determina o papel temático e a função sintática da expressão Wh são os predicadores da sentença matriz. Porém, dentro da relativa há outro papel temático e outra função sintática associados a esse antecedente, que, segundo as autoras, são realizados por um PRO, no interior da relativa, o qual é controlado pelo antecedente.

Essas são as características das sentenças relativas elencadas por Mioto & Negrão (2007). Para poder dar continuidade ao objetivo de defender que o CP de uma sentença clivada não é do tipo relativo, serão apresentadas agora as características das sentenças clivadas, que posteriormente serão utilizadas para uma comparação mais direta entre os dois tipos de sentença.

2.1.2 Caracterização das clivadas

A sentença em (17), de acordo com Mioto & Negrão (2007), poderia ser analisada como contendo uma relativa.

- (17) Foi o aluno [que foi reprovado].

No entanto, essa é uma conclusão precipitada, pois, segundo os autores, (17) é uma sentença ambígua por ser possível utilizá-la para responder tanto a pergunta de (18a), como a de (18b).

- (18) a. Quem foi que foi reprovado?

b. Qual foi o aluno que pediu revisão de prova?

Como argumentam Miotto & Negrão (2007), quando (17) for utilizada como resposta para (18a), ela parecerá um tanto redundante, por repetir um constituinte que já se encontra na pergunta e que é equivalente àquilo que é pressuposto em (18a). Isso é facilmente percebido pela possibilidade de supressão do constituinte [*que foi reprovado*], em (17). Por outro lado, o constituinte *o aluno*, que é a parte não redundante, deve ser reconhecido como o foco da sentença. Ao contrário, como resposta a (18b), o que seria redundante seria o constituinte *o aluno*, pois, dessa vez, é ele que faz parte do pressuposto e o constituinte [*que foi reprovado*], não pressuposto, equivale ao foco da sentença.

Estabelecida essa ambigüidade, Miotto & Negrão (2007) passam, então, a defender que a sentença em (17) pode, ou não, ser uma sentença clivada dependendo de qual pergunta ela responde: se responde (18a), ela é clivada; se é resposta a (18b), ela não é clivada, mas sim uma sentença relativa. Miotto & Negrão (2007) afirmam, então, que para formar uma sentença clivada plena são necessários: uma cópula, um constituinte que segue a cópula e um CP. Cabe ainda lembrar que o constituinte que segue a cópula tem que ser o foco da sentença.

Segundo Miotto & Negrão (2007), há, pelo menos, duas maneiras de realizar o processo de clivagem: por meio das clivadas e das pseudo-clivadas. Esses dois tipos de sentença têm em comum a presença de uma cópula, um foco – que é o constituinte que ocupa a posição pós-cópula ou está conectado com aquela posição – e um CP. No entanto, essas sentenças são distintas do ponto de vista sintático, mais precisamente pela forma como o CP é preenchido: enquanto a clivada, na visão de Miotto & Negrão (2007), tem o núcleo do CP preenchido por um complementizador *que*, a pseudo-clivada tem o especificador de CP preenchido por um elemento *wh*, CP esse que pode ser descrito como uma relativa livre¹⁶. Além dessa característica, é possível para o CP das pseudo-clivadas aparecer tanto no início quanto no fim da sentença, enquanto o CP das clivadas só pode estar posicionado ao final da sentença, como nos exemplos em (19) – extraídos de Miotto & Negrão (2007, p. 166):

(19) a. [_{CP}O que o menino comeu] foi o bolo.

¹⁶ Como será visto mais adiante, Resenes (2009) defende que o CP das pseudo-clivadas não é uma relativa livre.

- b. Foi o bolo [_{CP} o que o menino comeu].
- c. Foi o bolo [_{CP} que o menino comeu].
- d. [_{CP}*Que o menino comeu] foi o bolo.

Há uma tendência na literatura gerativista de analisar as sentenças em (19b) e (19c) como sendo clivadas “puras”, que vem desde a primeira análise das clivadas, desenvolvida por Akmajian (1970 *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007); para este autor, clivadas e pseudo-clivadas deveriam ser derivadas de uma fonte comum, somente diferindo no tipo de movimento aplicado para formar a clivada. Essa hipótese facilmente daria conta do par (19a) e (19b), mas teria problemas para explicar a não-existência de (19d). Essa análise se manteve mesmo com as inovações implementadas por Emonds (1976¹⁷ *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007) e Chomsky (1977). Dada essa tradição e a observação de que (19b) e (19c) reproduzem, na forma, certas relações que existem em sentenças relativas, entende-se por que tratar o CP de sentenças (pseudo-) clivadas como sendo do tipo relativo. Mioto & Negrão (2007) não argumentam contra uma análise que considere o CP das pseudo-clivadas como sendo do tipo relativo; porém, para esses autores, o CP de sentenças clivadas não pode ser relativo. Na próxima seção, será apresentada a análise de Resenes (2009), que argumenta que o CP das pseudo-clivadas também não deve ser tratado como uma relativa (livre).

Sentenças clivadas e pseudo-clivadas podem, ainda, ser diferenciadas por outras características. Uma é o tipo de foco que elas veiculam: foco contrastivo/exaustivo ou foco de informação, uma diferença no plano semântico/pragmático. Segundo Mioto & Negrão (2007), uma sentença clivada não pode veicular foco de informação, como fazem as pseudo-clivadas. Assim, a pseudo-clivada (20b), mas não a clivada (20c), soa natural para responder uma pergunta como (20a):

- (17) a. O que o menino comeu?
- b. O que o menino comeu foi o bolo.
- c. #Foi o bolo que o menino comeu.

Outra diferença entre clivadas e pseudo-clivadas é que, como defendido por Boskovic (1997¹⁸ *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007),

¹⁷ EMONDS, J. *A transformational approach to English syntax*. New York: Academic Press, 1976.

¹⁸ BOSKOVIC, Z. Pseudoclefts. *Studia Lingüística*, v. 51, n. 3, p. 235-277. 1997.

apenas as últimas podem ser classificadas como especificacionais (21a) e predicacionais (21b):

- (21) a. O que a Maria é é escandalosa.
b. O que a Maria é é escandaloso.

Apesar de as pseudo-clivadas poderem ser desses dois tipos, o que realmente interessa a Mioto & Negrão (2007) é que as sentenças clivadas só podem ser especificacionais, não havendo uma contraparte predicacional¹⁹.

A última diferença apresentada pelos autores para construir uma divisão entre clivadas e pseudo-clivadas segue-se de uma observação de Mioto (2004²⁰ *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007) de que perguntas clivadas e pseudo-clivadas induzem respostas diferentes, como pode ser verificado em (22) e (23):

- (22) a. O que é que a Maria é?
b. Escandalosa. *Escandaloso.
- (23) a. O que a Maria é é o que?
b. *Escandalosa. Escandaloso.

Seguindo as observações desse autor, Mioto & Negrão (2007) afirmam que por ter uma expressão *wh* deslocada, as perguntas clivadas induzem uma resposta especificacional. Por seu lado, as perguntas pseudo-clivadas, que têm uma expressão *wh in situ*, induzem uma resposta predicacional.

Antes de iniciarem a comparação direta entre sentenças clivadas e relativas, Mioto & Negrão (2007) abordam a estrutura das sentenças clivadas. Segundo os autores, existem duas tendências gerais presentes nos estudos sobre como deveria ser representada a estrutura de uma clivada.

A primeira dessas tendências é a desenvolvida por Lopes Rossi (1994²¹ *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007), para quem o CP da sentença clivada é do tipo relativo. Essa análise se baseia em Kato (1993 *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007) que postula a existência de uma *small*

¹⁹Resenes (2009) também argumenta que as pseudo-clivadas só podem ser do tipo especificacional.

²⁰MIOTO, C. *Sentenças designadas para focalizar*. Florianópolis: UFSC, 2004.

²¹ LOPES-ROSSI, M. A. *Proposta de análise das construções clivadas no português*. Campinas: UNICAMP, 1994.

clause (SC) como complemento da cópula, sendo que, dentro da SC, o sujeito representaria o foco da clivada e o predicado seria um CP preenchido por um elemento *wh*, como em (24c), ou um NP nulo ou lexical, como em (24a) e (24b) respectivamente.

- (24) a. Foi [_{SC} [o bolo] [_{NP} □ [_{CP} que o menino comeu *t_{que}*]]].
 b. Foi [_{SC} [o bolo] [_{NP} a coisa [_{CP} que o menino comeu *t_{que}*]]].
 c. Foi [_{SC} [o bolo] [_{CP} o que o menino comeu *t_{que}*]]].

Segundo Mioto & Negrão (2007), essa análise se mostra interessante por conseguir dissociar o antecedente da relativa do elemento que é focado na clivagem, contornando o problema de ter um antecedente de relativa como foco e, ainda, tendo a possibilidade de explicar o porquê de *o bolo* poder se deslocar sozinho deixando a relativa órfã. No entanto, Mioto & Negrão (2007) levantam alguns questionamentos envolvendo o fato de o foco da sentença ser o sujeito da SC e não o predicado. São eles: (a) se o foco é o sujeito da SC, como se pode explicar que ele não é alçado (sem entoação especial) para verificação de Caso nominativo?; (b) como se explica que o que é naturalmente alçado para produzir a pseudo-clivada (sem entoação especial) é o predicado da SC em (24b) e (24c)?; (c) por que o predicado da SC em (24a) não pode ser alçado?; e (d) como explicar que, em casos como o de (25), o adjetivo *escandalosa*, uma categoria que não é normalmente talhada para ser sujeito, seja o sujeito da SC?

- (25) a. É escandalosa que a Maria é.
 b. É [_{SC} [escandalosa] [_{NP} □ [_{CP} que a Maria é *t_{que}*]]].

Outro problema, para essa análise, apontado por Mioto & Negrão (2007), é a sua impossibilidade de explicar o motivo pelo qual o vestígio que fica dentro da relativa não pode ser trocado por um pronome resumptivo, já que [*quem o menino comeu t_{que}*] em (24a) é uma relativa e relativas aceitam pronomes lembretes em PB²².

²² De acordo com Menuzzi, os julgamentos de aceitabilidade em (24a), contendo uma pronome resumptivo podem variar de dialeto para dialeto. Porém, segundo Menuzzi, não se pode desconsiderar o impacto da estrutura informacional sobre o resumptivo – por exemplo, se o referente é pressuposto ou é novo – conforme os seguintes exemplos:

(i) referente pressuposto:

A: Como é que ficaram os bolos?

B: O bolo que o João preparou ele tinha ficado ótimo.

(ii) referente novo:

A: O que a Maria deixou estragar?

A outra linha de análise que busca atribuir uma estrutura para as sentenças clivadas postula que o CP encaixado deve ser representado como complemento da cópula. Essa é a análise adotada por Kiss (1998²³ *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007) para as clivadas do inglês. Segundo essa análise, a cópula seria gerada como núcleo de um F(ocus)P e *that* seria gerado na posição normal de complementizador. O local destinado ao constituinte focalizado é a posição de especificador de FP, lugar em que o foco seria gerado ou para o qual seria movido.

Assim como outras análises, essa também tem alguns problemas. Uma delas é, nas palavras de Mioto & Negrão (2007:171), “uma estipulação desconfortável”, segundo a qual I c-seleciona FP que, por sua vez, c-seleciona um CP. Essa análise também falha em explicar, numa sentença como “It was [_{FP} to John_i] [_{CP} t_i that [_{IP} I spoke t_i]]”, o mecanismo que leva um PP focalizado a transitar pelo especificador de CP, uma posição A’, e depois o deixa chegar até o especificador de FP, claramente, na visão de Mioto & Negrão (2007), uma posição A.

No entanto, apesar de alguns problemas, a análise feita por Kiss (1998 *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007) acrescenta um novo ingrediente à derivação da estrutura das clivadas: a possibilidade de haver movimento A’ do constituinte focalizado. Segundo Mioto & Negrão (2007), essa possibilidade de derivação elimina a análise que considera o CP encaixado como uma relativa, já que relativas são ilhas fortes para a extração.

Tendo em mente essas considerações, Mioto & Negrão (2007) propõem que a estrutura de uma sentença clivada deveria ser aquela em (26), proposta por Mioto (2001²⁴ *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007)²⁵:

B: Ela deixou estragar o bolo que o João preparou ele.

²³ KISS, K. Identificational focus *versus* information focus. *Language*, v. 74, v. 2, p. 245-273. 1998.

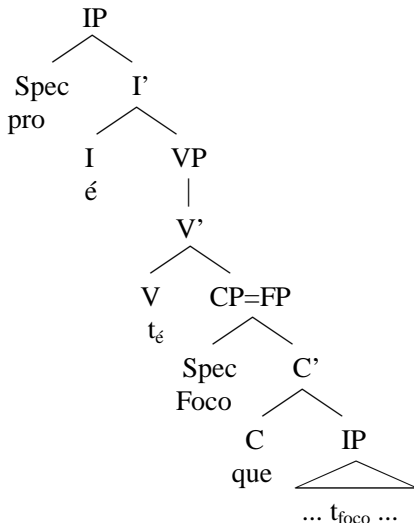
²⁴ MIOTO, C. Sobre o sistema CP no português brasileiro. *Revista Letras*, v. 56, p. 97-139. 2001.

²⁵ Segundo Menuzzi, uma sentença como (i) seria um problema para a estrutura em (26), proposta por Mioto & Negrão (2007):

(i) Foi o João, sem dúvida, que encontrou a Maria no cinema.

Isso porque não há uma possibilidade adequada para que o encaixamento do advérbio “sem dúvida” na estrutura em (26) mantenha sua relação de escopo sobre a cópula.

(26)



Diferentemente das outras análises, esta apresenta uma única estipulação: a de que a cópula deve ser um inacusativo que seleciona como complemento um CP com o traço [+foco]. Essa análise não fica muito distante daquela que afirma que o verbo *perguntar* seleciona um CP com o traço [+interrogativo], conforme apontam Miotto & Negrão (2007).

No entanto, há ainda outros problemas que essa análise tem que enfrentar:

- Como é possível a concordância da cópula com o foco, em (27), se o foco ocupa uma posição A'?

(27) Somos nós que fazemos o serviço pesado.

- Por que o *que* não é opcional como acontece com as interrogativas encaixadas?

(28) a. Ele perguntou o que (que) ela comeu.

b. Somos nós *(que) fazemos o serviço pesado.

Surgem ainda mais problemas quando a estrutura é aplicada ao inglês:

- Por que em uma clivada não se verificam os efeitos do Filtro Duplamente Preenchido? E, por que *that* é obrigatório em clivadas e não em relativas completivas, por exemplo?

(29) It was [_{CP} to John_i that [_{IP} I spoke t_i]].

- Como se explica que o caso do pronome focalizado *me* não tenha Caso nominativo e que o verbo encaixado não concorde com ele, se o pronome foi deslocado da posição de sujeito?

(30) It is me_i that t_i is sick.

Mesmo enfrentando esses problemas, essa análise é a escolhida por Miotto & Negrão (2007) para representar a estrutura das sentenças clivadas.

Depois de elencar todas essas características distribucionais, estruturais e semânticas, tanto de sentenças relativas, quanto de sentenças clivadas, Miotto & Negrão (2007) passam a argumentar que o CP das sentenças clivadas não é do tipo relativo, uma questão que parece estar assentada dentro da literatura gerativista, pois não foi debatida de modo muito saliente.

2.1.3 Clivadas não têm uma relativa

Miotto & Negrão (2007) afirmam que o primeiro indício para argumentar a favor de o CP de sentenças clivadas não ser relativo é uma diferença prosódica, ou seja, os dois tipos de sentença são elocucionados de maneira diferenciada²⁶.

²⁶ Conforme argumentado por Menuzzi, essa diferença deveria ser clara, pois tais diferenças prosódicas refletem estruturas informacionais diferentes: na clivada, o elemento clivado é foco e a “oração relativa” é pressuposta; na relativa, ao menos no que corresponde superficialmente a uma clivada, o DP como um todo é o foco. Mas, na verdade, isso depende do contexto, pois o antecedente pode ser informação dada, como nos exemplos abaixo:

(i) a. Quem foi o aluno que pediu revisão de prova?

b. Foi aquele aluno que foi reprovado.

Note que a presença de um advérbio da cópula seria agramatical nesse contexto:

(ii) Foi aquele aluno (, *sem dúvida), que foi reprovado.

No entanto, compra a agramaticalidade de (ii), com (iii):

(iii) a. Quem foi que foi reprovado?

b. Foi aquele aluno, sem dúvida, que foi reprovado.

Para mostrar que existe uma diferença prosódica entre a relativa e a clivada, Miotto & Negrão (2007) elaboraram um teste bastante simples, no qual foram gravados falantes que utilizaram a sentença ambígua de (17), repetida como (31), para responder às perguntas em (32):

(31) Foi o aluno que foi reprovado.

- (32) a. Quem foi que foi reprovado?
b. Qual foi o aluno que pediu revisão de prova?

De acordo com os resultados mostrados por Miotto & Negrão (2007), quando a sentença em (31) foi utilizada como resposta para a pergunta em (32a), observou-se que o valor de *pitch* mais proeminente estava localizado sobre a sílaba tônica de *aluno*, o constituinte clivado. No entanto, quando a mesma sentença foi usada para responder (32b), o valor mais proeminente de *pitch* ficou localizado sobre a sílaba portadora do acento nuclear da sentença, isto é, a sílaba tônica de *reprovado*. Os autores apontam ainda para a diferença dos valores de *pitch* encontrados sobre a sílaba tônica de *aluno*, os quais eram mais altos nas clivadas do que nas relativas. Essa diferença de valores mostra, de maneira sistemática e substancial, a ocorrência de mudanças na prosódia da sentença em (31), quando utilizada como clivada ou quando relativa.

Do ponto de vista sintático, Miotto & Negrão (2007) apresentam dois lugares de questionamento, para diferenciar relativas de clivadas: (a) o pivô/o foco; (b) resumptivo *versus* categoria vazia. Porém, antes de começar a argumentação propriamente dita, os autores afirmam que é necessário manter uma distinção entre clivadas e pseudo-clivadas, se se quer afirmar que o CP das clivadas não é relativo, porque as sentenças pseudo-clivadas, para Miotto & Negrão (2007), apresentam uma expressão *wh* relativa preenchendo o CP encaixado.

Segundo Miotto & Negrão (2007), para que o constituinte [_{CP} *que o menino comeu*], em uma sentença como (33a), seja do tipo relativo, o constituinte *o bolo* deve ser encarado como sendo o antecedente dessa relativa. Porém, se esse é o caso, o antecedente não poderia ter o comportamento que apresenta em (33b), pois, segundo os autores, não é um comportamento comum, para um antecedente, ser deslocado de sua posição imediatamente anterior à da relativa. Já que, em PB, é necessário para uma sentença relativa que o antecedente esteja adjacente ao CP que o modifica.

- (33) a. Foi o bolo que o menino comeu.
 b. ?O bolo foi $t_{o\text{ bolo}}$ que o menino comeu.

O mesmo pode ser visto no par composto pela sentença em (31) e a pergunta em (32b), repetidas abaixo como (34) e (35):

- (34) Foi o aluno que foi reprovado.
 (35) Qual foi o aluno que pediu revisão de prova?

Como já afirmado anteriormente, (34), quando responde a (35), é uma sentença relativa; por isso, Miotto & Negrão (2007) argumentam que o constituinte *o aluno* não poderia ser separado dela e, dessa forma, uma sentença como (36) (exemplo (40) dos autores, p. 175) não poderia ser usada para responder a (35).

- (36) ??O aluno foi $t_{o\text{ aluno}}$ que foi reprovado.

No entanto, como afirmam Miotto & Negrão (2007), (36) não teria nenhum problema se *o aluno* fosse interpretado como foco contrastivo, caso em que a sentença deixaria de ser uma relativa e passaria a ser uma clivada. Para verificar isso, basta adicionar à sentença em (36) uma continuação como [*e não a aluno*].

Outros fatores que contribuem para a argumentação de Miotto & Negrão (2007), sobre a natureza não relativa do CP das clivadas, são a função sintática, o Caso e o papel temático desempenhados pelo pivô e pela *ec* de uma relativa. Segundo as características apresentadas pelos autores, quando o que está presente na sentença é uma verdadeira relativa, o caso e o papel temático do pivô e da *ec* são independentes. Como pode ser visto em (37), *a menina* tem Caso acusativo e papel temático de tema e a *ec* tem Caso nominativo e papel temático de agente. Também a categoria dos dois não precisa ser a mesma, o que é exemplificado por (38), em que o pivô *na casa* é um PP e a *ec* é um DP – exemplos extraídos de Miotto & Negrão (2007, p. 176):

- (37) Encontrei a menina_i que *ec*_i agrediu o João.
 (38) Ela mora na casa_i que eu construí *ec*_i.

Ao serem observadas as clivadas, o que se pode perceber é que não existe o mesmo tipo de independência encontrada para o

antecedente das relativas. O primeiro ponto levantado por Miotto & Negrão (2007) é que não seria possível para o constituinte clivado receber um papel temático diferente do da *ec*, pois, sendo a cópula um verbo funcional, o constituinte focalizado *o aluno*, em (39a), não teria papel temático para receber. Por outro lado, se o constituinte clivado tem que ser da mesma categoria que a *ec*, como mostra a agramaticalidade de (39b), chega-se à conclusão de que o Caso deve ser o mesmo²⁷.

- (39) a. Foi o aluno que foi reprovado.
b. *Foi na casa que eu construí *ec*.

Esses argumentos sugerem que, diferentemente da posição ocupada pelo antecedente das relativas, aquela ocupada pelo foco não tem função gramatical; é, portanto, uma posição A'²⁸. Além disso, não existe entre o elemento que ocupa essa posição A' e a *ec* a relação semântica de pivô.

Outro indício surge de uma observação de Âmbar (2004²⁹ *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007) sobre a necessidade de existir identidade temporal entre a cópula e o verbo do CP encaixado quando a sentença for uma clivada³⁰. Já para as relativas essa identidade não se faz necessária e, assim, (40) só poderia ser uma relativa.

- (40) Foi o aluno que sempre é reprovado.

²⁷ Como apontado por Menuzzi, exemplos como (i) e (ii), em que a categoria do constituinte clivado é diferente daquela da categoria vazia, não parecem ser de todo temíveis:

(i) É dinheiro que a Maria precisa *ec*.

(ii) ? É o Paulo que a Maria gosta/quer casar *ec*.

²⁸ Conforme questionado por Menuzzi, se isso é verdade, como seria possível haver efeitos de concordância como o mostrado no exemplo (27), na página 26 acima. Essa é uma questão que necessita mais estudos.

²⁹ ÂMBAR, M. Clefts and tense asymmetries. In: DI SCIULLO, Anna-Maria (org.). *UG and the external systems*. Amsterdam: John Benjamins, 2004.

³⁰ Para Menuzzi, isso é um ponto a ser questionado, pois o caráter conclusivo da asserção das clivadas parece, normalmente, ser mais compatível com o momento em que se aplica a asserção sendo corrigida. No entanto, isso não deveria ser necessário, isto é, deveria ser possível distinguir o momento do ato de fala do momento em que se aplica a proposição. Veja os exemplos abaixo fornecidos por Menuzzi:

(i) Paulo disse que seu irmão mais novo sempre foi injustiçado na escola. Mas ele se enganou: era/é seu irmão mais novo que sempre foi perseguido na escola.

(ii) Me disseram que o Paulo acha que seu chefe andou tramando contra ele. Mas descobrimos que é/foi a Maria que andou tramando contra ele.

Ainda observando a distinção entre o antecedente e o foco, Miotto & Negrão (2007) examinam as restrições categoriais que pesam sobre o constituinte que será o antecedente da relativa. Segundo os autores, adjetivos, advérbios e verbos não podem figurar como antecedente de relativa; no entanto, podem ser clivados sem prejudicar a gramaticalidade da sentença.

- (41) a. É escandalosa que a Maria é.
b. Foi calmamente que ele partiu.
c. É viajar que ele quer.

O outro ponto de análise que diferencia relativas e clivadas, dentro de um ponto de vista sintático, é a forma como ocorre a retomada do antecedente ou do foco. Tarallo (1983 *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007) afirma que o antecedente da relativa pode ser retomado por um pronome resumptivo quando o CP é introduzido pelo complementizador *que*, como mostrado em (42):

- (42) O aluno que você entregou o livro para ele não veio hoje.

Com base em sentenças como (42), Kato (1993 *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007) faz uma análise das relativas colocando-as em paralelo com construções com deslocamento à esquerda, como:

- (43) O aluno, você entregou o livro para ele.

Para que haja suporte para essa análise, essa autora assume que o *que* não é um complementizador, mas sim um pronome relativo que se move de uma posição deslocada à esquerda, chamada de TOP por Miotto & Negrão (2007), para o Spec CP. Essa derivação é ilustrada da seguinte forma por Miotto & Negrão (2007):

- (44) O aluno [_{CP} que [_{TOP} t_{que} [_{IP} você entregou o livro para ele_i] não veio hoje]].

Segundo Miotto & Negrão (2007), uma derivação desse tipo não afetaria a posição ocupada pelo resumptivo e ainda permitiria explicar a possibilidade de ocorrer a relativização de um constituinte que se encontra dentro de uma ilha, como uma relativa, como em (45):

(45) a. O aluno que você conhece a professora que entregou o livro pra ele.

b. *?O aluno para quem você conhece a professora que entregou o livro ____.

Porém, o que mais interessa nessa análise, para a argumentação de Miotto & Negrão (2007), é a possibilidade de associar *o aluno*, em (43), com a interpretação de tópico dada a estrutura em (44). Essa análise se alinha com a análise das construções de *hanging topic* encontrada em Cinque (1990³¹ *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007), que têm sempre um DP topicalizado, mesmo que o constituinte que o retome seja um PP.

Por outro lado, diferentemente de constituintes topicalizados, Rizzi (1997³² *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007) mostra que quando um constituinte é um foco deslocado na periferia esquerda, ele deve ser invariavelmente retomado por uma *ec*³³. Para esse autor, o foco tem uma natureza quantificacional e deve vincular fortemente uma variável. É por essa razão que um pronome em posição A não pode retomar um foco em posição A'. Miotto e Negrão (2007) adicionam aqui a afirmação de que o foco na periferia esquerda é derivado por movimento e chegam à conclusão de que um constituinte clivado, diferentemente do pivô de uma relativa, só pode ser retomado por uma *ec*, como em (46):

(46) *Foi (para) o aluno que você entregou o livro para ele.

Com esses argumentos, Miotto e Negrão (2007) conseguem desenvolver um forte suporte para sua análise de o CP de sentenças clivadas não ser relativo. O primeiro motivo, segundo os autores, é o fato de o antecedente das relativas poder ser encarado como um tópico, isto é, como informação pressuposta, enquanto o constituinte clivado, por ser o foco da sentença, não pode ser informação pressuposta³⁴. O segundo motivo é que o antecedente pode ser retomado, dentro da

³¹ CINQUE, G. *Types of A-dependencies*. Cambridge: MIT Press, 1990.

³² RIZZI, L. The Fine structure of left periphery of the clause. In: HAEGEMAN, L. (org.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1997. P. 281-337.

³³ Conforme apontou Menuzzi, o mesmo ocorre quando há violação de ilha? Vejam:

(i) a. A Silvia disse que a Maria perguntou quando o João encontrou o Ricardo no cinema.

b. Mas foi o Paulo que a Maria perguntou quando o João encontrou ele / *ec* no cinema.

³⁴ Segundo Menuzzi, essa afirmação precisaria ser revista, pois a carga informacional desses constituintes pode ser modificada conforme o contexto.

relativa, por um pronome resumptivo, enquanto o constituinte clivado não pode.

Com base nisso e nos argumentos sobre a unicidade categorial, temática e sintática, Mioto & Negrão (2007) podem afirmar que o foco da clivadas é derivado por movimento A'. Dessa forma, os autores explicam a agramaticalidade de (47a), em que: o constituinte *para o aluno*, movido para a posição de foco da clivada, não pode ser extraído do interior de uma ilha relativa. Por outro lado, em (47b), a sentença completiva não impede a extração, pois não se constitui numa ilha.

- (47) a. *Foi para o aluno que eu conheço a pessoa [que entregou o livro ec].
b. Foi para o aluno que o João acha [que o professor entregou o livro ec].

Do ponto de vista semântico, clivadas e relativas também exibem diferenças que corroboram a hipótese de Mioto & Negrão (2007) sobre o CP de sentenças clivadas não ser relativo. Os seguintes conjuntos de sentenças são utilizados pelos autores para exibir características semânticas que diferenciam relativas e clivadas.

- (48) a. *Foi cada bolsa/toda bolsa que a Maria comprou naquela loja.
b. ??Foi também uma bolsa que a Maria comprou naquela loja.
c. ?*Foi até uma bolsa que a Maria comprou naquela loja.
d. *Foi alguma coisa que a Maria comprou naquela loja.
- (49) a. O jornalista entrevistou cada artista que participou do evento.
b. O jornalista entrevistou todo artista que participou do evento.
c. O jornalista entrevistou também o segurança que participou do evento.
d. O jornalista entrevistou até o segurança que participou do evento.
e. O jornalista entrevistou alguém que participou do evento.

Segundo Mioto e Negrão (2007), a estranheza dos exemplos em (48) é devida à presença dos quantificadores *cada*, *também*, *até* e *algum*, incompatíveis com a operação de identificação por exclusão, característica do foco exaustivo, presente nas construções clivadas. Já as sentenças em (49) são bem formadas, mostrando que as restrições que valem para o constituinte clivado não pesam sobre o pivô das sentenças relativas.

O foco das sentenças clivadas é definido por Kiss (1998 *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007) como sendo identificacional, pois tem a função de representar um subconjunto exaustivo dos elementos dados por meio do contexto. Ainda segundo essa autora, quando um constituinte é marcado por foco identificacional, ele representa o valor de uma variável vinculada por um operador abstrato que exprime identificação exaustiva. A autora também diferencia foco identificacional de foco informacional, o qual se limita à transmissão de informações não pressupostas.

Dois testes são citados por Kiss (1998 *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007) para a identificação do foco exaustivo. Um deles foi desenvolvido por Szabolcsi (1997³⁵ *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007), no qual são relacionadas duas sentenças clivadas: na primeira, o constituinte clivado é formado por dois DPs coordenados e, na segunda, um dos membros da coordenação é retirado, como nos exemplos em (50) e (51) – exemplos (56) e (57) de Mioto & Negrão (2007, p. 179-180). Se a segunda sentença não está incluída na consequência lógica da primeira, o foco expresso é o de identificação exaustiva.

- (50) a. Foi uma bolsa e um sapato que a Maria comprou naquela loja.
b. Foi uma bolsa que a Maria comprou naquela loja.
- (51) a. A Maria comprou uma bolsa e um sapato naquela loja.
b. A Maria comprou uma bolsa naquela loja.

Observando-se as sentenças em (51), verifica-se que (51b) é uma consequência lógica de (51a); por outro lado, não é possível afirmar o mesmo para (50b) com relação à (50a), pois o processo de clivagem presente nas duas sentenças envolve exaustividade.

O segundo teste foi criado por Farkas e citado por Kiss (1998 *apud* MIOTO & NEGRÃO, 2007). Esse teste é composto de um diálogo no qual a segunda sentença, que se constitui na negação da primeira, é uma sentença bem sucedida, pois expressa a negação da exaustividade. Caso esteja em jogo uma sentença que não possui foco identificacional, a segunda sentença será uma sentença marginal. Os exemplos em (52) e (53) mostram a aplicação desse teste – exemplos (58) e (59) de Mioto & Negrão (2007, p. 180):

³⁵ SZABOLCSI, A. “Strategies for scope taking”. In: SZABOLCSI, A. (org). *Ways of scope taking*. Dordrecht: Kluwer, 1997.

- (52) a. Foi uma bolsa que a Maria comprou naquela loja.
b. Não, ela comprou um sapato também.
- (53) a. A Maria comprou uma bolsa naquela loja.
b. %Não, ela comprou um sapato também.

A marginalidade de (53b) se deve ao fato de o foco em (53a) não ser exaustivo e, portanto, a negação não é a maneira adequada de se fazer a inclusão de um novo elemento no conjunto daquilo que Maria comprou. No caso das sentenças em (52), a sentença em (52b) é a maneira adequada para incluir um novo elemento, pois nega a exaustividade do conjunto das coisas compradas por Maria.

A discussão sobre exaustividade permite a construção de uma outra maneira de distinguir sentenças clivadas de sentenças relativas, que é por meio da propriedade de escopo. Como afirmam Miotto & Negrão (2007), essa propriedade é exibida pelo constituinte clivado e está associada a quantificadores e operadores. Segundo os autores, quando interage com quantificadores e operadores, a identificação exaustiva veiculada pelo constituinte clivado exhibe diferenças de interpretação ligadas ao escopo. Observe (54):

- (54) a. Foi com a Maria que todo convidado da festa de formatura quis dançar.
b. Todo convidado da festa de formatura quis dançar foi com a Maria.

A sentença de (54a) apresenta uma situação na qual a identificação exaustiva tem escopo sobre a quantificação universal, pois descreve uma cena na qual dentre todas as garotas de uma festa, a Maria foi a única com a qual todos os convidados quiseram dançar, mesmo que outras garotas também tivessem sido alvo da preferência de alguns. Já (54b) exhibe uma cena em que todo convidado quis dançar com uma única garota presente na festa, a Maria. Nessa sentença é a quantificação universal que exhibe escopo sobre a informação exaustiva, conforme afirmam Miotto e Negrão (2007).

Essa propriedade do constituinte clivado mostra que ele tem uma relação muito próxima com os operadores e quantificadores, permitindo que Miotto & Negrão (2007), afirmem que o constituinte clivado deve ocupar uma posição A'.

Por outro lado, o antecedente da relativa não exhibe mudanças na interpretação quando interage com sintagmas quantificados e

operadores. Isso pode ser percebido nas sentenças em (55), que apresentam com única interpretação aquela em que o desejo de ter a menina como parceira de dança foi unânime entre todos os convidados da festa, independentemente da posição sintática ocupada pelo pivô.

(55) a. Eu conheço a menina com quem todo mundo da festa de formatura quis dançar.

b. Todo convidado da festa de formatura quis dançar com a menina que eu conheço.

Essa é a última das evidências utilizadas por Mioto & Negrão (2007) para demonstrar que o CP das sentenças clivadas não pode ser analisado como sendo do tipo relativo.

De acordo com todos os argumentos levantados por Mioto & Negrão (2007), é possível defender que o CP das sentenças clivadas deve ser analisado com tendo uma estrutura diferenciada daquela do CP de sentenças relativas. Isso porque exibe diferenças prosódicas, sintáticas e semânticas bastante relevantes para que se possa dar um tratamento diferenciado para a estrutura de sentenças clivadas, como foi visto acima.

De posse desses argumentos a favor das diferenças entre clivadas e relativas, o que se quer agora é observar mais atentamente a entoação dessas sentenças, para que se possa construir mais detalhadamente um ponto de argumentação para a análise defendida por Mioto & Negrão (2007).

Na próxima seção encontra-se uma revisão da análise de Resenes (2009) para as sentenças pseudo-clivadas. Ao longo da seção são mostrados os argumentos da autora quanto à não-existência de ambigüidade entre as leituras especificacional e predicacional; também é defendido que a sentença wh da pseudo-clivada não é uma relativa livre; e, por fim, será apresentada a proposta de Resenes (2009) para a estrutura dessas sentenças.

2.2 Pseudo-clivadas

2.2.1 Caracterização das pseudo-clivadas

Assim como as sentenças clivadas, as pseudo-clivadas são sentenças complexas estruturadas a fim de focalizar um determinado constituinte, conforme afirma Resenes (2009). A estrutura de uma

pseudo-clivada canônica do PB deve apresentar os seguintes elementos: sentença *wh* + *ser* + XP, assim como em (56). Desses constituintes, a cópula (verbo “*ser*”) e o elemento *wh* são elementos especificamente usados para focalizar.

- (56) a. Quem quer casar?
b. Quem quer casar é [_{XP} a Maria]

Resenes (2009, p. 55) descreve as sentenças pseudo-clivadas, como a de (1b), como sendo boas respostas para perguntas do tipo *wh* como (56a). Para identificar cada um dos elementos que devem compor a pseudo-clivada, a autora examina o que se tem em (56b): o sujeito da é a sentença *wh*³⁶ *Quem quer casar*; enquanto o predicado é composto pela cópula e o XP [*a Maria*]. Além disso, a sentença *wh* é a parte pressuposta da sentença e que o XP é o foco. Esse XP ainda identifica o elemento *wh* *quem*, pois tem traços compatíveis com ele, isto é, é semanticamente [+humano] e sintaticamente um DP. A respeito dessa identidade entre o XP e o *wh*, Resenes (2009) afirma que, assim como nas clivadas, o foco da pseudo-clivada estabelece suas funções gramaticais dentro da sentença encaixada, mas nas pseudo-clivadas, o faz por meio de um elemento *wh*.

Agora, observe as pseudo-clivadas em (57):

- (57) a. É a Maria quem quer casar.
b. A Maria é quem quer casar.

A sentenças em (57) apresentam formas diferentes de organização dos componentes de uma pseudo-clivada. A sentença em (57a) é chamada de pseudo-clivada extraposta, pois a sentença *wh* aparece deslocada à direita. Já (57b) é chamada de pseudo-clivada invertida pelo fato de o foco aparecer à esquerda da cópula, enquanto a sentença *wh* permanece à direita. Segundo Resenes (2009, p. 55), ao contrário das demais pseudo-clivadas, a invertida parece poder veicular apenas foco contrastivo.

Apesar de fazer uma primeira identificação de uma pseudo-clivada pela ordem de constituintes sentença *wh* + *ser* + XP, Resenes (2009) afirma que a mera ocorrência dessa sequência não é o suficiente

³⁶ Resenes (2009) opta por manter a denominação sentença *wh*, pois ao longo de seu texto procura mostrar que a sentença *wh* de uma pseudo-clivada não deve ser tratada como uma relativa livre.

para que se tenha uma pseudo-clivada. É possível, por exemplo, que uma sentença como (57b) seja utilizada para responder uma pergunta como a de (58), em contexto apropriado.

(58) Quem é a Maria?

Ao ser utilizada para responder (58), a sentença em (57b) seria apenas uma sentença copular, pois o foco deixou de ser o DP *A Maria* e passou a ser a sentença *wh quem quer casar*. Resenes (2009) acrescenta que, neste caso, o acento mais proeminente da sentença cairá sobre a sílaba tônica do último constituinte da sentença *wh*, pois o foco deve carregar o acento mais forte da sentença. No entanto, quando (57b) é de fato uma pseudo-clivada, o foco será o DP *A Maria* e, portanto, é sobre esse constituinte que cairá o acento focal.

2.2.2 Ambigüidade das pseudo-clivadas

Depois de caracterizar as pseudo-clivadas, Resenes (2009) passa a discutir a possível ambigüidade, encontrada em algumas pseudo-clivadas, uma questão tradicionalmente presente na literatura sobre o assunto. Essa ambigüidade, originalmente notada por Akmajian (1970³⁷ *apud* RESENEs, 2009, p. 56), é encontrada em seqüências como a de (59)³⁸, abaixo:

(59) O que o João é é importante.

A sentença acima tem duas interpretações possíveis: uma especificacional e outra predicacional. Quando a sentença em (59) recebe interpretação especificacional, o adjetivo *importante* é tomado como um atributo de *o João*; essa predicação é realizada por meio do elemento *wh o que*, ilustrada pela cadeia em “O *que*_i o João_i é é importante_i”. A sentença simples em (60) seria uma paráfrase apropriada para esta interpretação, como afirma Resenes (2009):

(60) O João é importante.

³⁷ AKMAJIAN, A. On deriving cleft sentences from pseudocleft sentences. In: *Linguistic Inquiry*. v. 1, p. 149-168, 1970.

³⁸ Exemplo retirado de Resenes (2009, p. 56).

Já na interpretação predicacional, o que se tem é o adjetivo *importante* predicando sobre toda a sentença wh, conforme indica a coindexação em “O que o João é_i é importante_i”. Segundo Resenes (2009), nesse caso a sentença wh deve ser entendida como uma expressão referencial. Para a autora, possíveis paráfrases para essa interpretação seriam as sentenças em (61):

- (61) a. Aquilo que o João é é importante.
- b. O João é alguma coisa e ser essa coisa é importante.

Para refinar ainda mais a distinção entre pseudo-clivadas especificacionais e predicacionais, Resenes recorre à descrição desses dois tipos de sentenças feita por Higgins (1973³⁹ *apud* RESENEs, 2009, p. 56). Para esse autor, quando o que está em jogo é uma leitura especificacional, a construção tem como característica ter um sujeito e um predicado que não são referenciais e apenas revelar aquilo que preenche uma certa condição, ou seja, apenas informar do que se está falando. Ainda seguindo Higgins, Resenes (2009, p. 56) afirma que a sentença especificacional representa uma operação sobre uma lista, isto é, “o sujeito, que introduz uma variável, funciona como o assunto da lista e o predicado é um dos itens da lista, o que especifica ou dá o conteúdo daquela variável”. Apoiada nisso a autora sustenta que a pseudo-clivada em (62a) tem interpretação muito próxima à da sentença em (62b):⁴⁰

- (62) a. O que eu comprei foi uma caneta e um caderno.
- b. Eu comprei as seguintes coisas: uma caneta e um caderno.

Essa interpretação de operação sobre uma lista permite o entendimento de outras afirmações presentes em Higgins (1973 *apud* RESENEs, 2009): por um lado, o sujeito de uma sentença especificacional deve ter uma leitura catafórica, pois tem seu valor preenchido pelo XP foco; por outro lado, o XP foco não pode ser anafórico, pois deixaria de ser informação nova. Segundo Resenes (2009), caso o XP foco receba uma leitura anafórica, o resultado seria degradado, como em (63)⁴¹:

³⁹ HIGGINS, J. R. *The pseudo-cleft construction in English*. 259 f. Doctoral Dissertation, MIT. Reproduced by the Indiana University Linguistics Club, 1973.

⁴⁰ Exemplo (5) de Resenes (2009, p. 57).

⁴¹ Exemplo (6) de Resenes (2009, p. 57).

- (63) (Ela disse que precisava lavar a roupa.)
 a. ??? O que eu fiz para ajudá-la foi aquilo.
 b. O que eu fiz foi isto: lavar a roupa.

Outra condição importante para as sentenças especificacionais é a congruência semântica, notada por Akmajian (1970)⁴² citado por Higgins (1973), e também a congruência categorial, acrescentada por Resenes (2009), necessárias entre a variável e o valor especificado para ela. Por esse motivo, sentenças como as de (64) são anômalas:

- (64) a. *O que o João é é andar de carro.
 b. *O que a Maria comeu foi ontem.
 c. *O que o João bebeu foi um bife.

Quanto às sentenças predicacionais, Higgins (1973 *apud* RESENES, 2009), afirma que elas têm um sujeito referencial e um predicado predicacional, isto é, o sujeito está se referindo a algo no mundo e o predicado é uma propriedade atribuída a esse sujeito. Veja os exemplos abaixo – exemplos (10) e (11) de Resenes (2009, p. 58):

- (65) a. O que o João falou foi ofensivo.
 b. Quem roubou o banco foi esperto.

Higgins (1973 *apud* RESENES, 2009) notou, ainda, que a ambigüidade especificacional/predicacional não existe apenas nos casos em que o foco das sentenças é um adjetivo, mas também aparece quando o foco é um DP, definido ou indefinido, como pode ser visto em (66) e (67):

- (66) Quem eu cumprimentei foi a prefeita da cidade.
 (67) O que eu estou vendo é um gato.

Resenes (2009) utiliza a sentença em (67) – exemplo (12) da autora – para descrever como se dá a ambigüidade nos casos em que o foco é um DP. Quando a sentença em (67) recebe leitura especificacional, *um gato* é o valor atribuído ao *wh o que*, equivalendo

⁴² AKMAJIAN, A. On deriving clefts sentences from pseudo-cleft sentences. *Linguistic Inquiry*, p. 49-68. 1970.

essa sentença semanticamente à sentença simples *Eu estou vendo um gato*. Já quando a sentença em (67) é uma sentença predicacional, a sentença *wh* denota um objeto no mundo, ao qual o predicado atribui uma propriedade; no caso de (67), essa propriedade é “ser um gato”. Isso também pode ser capturado pela paráfrase *O que quer que seja o que eu estou vendo, isso é igual a um gato*. Há ainda a possibilidade de tornar a leitura predicacional mais explícita se o predicado *um gato* for substituído por outro, como em (68a), ou se a ele for acrescido outro claramente predicacional, como em (68b) – exemplos (13a) e (13b) de Resenes (2009, p. 58):

- (68) a. O que eu estou vendo é um felino.
b. O que eu estou vendo é um gato e ele é chamado de Mingau.

A leitura especificacional pode, ainda, ser diferenciada da predicacional pela possibilidade de inversão dos constituintes da sentença. De acordo com Resenes (2009), se as sentenças especificacionais forem tomadas como um tipo de equativa, sua ordem pode ser invertida de acordo com aquilo que é o foco. Veja os exemplos abaixo:

- (69) a. Quem é o motorista?
b. O motorista é o João.
c. #O João é o motorista.
- (70) a. Quem é o João?
b. O João é o motorista.
c. #O motorista é o João.

Nos exemplos em (69) e (70) as respostas mais naturais, como afirma Resenes (2009), são aquelas em que o foco aparece depois da cópula, ou seja, como predicado da *small clause*. Para a autora essa é a configuração perfeita para a focalização, pois o acento nuclear da sentença cai diretamente sobre o constituinte focalizado.

Diferentemente das especificacionais, as predicacionais só permitem a inversão em contextos muito restritos, conforme aponta Resenes (2009).

- (71) a. O que o João é?
b. O João é um professor.
c. ??Um professor é o João.

Dessas observações sobre inversão, Resenes (2009) conclui que, caso a sentença em (67) sofra inversão, somente a leitura especificacional fica disponível:

(72) Um gato é o que eu estou vendo.

Além da possibilidade de inversão, existem algumas estratégias de construção dessas sentenças que são capazes de desfazer a ambigüidade. Algumas dessas estratégias são encontradas em Higgins (1973 *apud* RESENEs, 2009). A primeira delas envolve a conectividade sintática – exemplos (18) e (19) de Resenes (2009, p. 59-60):

(73) a. What he is is important to him.

b. What he is is important to himself.

(74) a. What they're doing is amusing them.

b. What they're doing is amusing each other.

Em (73b) e (74b), a necessidade de conectividade sintática⁴³ para licenciar as anáforas *himself* e *each other*, contribui para que somente a leitura especificacional esteja disponível. Por outro lado, por não exibirem a conectividade, as sentenças em (73a) e (74a) só têm disponível a leitura predicacional.

Outra estratégia fornecida por Higgins (1973 *apud* RESENEs, 2009) que contribui para uma interpretação não ambígua dessas sentenças é a conjunção de DPs no predicado, que faz com que a interpretação predicacional se torne anômala, privilegiando a interpretação especificacional. Veja o exemplo em (75) – exemplo (20) de Resenes (2009, p. 60):

(75) O que eu vi no parque foi um homem e uma mulher.

Segundo Resenes (2009), quando a sentença em (75) recebe leitura especificacional, os seus DPs pós-cópula são valores de uma lista escolhidos para identificar o elemento *wh o que*. A sentença então significa o mesmo que a sentença simples:

⁴³ Sobre os efeitos de conectividade sintática ver o capítulo 3 de Resenes (2009) e referências lá citadas.

(76) Eu vi no parque um homem e uma mulher.

Por outro lado, na leitura predicacional, o predicado é tomado como um valor que será aplicado ao sujeito, como uma característica deste. Por esse motivo a autora considera que a leitura predicacional deva ser rejeitada para (75), a não ser que se aceite a leitura em que o que foi visto era um ser hermafrodita.

Outro teste listado por Higgins (1973 *apud* RESENES, 2009, p. 60) para desfazer a ambigüidade consiste em utilizar as propriedades de seleção dos adjetivos que aparecem no predicado. Dessas propriedades, Resenes (2009) tira que a sentença em (77a) somente exibirá leitura especificacional, enquanto a sentença em (77b), exibirá leitura predicacional⁴⁴:

- (77) a. O que o João é é orgulhoso.
b. O que o João é é lucrativo.

Ainda sobre as propriedades dos adjetivos, Resenes (2009) traz uma observação de Miotto & Negrão (2007), que indicam uma estratégia que pode ser utilizada para formar sentenças que exibem apenas umas das leituras, sem ambigüidade. A observação dos autores aponta para o aparecimento de adjetivos do português que apresentam morfologia flexional, como foco da sentença. Segundo Miotto & Negrão (2007), quando esses adjetivos estão na sentença não há ambigüidade:

- (78) a. O que_i a Maria é t_i é escandalosa_i.
a'. O que a Maria é?

b. [O que a Maria é]_i é escandaloso_i.
b'. O que a Maria é é o quê?

Note que, nas sentenças em (78), (78a) é claramente especificacional, enquanto (78b) é predicacional. Resenes (2009) afirma, adicionalmente, que para cada uma das sentenças em (78) há uma pergunta apropriada: (78a') é uma pergunta sobre a Maria e por esse motivo recebe uma resposta predicacional; por outro lado, (78b') que é uma pergunta sobre o que a Maria é, recebe uma resposta predicacional.

⁴⁴ Em nota, Resenes (2009) aponta que qualquer possibilidade de leitura metonímica deve ser dispensada para a sentença em (77b).

Outra forma mostrada por Higgins (1973 *apud* RESENES, 2009, p. 61) para salientar as diferenças entre as duas leituras é a concordância temporal entre a cópula e o verbo da sentença *wh*, como pode ser visto nos exemplos em (79) e (80) – exemplos (24) e (25) de Resenes:

- (79) a. *O que a Maria é foi escandalosa.
b. O que a Maria foi é escandalosa.
- (80) a. O que a Maria é foi escandaloso.
b. O que a Maria foi é escandaloso.

De acordo com Resenes (2009), para sentenças predicacionais em (80) há a opção ou realizar ou não a concordância temporal, enquanto para as sentenças especificacionais em (79) essa escolha não está disponível. Segundo a autora, nas sentenças em (79) a concordância temporal é obrigatória, a menos que a cópula assuma a forma *default*, independentemente da forma temporal assumida pelo verbo da sentença *wh*. Abaixo segue outro exemplo da atuação da concordância temporal⁴⁵.

- (81) a. Quem está saindo é minha mulher.
b. Quem está saindo foi minha mulher.

Enquanto, por um lado, (81a) é ambígua entre a leitura especificacional e a leitura predicacional, por outro lado, em (81b) a ambigüidade é desfeita, ficando apenas a leitura predicacional, devido ao tempo da cópula ser interpretado independentemente do tempo do verbo da sentença *wh*.

Para dar continuidade aos apontamentos sobre as formas de diferenciar as sentenças predicacionais das especificacionais, Resenes (2009) retoma a possibilidade de inversão dos constituintes e aprofunda essa investigação. Como já apontado acima, a inversão está restrita à leitura especificacional; porém, como notado por Resenes (2009, p. 62), quando a sentença tiver a mesma sequência de uma pseudo-clivada extraposta, é possível manter as duas leituras. Veja os exemplos em (82) e (83) – exemplos (27) e (28) de Resenes (2009):

- (82) a. Orgulhoso é o que o João é.
b. *Lucrativo é o que o João é.

⁴⁵ Exemplo (26) de Resenes (2009).

- c. Escandalosa é o que a Maria é.
 d. *Escandaloso é o que a Maria é.
- (83) a. É orgulhoso o que o João é.
 b. É lucrativo o que o João é.
 c. É escandalosa o que a Maria é.
 d. É escandaloso o que a Maria é.

Para Resenes (2009), as sentenças em (82b) e (82d) só seriam possíveis se não fossem candidatas a pseudo-clivadas, ou seja, se o XP que antecede a cópula fosse a pressuposição e a sentença wh fosse o foco, exatamente o contrário do que é uma pseudo-clivada. Resenes (2009) explicita essa possibilidade acrescentando as continuações em (84)⁴⁶ às sentenças em (82b) e (82d):

- (84) a. ... e não o que a Maria foi. (foco no verbo da sentença wh)
 b. ... e não o que o João é. (foco no sujeito da sentença wh)

Segundo Resenes (2009), assim como as sentenças (82b) e (82d) só podem ser bem formadas caso o foco esteja sobre o sujeito da *small clause*, qualquer sentença copular predicativa quando invertida se comportará da mesma forma. No exemplo em (28b) isso ocorre se o predicado *bonita* for topicalizado, enquanto o DP *a Maria* é interpretado como foco da sentença.

- (85) a. A Maria é bonita.
 b. Bonita é a Maria.

Resenes (2009) afirma que os mesmos julgamentos podem ser mantidos quando o foco da sentença é um DP, como em (86) – exemplo (31) de Resenes:

- (86) a. O que ele me deu foi uma droga.
 b. Uma droga foi o que ele me deu.
 c. Foi uma droga o que ele me deu.

O que se pode verificar nesses exemplos é que (86a) e (86c), a pseudo-clivada canônica e a extraposta, respectivamente, mantêm tanto a leitura especificacional quanto a predicacional. No entanto, a pseudo-

⁴⁶ Exemplo (29) de Resenes (2009).

clivada invertida em (86b) apresenta apenas a leitura especificacional em que o DP *uma droga* é interpretado como referencial e não como uma propriedade. Para explicitar ainda mais essa diferença, Resenes (2009) mostrar o que acontece quando a inversão é aplicada a uma sentença inequivocamente predicacional, como no exemplo em (87) – exemplo (32) em Resenes (2009):

- (87) a. Quem está saindo é minha mulher.
 b. *Minha mulher é quem está saindo.
 c. Foi minha mulher quem está saindo.

Conforme afirma Resenes (2009), para a sentença em (87b) é impossível manter a leitura predicacional. Essa sentença só é possível se interpretada como uma simples copular predicacional, na qual o foco da sentença é a sentença wh *quem está saindo*, conforme atestado pela continuação em (88), caso em que a sentença não é candidata a ser uma pseudo-clivada.

- (88) ... e não quem está entrando. (foco na sentença wh)

Outra forma utilizada por Higgins (1973 *apud* RESENES, 2009) para distinguir entre as duas leituras consiste em modificar ou o verbo da sentença wh ou a cópula utilizando o advérbio *também*.

- (89) a. O que a Maria também é é escandalosa.
 b. O que a Maria também é é escandaloso.
 c. *O que a Maria é também é escandalosa.
 d. O que a Maria é também é escandaloso.

De acordo com Resenes (2009) quando o advérbio aparece modificando o verbo da sentença wh, tanto a leitura especificacional em (89a), quanto a leitura predicacional em (89b), são aceitas. Por outro lado, quando é a cópula que é modificada, a leitura especificacional em (89c), não pode ser acessada. Disso resulta que somente a leitura predicacional em (89d), é aceita, ou seja, somente a cópula de uma sentença predicacional pode ser modificada.

Os mesmos resultados de aceitabilidade encontrados em (89) são atestados por Higgins (1973 *apud* RESENES, 2009) para outros exemplos de modificação do verbo, como nos exemplos abaixo⁴⁷:

⁴⁷ Exemplos (35) e (36) de Resenes (2009, p. 64).

- (90) a. O que a Maria provavelmente é é escandalosa.
 b. O que a Maria provavelmente é é escandaloso.
 c. *O que a Maria é provavelmente é escandalosa.
 d. O que a Maria é provavelmente é escandaloso.
- (91) a. O que a Maria não é é escandalosa.
 b. O que a Maria não é é escandaloso.
 c. O que a Maria é não é escandalosa. (mais sim sincera)
 d. O que a Maria é não é escandaloso.

A explicação dada por Higgins (1973 *apud* RESENES, 2009) para a aceitabilidade de (91c), frente à agramaticalidade de (89c) e (90c), é que essa sentença só seria possível com uma leitura de negação de constituinte, mas não com uma leitura de negação sentencial.

Após mostrar como construir sentenças pseudo-clivadas sem dar margem a qualquer tipo de ambigüidade entre as leituras especificacional e predicacional, Resenes (2009) passa a observar mais atentamente o tipo de sentença wh que compõe cada uma das leituras. Para a autora, a diferença entre as sentenças wh que aparecem em cada leitura é crucial para sustentar sua hipótese de que somente as sentenças especificacionais pode sem chamadas de pseudo-clivadas. Esse ponto da descrição de Resenes (2009) interessa muito a esta dissertação, pois aqui a análise das pseudo-clivadas feita pela autora se aproxima da análise dada por Mioto & Negrão (2007) para as clivadas. Para Mioto & Negrão (2007), o CP existente nas clivadas não pode ser uma sentença relativa, conforme visto na seção anterior, assim como para Resenes (2009) a sentença wh de uma pseudo-clivada não pode ser uma relativa livre.

2.2.3 Sentença wh ou Relativa livre

Resenes (2009) inicia esta discussão retomando Higgins (1973 *apud* RESENES, 2009) para quem as sentenças wh que aparecem em construções especificacionais não podem sofrer alçamento, diferentemente da sentença wh de uma predicacional. Assim, se em uma sentença ambígua como (92), a sentença wh *o que o João é* sofre alçamento somente a leitura predicacional estará disponível, como em (93a) – exemplo (37a) de Resenes (2009). O mesmo acontece caso as sentenças tenham apenas uma das leituras, como nos exemplos (93b-e) – exemplos (37b-e) de Resenes (2009):

- (92) O que o João é é importante.
- (93) a. O que o João é parece ser importante.
 b. O que o João é parece ser lucrativo.
 c. *O que o João é parece ser orgulhoso.
 d. O que a Maria é parece ser escandaloso.
 e. *O que a Maria é parece ser escandalosa.

Como as sentenças em (93c) e (93e) são sentenças exclusivamente especificacionais, a sua sentença wh não pode sofrer alçamento sem que essa leitura seja perdida, o que torna essas sentenças agramaticais. Por outro lado, as sentenças em (93b) e (93d), por serem exclusivamente predicacionais, não ficam degradadas caso a sentença wh sofra alçamento.

De acordo com Resenes (2009), enquanto a sentença wh de uma sentença predicacional é interpretada como se referindo a uma entidade no mundo, entidade essa à qual o predicado atribuirá uma propriedade, as sentenças wh de uma sentença especificacional são sentenças abertas, isto é, elas contêm uma variável que terá seu valor especificado pelo constituinte que é foco da sentença.

Para Resenes (2009), a análise de Higgins (1973 *apud* RESENES, 2009) apesar de levantar os detalhes das diferenças entre essas duas sentenças wh, falha ao atribuir a mesma estrutura sintática para as duas, isto é, para o autor, ambas são relativas livres. Por sua vez Hankamer (1974⁴⁸ *apud* RESENES, 2009), apoiado principalmente nas evidências dadas pelo teste de alçamento utilizado por Higgins (1973 *apud* RESENES, 2009), analisa as sentenças especificacionais e as predicacionais como sendo sintaticamente diferentes. Para o autor, o fato de poderem sofrer alçamento faz com que somente as sentenças wh das sentenças predicacionais devam ser tratadas como relativas livres. Poder ser alçada é uma característica das relativas livres, conforme se pode observar nos exemplos em (94)⁴⁹:

- (94) a. O que ele comeu parece ter sido feito com pimenta.
 b. O que ele viu parece ter deixado ele calmo.
 c. Quem roubou a casa pode ter assaltado a loja.

⁴⁸ HANKAMER, J. On the Non-Cyclic Nature of Wh-Clefting. *Proceedings of CLS* 10, p. 221- 233. Chicago, IL:CLS, 1974.

⁴⁹ Exemplo (38) de Resenes (2009).

d. Nós achamos que o que eles fizeram pode ter magoado a Maria.

Essa diferença entre as sentenças *wh* faz com que Hankamer (1974 *apud* RESENES, 2009) passe a chamar a leitura especificacional de *leitura clivada*, enquanto a leitura predicacional passa ser chamada de *leitura de relativa livre*. Essa nomenclatura decorre do fato de, para o autor, somente as sentenças especificacionais serem verdadeiras pseudo-clivadas⁵⁰. Como consequência dessa observação, Hankamer (1974 *apud* RESENES, 2009) defende que as duas leituras devem corresponder a estruturas sintáticas diferenciadas: quando o que se tem é uma construção de relativa livre, a forma superficial é essencialmente a mesma que a forma de base; já quando o que se tem é uma construção clivada, ela deve ser derivada de sua forma de base por meio de uma regra de clivagem (*Clefting rule*). Para defender essa posição, Hankamer (1974 *apud* RESENES, 2009) argumenta que somente as clivadas⁵¹ exibem conectividade sintática entre a sentença *wh* e o foco e, é baseado nisso, que o autor defende a necessidade do aparecimento da sentença simples correspondente, em algum nível de representação das clivadas. Isso não ocorre nas construções com relativa livre, ou seja, nas sentenças predicacionais, pois elas não têm uma sentença simples correlata.

A correspondência entre sentença clivada e sentença simples também é discutida por Lambrecht (2001 *apud* RESENES, 2009), para quem a sentença copular complexa formada na clivagem tem uma equivalente simples. Dessa correlação entre sentença clivada e sentença simples feita pela autora, Resenes (2009) chama a atenção para o fato de os constituintes da sentença simples manterem as mesmas funções gramaticais na sentença clivada, porque os itens funcionais acrescentados para a clivagem cumprem apenas a função de focalizar. Essas relações podem ser observadas no exemplo em (95) – exemplo (95) de Resenes (2009). Quanto às sentenças predicacionais, Lambrecht (2001 *apud* RESENES, 2009) afirma que elas claramente não podem ser

⁵⁰ Considere os seguintes exemplos:

(i) Quem a Maria assassinou foi o Paulo.

(ii) Quem a Maria assassinou parece ser o Paulo.

Seria necessário dizer que apenas (i) poder ser “especificacional”, enquanto (ii) é, necessariamente, predicacional? Conforme apontou Menuzzi, em casos como o de (ii), o que parece estar ocorrendo é uma modalização do caráter da “especificação/identificação” apresentado pela variável.

⁵¹ Resenes (2009, p. 65) observa, em nota, que o autor utiliza a denominação de clivada genericamente para todos os tipos de clivagem.

fruto do mesmo processo, pois sua contraparte simples seria uma sentença agramatical, como mostrado por (96) – exemplo (40) de Resenes (2009):

(95) a. What he bought is champagne.
/O que ele comprou é champanhe/

b. He bought champagne.
/Ele comprou champanhe/

(96) a. What he bought is expensive.
/O que ele comprou é caro/

b. *He bought expensive.
/Ele comprou caro/

Ainda de acordo com Hankamer (1974), as sentenças especificacionais podem ser diferenciadas das predicacionais pelo tipo de predicado que cada uma admite. Segundo esse autor, alguns tipos de predicado que ocorrem nas pseudo-clivadas (sentenças especificacionais) não podem ocorrer em sentenças predicacionais. Exemplos disso são os predicados QP (*Question Phrases*), como em (97a) e (97b), ou os predicados adverbiais, como em (97c)⁵²:

(97) a. What I don't understand is how Clefts work.
/O que eu não entendo é como as clivadas funcionam/

b. What I wonder is whether there will be any beer.
/O que eu quero saber é se vai ter alguma cerveja/

c. When she waters them is on weekends.
/Quando ela rega elas é nos finais de semana/

Em resumo a análise de Hankamer (1974 *apud* RESENEs, 2009) assume que somente as sentenças especificacionais podem ser consideradas sentenças pseudo-clivadas e que a sentença wh das especificacionais não são relativas livres, enquanto, por outro lado, as sentenças predicacionais não seriam pseudo-clivadas e sua sentença wh

⁵² Os exemplos (40a) e (40b) são os exemplos em (41) de Resenes (2009, p. 67) e o exemplo (40c) é o exemplo (42) de Resenes (2009, p. 67).

seria uma relativa livre. É esta a análise assumida por Resenes (2009), para quem o processo de clivagem não envolve relativização, nem nas pseudo-clivadas, nem nas clivadas. Como já comentado anteriormente, o mesmo é assumido por Mioto & Negrão (2007), e também será assumido por esta dissertação. Em consequência disto, a partir deste momento, assim como Resenes (2009) o faz, sempre que for utilizado o termo pseudo-clivada, este estará se remetendo às sentenças especificacionais.

Resenes (2009) procura, então, mostrar evidências adicionais para essa análise. O primeiro indício utilizado pela autora é a possibilidade de uma relativa livre ser parafraseada por uma relativa com núcleo – o que é também mais um indício para não considerar as sentenças wh das pseudo-clivadas como relativas livres, como mostra o contraste em (98)⁵³ – exemplo (43) de Resenes (2009):

- (98) a. *Aquilo que a Maria é é escandalosa.
b. Aquilo que a Maria é é escandaloso.

Outra evidência é apontada por Âmbar (2001 *apud* RESENES, 2009) que afirma que as relativas, diferentemente das clivadas, não exigem que haja concordância temporal entre o verbo matriz e o verbo encaixado. Disso Resenes (2009) conclui que, como a sentença wh das sentenças predicacionais é uma verdadeira relativa livre, não é necessário que haja concordância temporal entre seu verbo e a cópula. O contrário acontece com as pseudo-clivadas, que exigem que haja concordância⁵⁴.

- (99) a. O que você vai ser quando crescer?
b. Eu vou ser o que a Maria é/foi.

A não necessidade de concordância temporal para as relativas livres é ilustrada pela sentença em (99b), sentença na qual os dois verbos têm referências dêiticas diferentes, o que como aponta Resenes (2009), é uma possibilidade disponível para as sentenças predicacionais, mas não para as pseudo-clivadas.

⁵³ Conforme aponta Menuzzi, o que aconteceria com casos como os de (i)-(iii), abaixo?

(i) Naquelas circunstâncias, a única coisa que a Maria podia fazer era comer.
(ii) ?Diante daquela situação, a única coisa que a Maria podia ser era honesta.
(iii) ?Com o Paulo, a única coisa que a Maria consegue ser é honesta/amarga.

⁵⁴ Nenhum exemplo relevante desta exigência foi fornecido pelos autores.

O não cumprimento dos requerimentos de compatibilidade⁵⁵ (*matching requirements*) é outro argumento utilizado por Resenes (2009) para não analisar as sentenças wh das pseudo-clivadas como relativas livres. Como pode ser visto nos exemplos abaixo⁵⁶, o não cumprimento dessas exigências pelas relativas livres torna as sentenças agramaticais:

- (100) a. *De quem eu gosto não veio hoje.
 b. *Com quem eu saí não me telefonou.
 c. *Com quem eu conversei ganhou a corrida.
 d. *De quem eu ri me bateu.

Nessas sentenças, os requerimentos de compatibilidade não são satisfeitos devido aos pronomes relativos encabeçados por preposição não satisfazerem a exigência categorial da posição de sujeito. Para que essa exigência fosse satisfeita, os pronomes deveriam ser do tipo DP, como nos exemplos em (101) – exemplos (46) de Resenes (2009):

- (101) a. Quem eu amo não veio hoje.
 b. Quem eu conheci não me telefonou.
 c. Quem eu ajudei não ganhou a corrida.

Por outro lado, da boa-formação das sentenças em (102)⁵⁷ Resenes (2009) conclui que esses requerimentos não são exigidos para a sentença wh de uma pseudo-clivada:

- (102) a. De quem eu gosto é do João.
 b. Com quem eu saí foi com o João.
 c. Com quem eu conversei foi com o João.
 d. De quem eu ri foi do João.

No entanto, como apontado em nota por Resenes (2009, p. 69), há quem julgue as sentenças em (102) um tanto estranhas⁵⁸. Segundo a

⁵⁵ De acordo com Marchesan (2008), o pronome relativo-wh que inicia as relativas livres deve satisfazer os requisitos de Caso e/ou categoria tanto do verbo da sentença matriz, como do verbo da sentença encaixada. Essa igualdade sintática que o pronome relativo tem que respeitar é chamada de *Requerimento de Compatibilidade (Matching Requirement)*.

⁵⁶ Exemplo (45) de Resenes (2009).

⁵⁷ Exemplo (47) de Resenes (2009).

⁵⁸ Conforme aponta Menuzzi, esse estranhamento surge, em particular, quanto às pseudo-clivadas invertidas: Veja os exemplos:

(i) ??Com o João foi com quem eu saí.

autora, para essas pessoas os requerimentos de compatibilidade devem atuar mesmo sobre as sentenças wh das pseudo-clivadas.

Nas sentenças em (102), a presença da preposição não provoca qualquer interferência, pois o elemento wh dessas é uma variável especificada pelo foco, ou seja, corresponde a ele, portanto, o wh deve ser preposicionado quando o foco também for, conforme afirma Resenes (2009, p. 69). Se nas sentenças em (103) o wh não fosse preposicionado, as pseudo-clivadas não seriam bem formadas:

- (103) a. *Quem eu gosto é do João.
 b. *Quem eu saí foi com o João.
 c. *Quem eu conversei foi com o João.
 d. *Quem eu ri foi do João.

Adicionalmente, como nota Resenes (2009), a categoria do elemento wh nas sentenças wh das pseudo-clivadas deve variar de acordo com a categoria do elemento focalizado, conforme o exemplo – exemplo (49) de Resenes (2009):

- (104) a. O que o João comeu foi o bolo. (DP = DP)
 b. Quem quer namorar é a Maria. (DP = DP)
 c. De quem eu gosto é do João. (PP = PP)
 d. O que a Maria é é escandalosa. (AP = AP)
 e. O que ele quer fazer é jogar bola. (VP = VP)
 f. O que ele perguntou foi se vai ter festa amanhã. (CP = CP)
 g. Onde a Maria mora é em Florianópolis. (AdvP = AdvP)

Em contrapartida, essa propriedade não é observada no elemento wh das relativas livres que compõem as sentenças predicacionais. Aqui, ao contrário, o tipo categorial assumido pela relativa livre é bem mais restrito, conforme afirma Resenes (2009): (i) DP, quando a relativa livre é argumento, como em (105a) à (105f); e, (ii) AdvP, quando for adjunto, como em (105g).

- (105) a. O que o João comeu fez mal.
 b. Quem eu ajudei ganhou a corrida.
 c. O que a Maria é é escandaloso.
 d. Eu preparei o que você pediu.

(ii) ?? Foi com o João com que eu saí.

(iii) */?? Sobre quem eu falei com a Maria foi sobre o João.

- e. Eu gosto de quem me trata bem.
- f. Eu conversei com quem você saiu.
- g. Eu cheguei quando você telefonou.

Ao observar mais atentamente as sentenças em (105) é possível perceber a presença de uma preposição diante da relativa livre em (105e). Apesar de parecer um contra argumento para a análise defendida por Resenes (2009), essa sentença logo deixa de ser um problema se são levadas em conta as observações feitas por Marchesan (2008), para quem preposição que aparece em uma sentença como (105e) deve ser regida pelo verbo matriz, independentemente de se a preposição também é requerida pelo verbo da relativa livre, como parece o caso de (105f). Dessa forma, Resenes (2009) mantém, com Marchesan (2008), que os requerimentos do verbo matriz nunca podem ser desobedecidos, como pode ser verificado nos exemplos abaixo⁵⁹:

- (106) a. *João ama [de quem a Maria gosta].
b. João gosta de [quem a Maria ama].

De acordo com Marchesan (2008), porque em (106a) os requerimentos de compatibilidade do verbo *amar*, que c-seleciona um DP, não são respeitados o resultado é uma sentença agramatical. Por outro lado, como a sentença em (106b) é bem-formada, Marchesan (2008) conclui que é o verbo da sentença matriz que deve reger a preposição⁶⁰.

Ainda quanto à questão da compatibilidade categorial entre o elemento *wh* e o foco de uma pseudo-clivada, Resenes (2009) mostra que sentenças como (107) – exemplos (55) de Resenes (2009) – não podem ser pseudo-clivadas:

- (107) a. Onde eu moro é a cidade mais quente do país.
b. Quando toca o sinal é o momento de ir embora.

Resenes (2009) afirma que as sentenças em (107) não podem ser consideradas pseudo-clivadas, pois não existe compatibilidade categorial entre a variável e o foco. Sendo assim, as sentenças em (107) só podem ser interpretadas como sentenças predicacionais, de acordo com a autora. Caso a categoria dos dois elementos fosse correspondente,

⁵⁹ Exemplos retirado de Marchesan (2008).

⁶⁰ Para mais detalhes quanto às relativas livres no PB ver Marchesan (2008).

como em (108), as sentenças passariam a ser pseudo-clivadas, pois sua leitura passaria a ser a especificacional, conforme apontado por Resenes (2009):

- (108) a. Onde eu moro é na cidade mais quente do país.
b. Quando toca o sinal é no momento de ir embora.

Também Krug de Assis (2001⁶¹ *apud* RESENES, 2009) defende que somente as sentenças especificacionais podem ser consideradas pseudo-clivadas, pois apenas nelas é que se encontra compatibilidade de traços semânticos entre o elemento *wh* e o foco da sentença. Conforme essa autora, em uma sentença como (109a), o XP *João*, foco da sentença, tem em comum com o elemento *wh* o traço [+humano] e por isso esta é uma sentença pseudo-clivada; na sentença em (109b), por seu turno, o XP *esperto*, foco dessa sentença, não apresenta o traço [+humano], caso em que a sentença tem apenas a leitura predicacional:

- (109) a. Quem roubou o banco foi o João.
b. Quem roubou o banco foi esperto.

Resenes (2009) se volta, então, para as diferenças semânticas existentes entre as sentenças *wh* de pseudo-clivadas e de sentenças predicacionais. A primeira observação feita pela autora vem de Jacobson (1995), para quem relativas livres e interrogativas-*wh* são construções que expressam maximalidade, noção embutida nos pronomes *wh* dessas construções. Resenes (2009) afirma, baseada em Jacobson (1995), que, nessas construções, o pronome *wh* é tomado como uma função a ser aplicada sobre um conjunto de indivíduos e, desse conjunto, é obtido um único conjunto que, por sua vez, contém um indivíduo plural máximo.

Para exemplificar essa relação, Resenes (2009) faz uso da sentença em (110) – exemplo (58) para a autora:

- (110) O João trouxe o que a mãe pediu.

Em (110), a relativa livre que aparece como argumento interno do verbo matriz é interpretada como um indivíduo plural máximo, isto é, sua interpretação maximalizada representa a soma de todos os

⁶¹ KRUG DE ASSIS, C. *Sentenças clivadas e pseudo-clivadas no PB*. 66 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

indivíduos atômicos que *a mãe pediu*. Segundo Resenes (2009), uma boa paráfrase para essa sentença seria (111):

(111) O João trouxe tudo que/quanto (todas as coisas que) a mãe pediu.

Ao contrário das relativas livres, a sentença wh que aparece nas pseudo-clivadas parece não poder expressar maximalidade, como mostram os exemplos em (112) – (60) de Resenes (2009):

(112) a. O que a mãe pediu foi leite e ovos. Ela pediu também arroz.
b. Tudo que a mãe pediu foi leite e ovos. *Ela pediu também arroz.

Em (112b), a adição de *Ela pediu também arroz* à sentença que possui uma relativa livre quantificada como sujeito não resulta em uma sentença aceitável, pois a relativa livre recebe uma interpretação maximalizada, ou seja, o conjunto das coisas que *a mãe pediu* já está completo. Por outro lado, a adição em (112a) não é bloqueada, o que indica que a sentença wh da pseudo-clivada não recebe a interpretação maximalizada. Resenes (2009) fornece ainda outro exemplo⁶²:

(113) a. O que o João é é orgulhoso.
b. ??Tudo o que o João é é orgulhoso.

Como aponta Resenes (2009), (113b) não é uma boa paráfrase para a sentença em (113a). Isso porque em (113a) a sentença wh não denota um indivíduo plural máximo, ou seja, *orgulhoso* não pode ser a soma total dos atributos do João. Resenes (2009) afirma que nas sentenças wh das pseudo-clivadas o que se tem é a delimitação de um domínio a partir do qual é retirado um elemento para ser o foco da sentença, e assim a interpretação do elemento wh dessas sentenças é dada de modo anafórico pelo foco.

Para concluir seus argumentos, Resenes (2009) mostra que, por conter claramente uma *small clause*, sentenças predicacionais podem ser utilizadas como complemento de verbos do tipo *considerar*, como no exemplo em (114a) – exemplo (63a) de Resenes (2009)⁶³. Dessa forma,

⁶² Exemplos (61) e (62) de Resenes (2009).

⁶³ Para Menuzzi, esses casos não parecem ter algo a ver com “ser SC” ou não, mas sim com tratar-se de um juízo atributivo ou de identidade. Por esse motivo sentenças como (i) não podem ser complemento de verbos como considerar:

(i) Aquele rapaz ali é o irmão do Paulo.

é possível manter a afirmação de que a sentença *wh* em sentenças predicacionais é uma relativa livre, pois é aceitável como o DP sujeito da *small clause*.

- (114) a. Eu considero o que a Maria é escandaloso.
 b. *Eu considero o que a Maria é escandalosa.

A agramaticalidade de (114b) mostra que a sentença especificacional (pseudo-clivada) não pode figurar na estrutura de complementação de verbos como *considerar*. Frente a isso, Resenes (2009) pode afirmar que as pseudo-clivadas não contêm uma *small clause*, ou como afirma a autora, não contêm uma *small clause* verdadeira, como a das sentenças predicacionais. Assim, Resenes (2009) sustenta sua defesa de que a sentença *wh* das pseudo-clivadas não é uma relativa livre, pois não é argumento de uma verdadeira *small clause*, diferentemente da sentença *wh* de uma contrução predicacional, argumento de uma verdadeira *small clause*.

Além das distinções já apresentadas, a autora acrescenta, ainda, a função do verbo cópula. Enquanto na leitura especificacional a cópula é meramente funcional, ou seja, contribui apenas para a focalização de um constituinte, na sentença predicacional ela exerce uma função predicativa, pois está encarregada de mediar a relação entre a sentença *wh* (o sujeito) e o foco (o predicado). Assim como a cópula, o elemento *wh* que aparece nas construções pseudo-clivadas é um mero artefato desse tipo de sentenças utilizado para compor a estrutura informacional específica para focalizar, o que se confirma pela equivalência entre as funções gramaticais dos constituintes da pseudo-clivada e as funções gramaticais dos constituintes de sua sentença simples correlata.

O outro grande ponto de diferenciação entre a leitura especificacional e a predicacional é o estatuto da sentença *wh* que as compõe. Na leitura predicacional de (115), abaixo, a sentença *wh* ocupa o lugar de sujeito da predicação, formando, assim, uma *small clause* com o XP *importante*:

- (115) O que o João é é importante.

Na leitura especificacional, por outro lado, não há *small clause* verdadeira, pois a sentença *wh* não é argumento do XP *importante*, ou seja, não existe relação de predicação entre esses constituintes. Ao

(ii) ??Eu considero aquele rapaz ali o irmão do Paulo.

contrário de uma relação de predicação, o que há é uma relação na qual *importante* é predicativo de *João*, se relacionando com este por meio do *wh* *o que*. Resenes (2009) afirma então que o fato de uma relativa livre poder assumir apenas as funções de argumento ou adjunto contribui para que somente a sentença *wh* das predicacionais possa ser considerada como uma verdadeira relativa livre, isso pode ser comprovado pela aplicação do teste de alçamento, como mostrado acima. Disso se segue, ainda, que somente o elemento *wh* que aparece nessas sentenças possa ser considerado um pronome relativo, que se comporta como um verdadeiro operador. Por outro lado, o *wh* das sentenças pseudo-clivadas (especificacionais) tem comportamento anafórico, incomum para verdadeiras expressões *wh*, como afirma Resenes (2009), pois é interpretado como uma variável ligada ao foco, como na cadeia [*foco*_i, *wh*_i, *t*_i].

Todos os argumentos levantados contribuem para que Resenes (2009) possa concluir que o processo de clivagem não envolve relativização, porque nem o CP das clivadas⁶⁴ nem o das pseudo-clivadas é do tipo relativo. Resenes (2009) conclui, ainda, que a clivagem está restrita à leitura especificacional, dado todos os argumentos levantados pela autora.

Finalmente, a autora passa a discutir a existência, ou não, de sentenças pseudo-clivadas reduzidas. Após levantar várias evidências, Resenes (2009) conclui que não existe pseudo-clivada reduzida. Para a autora, as sentenças reduzidas, que têm como característica principal a ausência do elemento *wh*, são apenas sentenças simples nas quais a cópula foi inserida para realizar uma função de focalização sobre o constituinte que a sucede no interior do predicado.

A seguir são apresentados os apontamentos de Resenes (2009) sobre a estrutura que recebe cada uma das leituras que pode ser atribuída a uma sentença como *O que o João é é importante*.

2.2.4 Estrutura das pseudo-clivadas

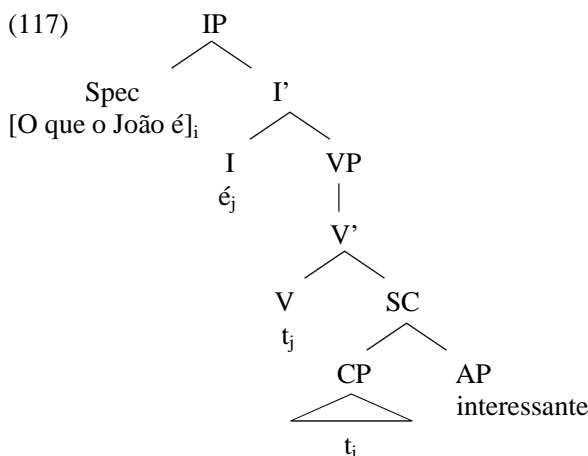
Resenes (2009) afirma que estruturas diferentes devem ser atribuídas para cada leitura que uma sentença como (116) pode apresentar, pois, como amplamente fundamentado pelos argumentos

⁶⁴ Confira o Capítulo I de Resenes (2009) para os argumentos da autora acerca das clivadas. Confira também a seção anterior desta dissertação para os argumentos de Mioto & Negrão (2007) acerca das clivadas.

acima, apenas a leitura especificacional deve ser tratada como clivada, diferença que para a autora deve ser refletida pela estrutura sintática.

(116) O que o João é é importante.

Para Resenes (2009), a estrutura de uma sentença predicacional não apresenta nada de extraordinário, sendo representada tal qual a de uma sentença copular comum: o complemento da cópula vai ser uma *small clause* que terá a relativa livre como sujeito e o XP foco como predicado. A representação em estrutura arbórea da leitura predicacional da sentença em (116) pode ser vista em (117)⁶⁵, abaixo:



Diferentemente dessa estrutura da sentença predicacional, uma estrutura que represente a pseudo-clivada apresenta alguns problemas, pois desrespeita algumas “condições sintáticas canônicas”, como afirma Resenes (2009, p. 99): essas condições são conhecidas na literatura como *efeitos de conectividade* das pseudo-clivadas. Esses efeitos de conectividade são ilustrados pelas sentenças pseudo-clivadas e as sentenças simples correlatas, abaixo, retiradas de Heycock & Kroch (1999):

- (118) a. What Mary_i was was proud of herself_{i/*j}.
 b. Mary_i was proud of herself_{i/*j}.

⁶⁵ Adaptado de Resenes (2009, p. 100), exemplo (2').

- (119) a. What Mary_i was was proud of her_{*i/j}.
 b. Mary_i was proud of her_{*i/j}.
- (120) a. What she_i was was proud of Mary_{*i/j}.
 b. She_i was proud of Mary_{*i/j}.

Os pares de sentenças acima exibem os efeitos dos Princípios A, B e C da teoria da vinculação. Segundo Heycock & Kroch (1999), os padrões de gramaticalidade e interpretação apresentados pelos exemplos (b), e indicados pelos índices, mostram as relações de vinculação entre “sintagmas nominais de diferentes tipos anafóricos” e os antecedentes que os c-comandam. Esses padrões são os mesmos exibidos pelas sentenças dos exemplos (a), no entanto, conforme esses autores, nessas sentenças os antecedentes não c-comandam os elementos que vinculam. Os efeitos de conectividade nas pseudo-clivadas se estendem para outros fenômenos sintáticos, como por exemplo, o licenciamento de itens de polaridade negativa. Essa problemática torna difícil atribuir uma estrutura adequada para essas sentenças.

Antes de apresentar a sua proposta de estrutura para as sentenças pseudo-clivadas, Resenes (2009) retoma um dos argumentos mostrados anteriormente com respeito à distinção entre essas sentenças e as sentenças predicacionais. Essas têm em sua estrutura uma *small clause*, formada pela relativa livre, o sujeito da sentença, que sobe para Spec IP para receber Caso, e pelo outro constituinte, o predicado, que permanece *in situ*, como pode ser observado na estrutura em (117) acima. Já, as pseudo-clivadas não são formadas por uma *small clause* ou, pelo menos, uma *small clause* verdadeira, nos mesmos modelos de uma predicacional. Retomemos o exemplo (114) em (121) abaixo, onde essa distinção pode ser observada:

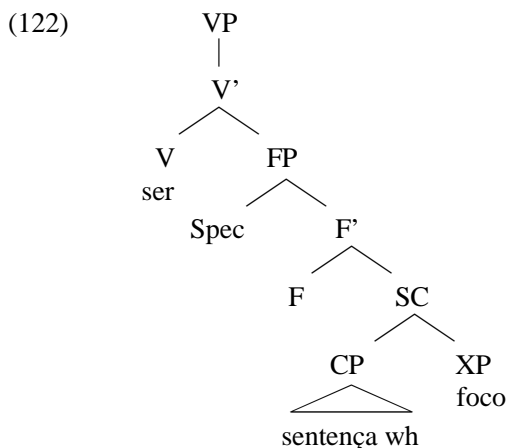
- (121) a. Eu considero o que a Maria é escandaloso.
 b. *Eu considero o que a Maria é escandalosa.

A *small clause* que aparece como complemento do verbo *considerar* deve ser do tipo predicacional, o que é evidenciado pela forma masculina do adjetivo, que concorda com a relativa livre. Por outro lado, como pode ser observado em (121b), uma *small clause* especificacional, em que o adjetivo concorda exclusivamente com *Maria*, não pode figurar como complemento do verbo *considerar*.

Frente a essa oposição, Resenes (2009) assume que, caso a representação de uma pseudo-clivada deva imperativamente conter uma

small clause, essa *small clause* deve ser diferente daquela que aparece na estrutura de uma sentença copular predicacional. Para defender essa idéia, Resenes (2009) se baseia em Heycock & Kroch (1998), para quem as sentenças predicacionais diferem das especificacionais exatamente pelo tipo de *small clause* que as compõem: (i) uma *small clause* equativa nas pseudo-clivadas (especificacionais); e, (ii) uma *small clause* predicativa nas sentenças predicacionais. Para sustentar essa diferença os autores sugerem a existência de um núcleo funcional vazio na *small clause* equativa, enquanto na predicacional esse núcleo está ausente.

Resenes (2009, p. 128) sugere, então, a estrutura de base em (122) para as pseudo-clivadas, assumindo a proposta de Heycock & Kroch (1998) sobre o núcleo funcional vazio, FP na representação abaixo:



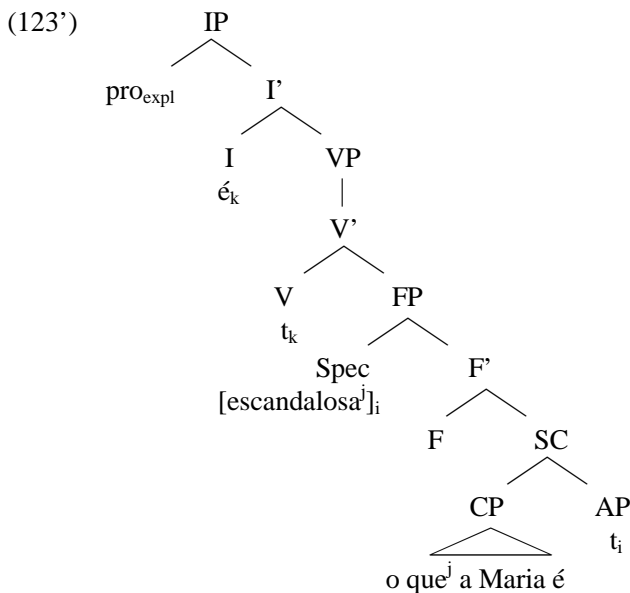
Na estrutura em (122), o FP é utilizado por Resenes (2009) como a categoria funcional que domina a *small clause* das pseudo-clivadas; essa projeção será responsável por alojar o foco da sentença, já que essas são sentenças estruturadas exclusivamente para focalizar⁶⁶. Como

⁶⁶ Durante a defesa desta dissertação Menuzzi argumentou que, sendo uma sentença equativa, então a pseudo-clivada não é usada exclusivamente para focalizar. Menuzzi apontou ainda que a análise proposta por Resenes (2009) não seria econômica, pois pede mais que o necessário – que já é independentemente dado – para derivar as pseudo-clivadas. Segundo Menuzzi, a utilização de um constituinte FP é desnecessária, pois a atribuição de uma determinada curva entoacional é o que realmente definirá a leitura a ser feita para a sentença wh e o “constituinte focalizado”.

em muitas das análises desenvolvidas para a estrutura das clivadas, Resenes (2009) sustenta que a cópula da pseudo-clivada seleciona um FP (*Focus Phrase*) como complemento. Segundo a autora, o elemento focalizado será movido para Spec FP, onde será interpretado como foco e assim a cópula estará dominando imediatamente o constituinte que está sendo focalizado.

Caso apenas esse movimento do foco para Spec FP e o do verbo para I (flexão) sejam realizados, será derivada a pseudo-clivada extraposta, exemplificada em (123) e representada em (123')⁶⁷ – nesse caso o *pro* expletivo será inserido para cumprimento do EPP, de acordo com Resenes (2009):

(123) É escandalosa o que a Maria é.



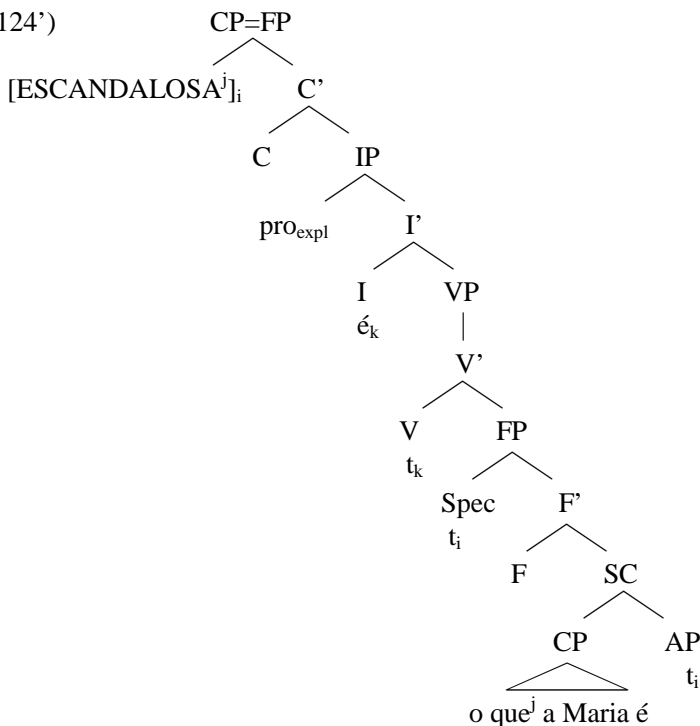
Em seguida, Resenes (2009) mostra como deve ser a derivação de uma pseudo-clivada invertida. Essa derivação difere em muito pouco da derivação da extraposta, apenas exigindo um movimento adicional do foco para a periferia esquerda da sentença, ou seja, o foco sai de Spec FP interno a VP e vai para Spec CP/FP à esquerda de IP. Para Resenes

⁶⁷ Retirado de Resenes (2009), exemplo (70').

(2009) esse movimento adicional é necessário dada a interpretação necessariamente contrastiva recebida pelo foco nesses casos.

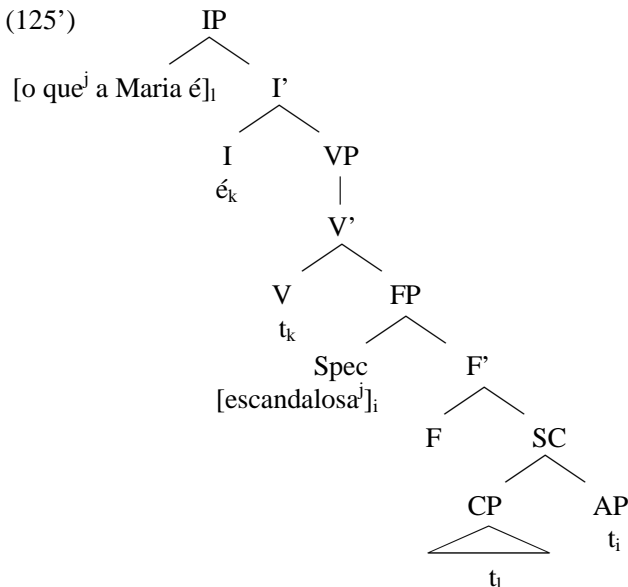
(124) Escandalosa é o que a Maria é.

(124')



Por fim, a derivação da pseudo-clivada canônica, envolve, além do movimento do foco para Spec FP e do verbo para I, o movimento da sentença wh para Spec IP, como pode ser visto em (125'):

(125) O que a Maria é é escandalosa.



Resenes (2009) assume, adicionalmente, que quando o foco da pseudo-clivada canônica e da extraposta for contrastivo haverá um movimento adicional para a periferia esquerda da sentença, para Spec FP e, em seguida, será necessário o movimento remanescente do IP para Spec TopP. Essas categorias localizadas acima de IP são previstas pela hipótese do CP expandido de Rizzi (1997⁶⁸ *apud* RESENES, 2009).

Para a estrutura interna da *small clause*, Resenes (2009) busca apoio nas descrições de Kato & Ribeiro (2005⁶⁹ *apud* RESENES, 2009) e Costa & Duarte (2006⁷⁰ *apud* RESENES, 2009), para quem a SC deve se organizar com a sentença *wh* como sujeito e o foco como predicado. Por outro lado, Resenes (2009) acha difícil sustentar uma análise que considere o foco como sujeito e a sentença *wh* como predicado da *small clause*, como sugerem as análises de Modesto (2001) e Braga *et al* (a

⁶⁸ RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer, p. 281-337, 1997.

⁶⁹ KATO, M. A. & RIBEIRO, I. Cleft sentences and WH-questions in Brazilian Portuguese: a diachronic analysis. Paper presented at the 35th LSRL (*Linguistic Symposium on Romance Languages*), Austin, Texas, 2005.

⁷⁰ COSTA, J. & DUARTE, I. *Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em português*. Ms Universidade Nova de Lisboa e Universidade de Lisboa, 2006.

sair⁷¹ *apud* RESENES, 2009), já que, conforme pode ser verificado nos exemplos abaixo, a ordenação natural de sentenças copulares especificacionais parece ser pressuposição-foco:

- (126) a. Quem é o professor?
b. O professor é o João.
c. #O João é o professor.

- (127) a. Quem é o João?
b. O João é o professor.
c. #O professor é o João.

Outro ponto levantado por Resenes (2009) é que não seria natural gerar um adjetivo na posição de sujeito da *small clause* quando essa categoria figurar como foco na pseudo-clivada. Essa hipótese, no entanto, é assumida por outros autores com algum custo. Modesto (2001), por exemplo, para poder sustentar sua análise da ordenação dentro da *small clause*, necessita de alguns recursos adicionais. Para ele, se uma sentença como (128a) pode ser parafraseada por (128b), mantendo-se a interpretação especificacional, então o foco pode ser tomado como um NP, portanto, pode figurar na posição de argumento dentro da *small clause*.

- (128) a. O que o José é é bobo.
b. José é o seguinte: um bobo.

Mesmo sem debater esse argumento, Resenes (2009) mantém sua análise, assumida também por esta dissertação, de que a ordem dentro da *small clause* é sentença wh, como argumento, e o foco, como predicado.

Até o momento, as estruturas apresentadas por Resenes (2009) conseguiram capturar a maioria das diferenças entre sentenças pseudo-clivadas e sentenças copulares predicacionais, exceto a diferença entre o tipo de sentença wh que compõe cada uma. Já foram mostrados anteriormente os argumentos utilizados pela autora para sustentar sua análise de que a sentença wh da pseudo-clivadas não pode ser uma relativa livre. Porém, apesar de poder mostrar essa diferença, Resenes (2009) ainda tem o problema de mostrar como isso deve ser capturado

⁷¹ BRAGA, M. L.; KATO, M. A.; MIOTO, C. As construções Qu- no português brasileiro falado: relativas, clivadas e interrogativas. In: *Gramática do Português Falado*. vol III, a sair.

pela sintaxe. A retomada de alguns dos argumentos levantados pela autora pode esclarecer um pouco mais essa questão.

As sentenças em (129) são utilizadas por Resenes (2009) para mostrar novamente as diferenças entre sentenças pseudo-clivadas e sentenças predicacionais:

- (129) a. O que a Maria é é escandalosa.
b. O que a Maria é é escandaloso.

Segundo Resenes (2009), a diferença na concordância que se estabelece ou não entre o adjetivo e outro elemento da sentença reflete a diferença que existe entre o elemento *wh* e a sentença *wh* em cada caso. Conforme a autora, a relação existente entre a relativa livre da sentença (129b) e o predicado da *small clause*, pelo qual é selecionada, é diferente da relação que existe entre a sentença *wh* e o foco da pseudo-clivada. Nesse último caso, que é do exemplo (129a), a sentença *wh* *o que a Maria é* está delimitando um domínio, do qual é escolhido um valor para a variável (o elemento *wh*). Além disso, a diferença entre o tipo de elemento *wh* que compõe cada sentença deve ser capturada pela sintaxe. Por ser uma verdadeira relativa livre, a sentença *wh* das predicacionais contém um pronome relativo, que se comporta como um verdadeiro operador. Por outro lado, o elemento *wh* das especificacionais se comporta como uma anáfora, conforme defendido por Boskovic (1997⁷² *apud* RESENEs, 2009), pois seu valor é determinado pelo foco conforme a cadeia [*foco_i, wh_i, t_i*], atuando como uma variável. Resenes (2009, p. 132) utiliza os índices do exemplo em (130) – exemplo (78) da autora – para tentar tornar visíveis que essas diferenças:

- (130) a. [*O que_j*]ⁱ a Mariaⁱ é é [*escandalosa_j*]ⁱ.
b. [*O que a Maria*]ⁱ é é [*escandaloso*]ⁱ.

Essa marcação de índices é tomada pela autora de Mioto (em preparação⁷³ *apud* RESENEs, 2009). Como pode ser verificado através dos índices, em (130a), *escandalosa* é atribuído a *a Maria*, como indicado pelos índices superscritos, através da variável *o que*, com indicado pelos índices subscritos. É dessa forma que Resenes (2009) mostra como se dá o preenchimento do valor da variável encontrada nas

⁷² BOSKOVIC, Z. Pseudoclefts. In: *Studia Linguistica*. v. 51, n. 3, p. 253-277, 1997.

⁷³ MIOTO, C. *Pseudo-clivadas no português brasileiro*. Ms. UFSC, em preparação.

sentenças wh das pseudo-clivadas. Ao contrário, os índices superscritos em (130b) mostram que o adjetivo *escandaloso* predica sobre toda a relativa livre, que é equivalente, nesse caso, a uma expressão referencial.

Apesar de conseguir mostrar as relações existentes entre os elementos da sentença wh e o foco nas pseudo-clivadas, Resenes (2009) não chega a formular uma proposta de representação para essas sentenças wh. A autora reconhece, ainda, que sua proposta não é suficiente para dar conta dos efeitos de conectividade exibidos pelas pseudo-clivadas, como a do exemplo em (131) abaixo – exemplo (79) para a autora:

(131) O que cada aluno tem que trazer é sua bolsa.

Caso essa sentença seja representada na estrutura em (125'), estrutura da pseudo-clivada canônica, o constituinte *cada* não comandará o constituinte que contém *sua*, configuração necessária para representar as relações de escopo dadas pela teoria da vinculação que devem existir entre esses elementos. Mesmo enfrentando esses problemas, Resenes (2009) mantém sua proposta de estrutura de base para as pseudo-clivadas, deixando o exame desses problemas para estudos posteriores.

Apesar desses possíveis problemas, a proposta de Resenes (2009) para a estrutura das pseudo-clivadas se aproxima em um ponto da proposta de Mioto e Negrão (2007) para as clivadas: a existência de uma categoria de foco (FP) interna ao VP destinada a receber o foco da sentença. Considerando essa proximidade na representação estrutural, não seria surpreendente encontrar uma estrutura prosódica também semelhante para as clivadas e as pseudo-clivadas, mesmo considerando que sintaxe e prosódia são níveis relativamente autônomos. No entanto, apenas o exame dos dados de fala podem dizer algo sobre a pertinência dessa hipótese.

3. METODOLOGIA

Este capítulo versa sobre a metodologia utilizada nesta dissertação para obtenção e análise dos dados de fala utilizados para a comparação entre a entoação de sentenças clivadas, relativas, pseudo-clivadas e copulares. Na primeira seção é feita uma descrição de como foi idealizado e montado o experimento para obtenção de dados de fala. Ainda nessa seção será descrita a forma como esse experimento foi gravado. Na segunda seção é apresentada a metodologia utilizada para a análise desses dados de fala baseada na apresentada por Celeste (2007) para a utilização dos programas MOMEL e INTSINT.

3.1 Descrição do experimento

Nesta seção será feita uma descrição do experimento utilizado para a coleta de dados de gravações das sentenças clivadas, relativas, pseudo-clivada e copulares, dado que os objetivos deste texto são a comparação da entoação desses diferentes tipos de sentenças.

Para que esses objetivos pudessem ser alcançados, foi necessária a montagem de um experimento que possibilitasse utilizar uma mesma sentença em contextos por um lado compatíveis com o uso de uma sentença clivada ou pseudo-clivada invertida, e por outro compatíveis com a utilização da sentença como uma relativa encaixada ou uma sentença copular⁷⁴.

Tendo isto em mente, decidiu-se que o experimento seria realizado com base em leitura dirigida, isto é, os falantes leriam na tela do computador a sentença que deveriam produzir, sendo que essa leitura é feita em um contexto que só é compatível com uma única interpretação para a sentença (ou relativa ou clivada, ou pseudo clivada ou copular). Para poder obter o mesmo número de dados para cada tipo de sentença e, ao mesmo tempo, não sobrecarregar os informantes, decidiu-se por um teste composto por 16 sentenças, das quais quatro são sentenças clivadas, quatro relativas, quatro pseudo-clivadas e quatro copulares.

⁷⁴ Conforme aponta Menuzzi, essa forma de organizar o experimento parece não ser suficiente, pois se o que se quer testar são diferenças entoacionais condicionadas pela “estrutura sintática”, é necessário assegurar que outra fonte possível de diferença – e.g. a estrutura informacional – não intervenha. Esse ponto será observado e em trabalhos futuros, que buscarão corrigir tal falha.

Em seguida, foi necessário definir qual o tipo de constituinte que seria colocado como foco nas sentenças clivadas e pseudo-clivadas, tendo sempre em mente que este constituinte também seria o antecedente das relativas e o predicado das copulares. Assim, as sentenças clivadas e relativas foram divididas em quatro pares diferentes, os quais buscavam contemplar diferentes posições sintáticas que os constituinte a serem observados poderiam assumir: (i) verbo transitivo com sujeito clivado ou relativizado; (ii) verbo na forma passiva com objeto (sujeito da passiva) clivado ou relativizado; (iii) verbo transitivo com um adjunto PP clivado ou relativizado; e, (iv) verbo transitivo com objeto clivado ou relativizado.

Por outro lado, as sentenças pseudo-clivadas e copulares exigiram um trabalho diferenciado, pois a sentença *wh* das pseudo-clivadas precisaria ser da mesma categoria que a relativa livre das sentenças copulares, as quais só poderiam ser argumentos ou adjuntos. Para esta pesquisa fez a opção por utilizar apenas sentenças em que a relativa livre e a sentença *wh* fossem argumentos. Assim, para esse caso foram estabelecidos apenas dois grupos, um composto por três pares de sentenças, e o outro composto por apenas um par. Os grupos são os seguintes: (i) o elemento focalizado ou relativizado é sujeito de um verbo intransitivo; (ii) o elemento focalizado ou relativizado é o complemento de um verbo transitivo.

Respeitando esses critérios, as sentenças utilizadas no experimento são as em (1). As sentenças abaixo estão dispostas segundo a ordem em que foram utilizadas no experimento.

- (1) Sentenças do experimento
 - a. (1) A Maria é quem quer namorar (copular)
 - b. (2) Foi o menino que chamou a polícia (relativa)
 - c. (3) O Mauro é quem quer nadar (pseudo-clivada)
 - d. (4) Foi o aluno que foi reprovado (clivada)
 - e. (5) A Maria é quem o Mauro quer namorar (copular)
 - f. (6) Foi no bar que a Ana beijou o Mário (relativa)
 - g. (7) O Mauro é quem quer nadar (copular)
 - h. (8) Foi o aluno que foi reprovado (relativa)
 - i. (9) Foi o carro que a Maria comprou (clivada)
 - j. (10) O Mauro é quem quer dormir (copular)
 - l. (11) Foi o carro que a Maria comprou (relativa)
 - m. (12) Foi o menino que chamou a polícia (clivada)
 - n. (13) A Maria é quem quer namorar (pseudo-clivada)
 - o. (14) Foi no bar que a Ana beijou o Mário (clivada)

- p. (15) O Mauro é quem quer dormir (pseudo-clivada)
q. (16) A Maria é quem o Mauro quer namorar (pseudo-clivada)

Como o objetivo principal da montagem do experimento era o direcionamento do falante para a produção de determinados contornos entoacionais, foram criados pequenos textos que acompanhavam cada sentença, fornecendo o contexto que direcionaria o falante para a produção do contorno adequado. Decidiu-se por misturar todos os tipos de sentenças, sem uma ordem reconhecível de nenhum tipo, para que o informante não se utilizasse disso para criar algum tipo de padrão em sua leitura. Os textos foram colocados em *slides* do programa *Power Point* juntamente com as sentenças, um artifício utilizado para facilitar a visualização e a leitura por parte do falante. Na Figura 1, encontra-se um exemplo de *slide*.

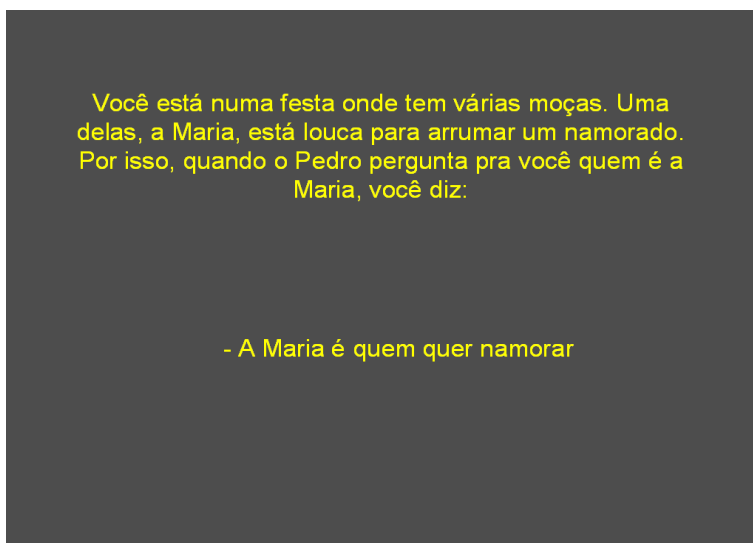


Figura 1: Tela do *Power Point* apresentada aos informantes com o contexto em que a sentença deve ser interpretada (e elocucionada) pelo falante.

A Figura 1 traz um dos contextos utilizados para a obtenção de uma sentença copular. Abaixo encontram-se exemplos dos contextos que foram usados para cada um dos outros tipos de sentenças:

(2) **Pseudo-clivada invertida:**

a. Um amigo seu está louco para arrumar uma namorada, mas ele tem horror à Ana. Você sabe que a Maria e a Ana estão procurando um namorado. Por isso, quando você fala pra ele que conhece uma pessoa que quer namorar e ele te pergunta se é a Ana ou a Maria quem quer namorar, você diz:

b. — A Maria é quem quer namorar.

(3) **Relativa:**

a. Você e o Pedro estão comentando que houve um assalto na casa do seu vizinho, onde teve um tiroteio com a polícia e um menino ficou ferido. Quando o Pedro pergunta se você sabe quem ficou ferido, você diz:

b. — Foi o menino que chamou a polícia.⁷⁵

(4) **Clivada:**

a. Houve um assalto na casa do seu vizinho, que tem dois filhos, um menino e uma menina. O Pedro vem comentar o fato com você e perguntar se você sabe qual dos filhos do vizinho chamou a polícia, ao que você responde:

b. — Foi o menino que chamou a polícia.

Todos os contextos e sentenças foram apresentados aos falantes utilizando o mesmo formato daquele presente na Figura 1. Os contextos restantes podem ser encontrados integralmente no Anexo 1.

Por fim, resta falar sobre a gravação desse experimento. Para essa tarefa, foram convidadas 5 mulheres, todas residentes na cidade de Florianópolis, com idades entre 21 e 28 anos e todas com nível universitário. Decidiu-se pela utilização de mulheres para a gravação pois, como já registrado na literatura da área as mulheres utilizam uma faixa de variação de *pitch* maior do que a dos homens, o que facilita bastante o trabalho de visualização dos contornos e descrição dos resultados. Cada uma dessas informantes deveria ler silenciosamente o contexto e em seguida pronunciar a sentença que seria gravada com a utilização de um microfone ligado ao computador. Para a obtenção de dados mais consistentes foram feitas duas rodadas de gravação com cada informante, ou seja, a sequência de sentenças foi enunciada duas

⁷⁵ Menuzzi apontou para o fato de uma sentença como a de (3b) poder apresentar o mesmo contorno entoacional/estrutura informacional, ainda que “o menino que chamou a polícia” seja pressuposto. Esse é um ponto a ser testado em trabalhos futuros.

vezes por cada falante. Ao final das gravações, obteve-se um total de 32 sentenças por informante, o que gerou um total de 160 sentenças para serem analisadas.

A gravação das sentenças foi feita utilizando o programa PRAAT, versão 5.0.47. O microfone utilizado foi um Le Son SM 58 P4. Para a análise dos dados, foi utilizado o *script* MOMEL/INTSINT for PRAAT, versão 10.3. Uma descrição mais detalhada da utilização desse *script* na análise será feita na próxima seção.

3.2 A utilização do script MOMEL/INTSINT

Segundo Celeste (2007, p. 35), aquilo que o falante sabe sobre a entoação de uma língua compreende tanto o conhecimento das formas melódicas como o conhecimento sobre as funções atribuídas a essas formas melódicas. Porém, para essa autora um estudo da função que uma determinada melodia possa apresentar deve ser precedido por um estudo bastante detalhado das formas melódicas da língua.

Foi a necessidade desse tipo de estudo que norteou a criação de dois programas de computador: o IPO⁷⁶ e o MOMEL (**M**odélisation de **M**elodie)⁷⁷, idealizados para fazer a extração automática da informação entoacional da fala através de um processo de estilização.

Os dois programas têm diferenças na forma como realizam a estilização. Essas diferenças são norteadas pelo foco de interesse dos pesquisadores que elaboraram os programas. t'Hart, Collier e Cohen (1990⁷⁸ *apud* CELESTE, 2007) querem descobrir como o ouvinte percebe o *pitch* na fala. Segundo Celeste (2007, p. 35-36), esses autores buscam responder as seguintes questões: (i) Quais unidades melódicas o ouvinte distingue?; (ii) Como ele as estrutura na percepção global da curva melódica?; (iii) Como relaciona o contorno percebido às entidades melódicas mais abstratas?; e, (iv) Como integra informação textual e melódica formando uma única mensagem linguística?

Parece claro que os idealizadores do IPO decidiram-se por uma análise voltada para a percepção do falante. Esses autores justificam sua escolha afirmando que a percepção atua como um filtro reduzindo os dados acústicos àqueles relevantes para a comunicação. Assim, percebe-

⁷⁶ Desenvolvido no Intitute of Perception Research.

⁷⁷ Desenvolvido no Laboratoire Parole et Langage.

⁷⁸ HART (T'), J. COLLIER, R. COHEN, A. *A perceptual study of intonation: an experimental-phonetic approach to speech melody*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

se que os estudos de entoação feitos pelo IPO estão baseados em um “modelo de ouvinte”, como afirma Celeste (2007, p. 37).

Já os idealizadores do MOMEL tinham como questão realmente desafiadora a da reversibilidade, ou, como formulado em Hirst e Espesser (1993⁷⁹ *apud* CELESTE, 2007, p. 36): “Dada uma curva de F_0 , como nós podemos recuperar uma representação simbólica? Mesmo se nós formos capazes de realizar tal codificação simbólica automaticamente, como nós poderíamos validar a saída de tal programa?” (tradução nossa).

Essas questões deixam claro que o modelo de estilização do MOMEL tem como base uma abordagem acústica. Para Hirst e Espesser (1993, *apud* CELESTE, 2007), é desejável que haja um sistema automático de modelagem automático da curva melódica, pois um algoritmo eficiente seria útil tanto para ser utilizado em coletas de dados, quanto para sintetizar fala; seria útil ainda para estudos que envolvessem o reconhecimento automático da fala. Assim, diferentemente da abordagem perceptiva do IPO, a abordagem acústica do MOMEL se volta para questões de codificação e síntese, ou seja, de produção, como afirma Celeste (2007).

Há, ainda, uma diferença de visão dos idealizadores do IPO e do MOMEL com relação a F_0 . Os primeiros não acham prudente desconsiderar os efeitos segmentais sobre a curva de *pitch*; já os segundos pensam que há a necessidade de se separarem os efeitos segmentais dos suprasegmentais.

A estilização feita pelo MOMEL se diferencia da feita pelo IPO pois se utiliza de uma função quadrática, que traz como resultado um contorno de *pitch* que acompanha o movimento da curva original, o que produz, sem perda de informações significativas, uma curva entoacional muito próxima da original. Para conseguir tal resultado, a aplicação do MOMEL sobre a curva de *pitch* se realiza em 4 estágios:

(6) Quatro estágios do MOMEL

(I) Pré-processamento de F_0 – nível básico

(II) Estimação dos pontos candidatos – nível fonético

(III) Divisão dos alvos candidatos – nível fonológico de superfície

⁷⁹ No original: “Given an F_0 curve, how can we recover a symbolic representation? Even if we are able to perform such symbolic coding automatically, how should we validate the output of such programme?”. HIRST, D. ESPESSER, R. *Automatic Modeling of Fundamental Frequency Using a Quadratic Spline Function*. Aix-Provence: Travaux de l’Institut de Phonétique, 1993.

(IV) Redução dos pontos candidatos – nível fonológico subjacente

Observe agora as figuras a seguir. A Figura 2 traz uma janela do programa PRAAT em que se encontra a curva entoacional original de uma sentença; a Figura 3 traz a mesma sentença, dessa vez estilizada pelo MOMEL.

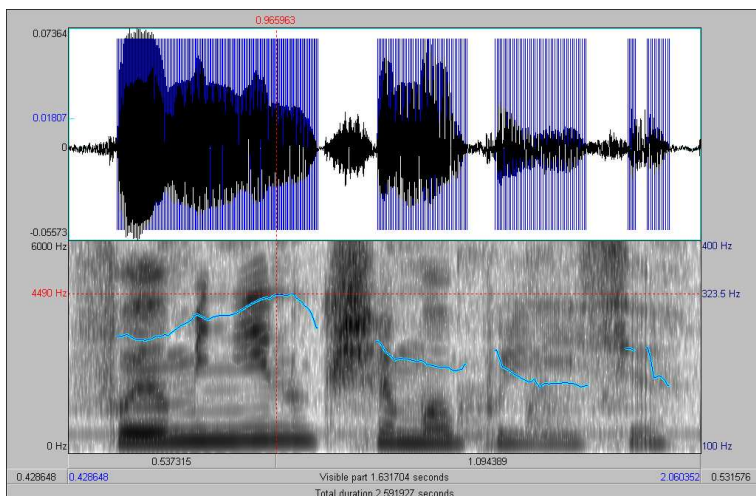


Figura 2: Tela do programa PRAAT concernente à realização fonética da sentença clivada “Foi o menino que chamou a polícia”, contendo as seguintes informações: na parte superior, com fundo branco, a forma de onda (em preto) e os pulsos glotais, que indicam vocalização (em azul). Na parte inferior está o espectrograma de banda larga, ao fundo preenchendo todo o quadro, e sobreposta a ele está a curva de *pitch* (a linha azul).

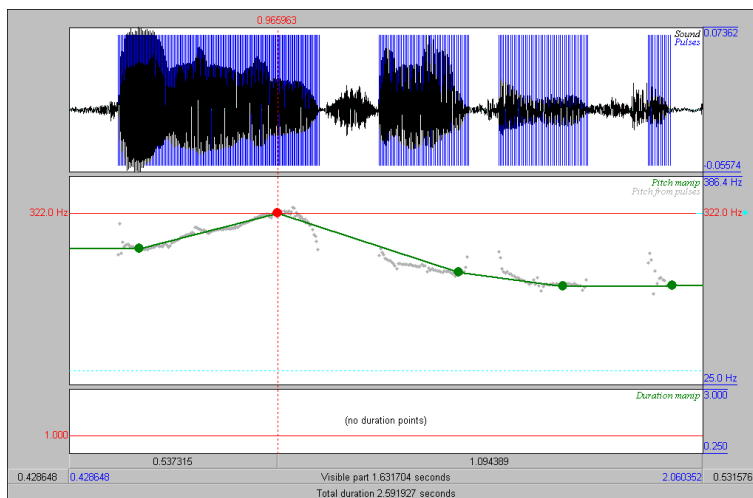


Figura 3: Tela do programa MOMEL mostrando a estilização da sentença clivada “Foi o menino que chamou a polícia”. Na parte superior são encontradas a forma de onda e os pulsos glotais; na parte inferior, a linha em verde corresponde à estilização da curva melódica feita pelo MOMEL. Os pontos que estão dispostos ao longo da linha são os pontos-alvo escolhidos pelo algoritmo do MOMEL. A linha cinza representa a curva melódica original.

Com a elaboração de programas com a capacidade de extrair automaticamente a informação entoacional da fala, os pesquisadores passaram a sentir necessidade de criar sistemas de notação que pudessem ser utilizados como um padrão para a transcrição das curvas melódicas. Foi com essa finalidade que surgiram programas como o ToBI (Tone and Break Índices) e o INTSINT (International System of Intonation Transcription), criados com base nas teorias auto-segmental e métrica.

As análises mais tradicionais da entoação, como a de Halliday (1976 *apud* CELESTE, 2007)⁸⁰ entendiam que ela se compunha de uma sequência de movimentos ascendentes e descendentes. Liberman (1975 *apud* CELESTE, 2007), diferentemente das análises anteriores para o inglês, sugeriu que a curva entoacional é composta por uma sequência de pontos principais que são interpolados foneticamente.

É apoiada no quadro teórico da teoria auto-segmental e métrica, fundado por Lieberman e desenvolvido por Goldsmith (1990 *apud* CELESTE, 2007), que Pierrehumbert (1987 *apud* CELESTE, 2007, p.

⁸⁰ HALLIDAY, M. A. K. HASSAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

34) busca dois objetivos em sua tese: (i) desenvolver uma representação abstrata para entoação do inglês; e (ii) investigar as regras que mapeiam essas representações fonológicas abstratas dentro das representações fonéticas, ou seja, relacionar texto e entoação. É a partir dessa tese que Ladd (1990 *apud* CELESTE, 2007) desenvolveu a teoria que originou o ToBI.

Segundo Celeste (2007), o modelo de transcrição apresentado pelo ToBI obteve uma grande aceitação entre os pesquisadores por dois motivos: (i) não havia até o momento um sistema de transcrição da entoação amplamente aceito; e (ii) havia uma crescente busca por métodos computacionais que contribuíssem para o melhoramento da tecnologia de síntese e reconhecimento da fala.

Apesar de sua larga aceitação, o ToBI não se afirma como um alfabeto fonético internacional de transcrição para a prosódia; na verdade, deve haver “um estudo meticuloso da entonação de uma língua antes da sua implementação” (CELESTE, 2007:54). Ou seja, o ToBI só se aplica realmente ao inglês.

Por sua vez, o INTSINT nasceu de um estudo entoacional de 20 línguas diferentes que tinha como objetivo a criação de um sistema de códigos especificamente voltado para a análise prosódica. Hirst e Di Cristo (1998⁸¹ *apud* CELESTE, 2007), seus idealizadores, buscavam um código que fosse capaz de representar qualquer tipo de distinção entoacional significativa linguisticamente. Visto de outro modo, o INTSINT foi concebido para fazer uma descrição acurada das distinções entoacionais encontradas nas diferentes línguas, procurando construir os padrões que possam diferenciar os contornos melódicos de cada uma delas. Assim, como observa Celeste (2007, p. 55) “os códigos do INTSINT seriam equivalentes ao sistema de transcrição de sons do IPA”. O INTSINT, portanto, pode ser aplicado a qualquer língua oral humana.

A descrição feita pelo INTSINT utiliza uma série limitada de símbolos, representando os tons, que são atribuídos aos pontos alvos obtidos através da estilização feita pelo MOMEL. A lista de símbolos tonais é representada pelos seguintes símbolos ortográficos: T (*top*), M (*mid*), B (*bottom*), H (*higher*), S (*same*), L (*lower*), U (*upstepped*), D (*downstepped*).

⁸¹ HIRST, D. & DI CRISTO, A. A survey of intonation systems. In: Hirst & Di Cristo (eds). *Intonation Systems: A Survey of Twenty Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

Desses símbolos, três são valores absolutos: T e B, correspondendo ao ponto mais alto e mais baixo da curva, respectivamente, representam a tessitura do falante; M representa o ponto médio entre T e B e é usado quando o primeiro ponto não é nem alto nem baixo. Já os outros pontos são sempre definidos com relação ao ponto que o antecede; assim, S é usado quando o ponto não tem diferença relevante com o ponto precedente; H (mais alto) e U (subida suave) são utilizados quando o ponto é mais alto que o precedente; e, L (mais baixo) e D (descida suave), quando o ponto é mais baixo. Por haver muita discussão em torno da distinção entre H e U, ou L e D, foram elaboradas várias versões dessa notação: (i) *versão HL*, (ii) *versão configuração*, (iii) *versão mista*, (iv) *versão ampliada 2*, (v) *versão ampliada 3* e (vi) *versão de níveis*.

Segundo Celeste (2007), dentre todas essas versões as que mostram melhor aplicabilidade em estudos comparativos entre línguas são a *versão ampliada 3* e a *versão de níveis*. No entanto, a notação de Hirst & Di Cristo (1998 *apud* CELESTE, 2007) continua sendo a mais utilizada. Nela H e L são picos ou vales, respectivamente, e U e D se apresentam na curva melódica como “pontos mais nivelados”, subindo ou descendo.

A descrição feita pelo INTSINT ainda pode ser codificada fazendo-se uso de ícones, como na Tabela (1):

Absolutos		T ↑	M →	B ↓
Relativos	Maior intervalo	H ↑	-	L ↓
	Menor intervalo	U <	-	D >

Tabela 1: Notação utilizada por Hirst & Di Cristo (1998). A primeira linha mostra os valores absolutos T, M e B junto com a notação em setas utilizada pelos autores. As duas linhas de baixo mostram os valores altos e baixos, divididos em maior e menor intervalo, junto com a notação em setas.

Hirst (2005⁸² *apud* CELESTE, 2007) afirma que a aplicação do INTSINT sobre a estilização feita pelo MOMEL é totalmente automatizada, seguindo uma fórmula matemática⁸³. Hirst (2005 *apud* CELESTE, 2007) afirma, adicionalmente, que o INTSINT não tem como objetivo final prever características prosódicas dos enunciados,

⁸² HIRST, D. *Form and Function in the Representation of Speech Prosody*. Aix-en-Provence: Université de Provence, 2005.

⁸³ Para o leitor interessado nos detalhes matemáticos da aplicação do INTSINT sobre a estilização feita pelo MOMEL, ver Celeste (2007, p. 61).

mas sim reproduzir essas características de uma forma apropriada fazendo uso de uma metodologia forte.

Um exemplo da aplicação do INTSINT pode ser encontrado nas Figuras 4 e 5. A primeira representa uma estilização do MOMEL e a segunda, o resultado da aplicação do INTSINT.

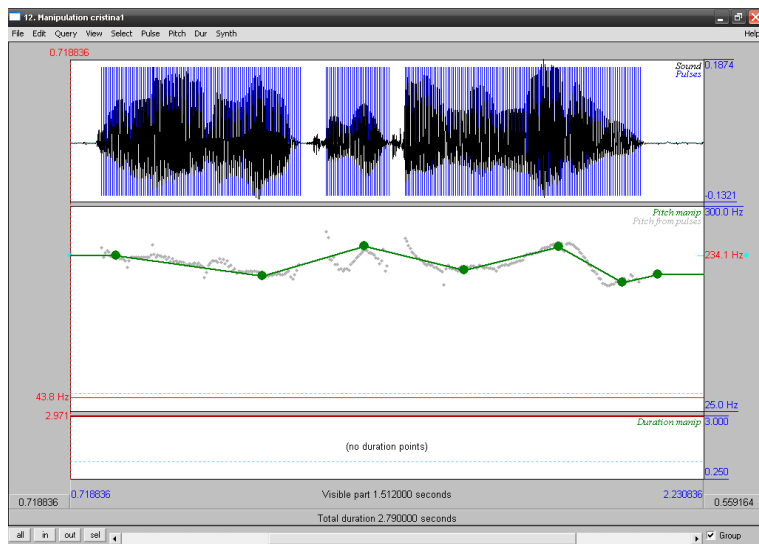


Figura 4: Tela do programa MOMEL mostrando a estilização da curva entoacional da sentença copular “A Maria é quem quer namorar”, na parte inferior, juntamente com os pontos alvo para os quais o INTSINT atribuirá símbolos tonais (os pontos em verde).

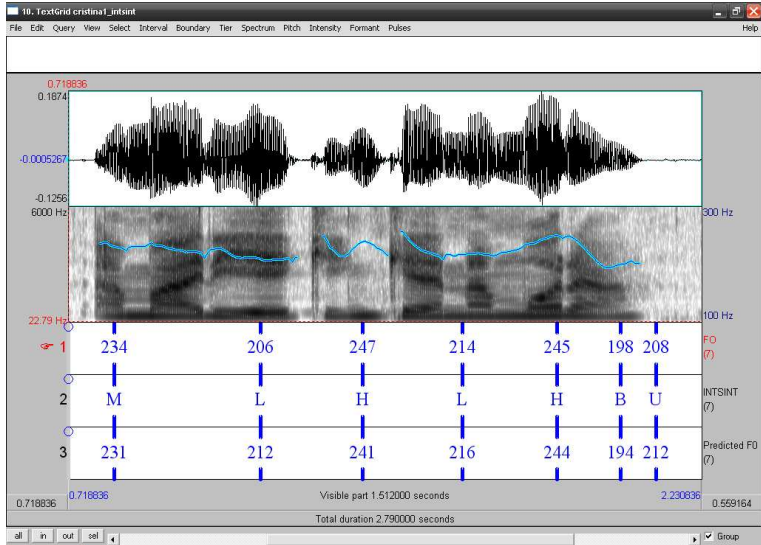


Figura 5: Tela do programa PRAAT mostrando a transcrição da curva de *pitch* da sentença copular “A Maria é quem quer namorar” realizada pelo INTSINT. Essa transcrição é feita em três faixas horizontais localizadas logo abaixo do espectrograma: a primeira, de cima para baixo, mostra os valores de F_0 da estilização feita pelo MOMEL; a segunda traz a transcrição para símbolos tonais feita pelo INTSINT; na terceira linha se encontram os valores de F_0 após os cálculos do INTSINT.

Por fim, pode-se resumir as diferenças entre o ToBI e o INTSINT da seguinte maneira: o ToBI traz uma representação que mistura forma e função, pois se baseia na sílaba proeminente e na mudança entoativa; já o INTSINT propõe uma análise da forma, ou seja, do nível fonológico de superfície. Nessa análise os pontos alvos apontados pelo MOMEL representam os pontos mais relevantes da curva de F_0 e não são consideradas as unidade entoativas. Independentemente do tipo de analisador tonal que se use, o que se quer é obter uma análise mais objetiva, realizada sob parâmetros objetivos e recorrentes que foram obtidos da mesma forma para todos os dados. Porém, como não há na rede disponível uma versão do ToBI para o português (e o INTSINT está disponível e serve para qualquer língua), e, adicionalmente, o INTSINT se encaixa no objetivo desta dissertação, que é descrever os padrões entoacionais de um grupo de sentenças, então, o INTSINT, parece ser a melhor escolha para fazer essa descrição. No próximo

capítulo serão apresentados e discutidos os resultados obtidos para as sentenças gravadas, após sua análise pelo MOMEL e pelo INTSINT.

4. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Sentenças clivadas e relativas, assim como pseudo-clivadas e copulares, apesar de apresentarem a mesma ordem linear para os elementos que as constituem, têm certas características sintáticas e semânticas, discutidas por Mioto & Negrão (2007), que mostram o quanto essas sentenças são diferentes entre si. O objetivo primeiro do presente estudo é explorar uma das características apontada por Mioto & Negrão (2007) para diferenciar uma sentença clivada de uma relativa encaixada: a distribuição dos acentos prosódicos da sentença. Esse fator, segundo os autores, possui um papel bastante importante na diferenciação desses dois tipos de sentença.

Neste capítulo serão apresentados os resultados quanto aos dados de fala obtidos no experimento. Um dos pontos aqui será mostrar se as generalizações feitas por Mioto & Negrão (2007) quanto à prosódia dessas sentenças se confirmam. Caso se confirmem, esse será um argumento mais sólido para defender a diferença entre as sentenças clivadas e relativas, em especial se a tese geral da correspondência (mesmo que parcial) entre sintaxe e prosódia também for verdadeira. Como já dito anteriormente, este texto não busca defender que a prosódia de uma sentença tenha interferência em sua estrutura; porém, caso a diferença apontada por Mioto & Negrão (2007) seja comprovada, será possível mostrar que a prosódia é capaz de indicar certas formas de organizar os constituintes na sintaxe⁸⁴.

Outro objetivo a ser buscado neste capítulo, como apontado anteriormente, é uma descrição da entoação das sentenças pseudo-clivadas invertidas, que são muito parecidas com as clivadas e, por esse motivo, foram preferidas aos outros tipos de pseudo-clivadas. Quanto às copulares predicacionais, foram escolhidas por apresentarem a mesma ordem linear que as pseudo-clivadas invertidas. No entanto, como defendido por Resenes (2009), essas sentenças também não podem ter a mesma estrutura. Assim, um segundo objetivo deste estudo é observar a entoação desses tipos de sentenças para verificar se elas se diferenciam entoacionalmente, assim como as relativas e clivadas. Caso essa

⁸⁴ De acordo com Figueiredo Silva (comunicação pessoal) não é sempre que diferenças na estrutura sintática influenciam diferenças prosódicas, no entanto, o fato é que diferenças prosódicas sistemáticas (quer dizer, fonológicas, não simplesmente fonéticas) devem ser entendidas como sinais de alguma diferença de um outro nível (sintático, semântico, pragmático – dependendo de como se considera a “articulação informacional” corrigido), mesmo porque as pistas prosódicas são a primeira coisa a que a criança tem acesso.

diferença seja encontrada também para sentenças pseudo-clivadas e copulares, aqui será erigido, então, um argumento mais sólido para defender a diferença entre essas sentenças.

Este capítulo será dividido como segue. Na primeira seção serão apresentados os resultados concernentes às sentenças clivadas. Na seção 4.1.2 serão discutidos os resultados encontrados para a entoação das sentenças relativas. Na sequência, a seção 4.2.1 traz os resultados relativos às sentenças pseudo-clivadas. Então, na seção 4.2.2 serão apresentados os resultados das sentenças copulares. Em cada uma das seções serão retomadas as sentenças que estão sendo observadas, sendo que o conjunto completo dos contextos utilizados na gravação do experimento pode ser encontrado no Anexo 1. Por fim, será feita uma discussão acerca dos padrões entoacionais que aproximam pseudo-clivadas e clivadas.

4.1 “Sentenças Clivadas *versus* sentenças relativas”

4.1.1 Sentenças clivadas

Nessa seção serão apresentados os dados obtidos quanto à entoação das sentenças clivadas. Neste ponto é necessário retomar um dos apontamentos feitos por Mioto & Negrão (2007) acerca da prosódia dessas sentenças que, segundo os autores, é uma das formas de desambiguar uma sentença como a de (1), quando responde a uma das questões em (2).

- (1) Foi o aluno [que foi reprovado].
- (2) a. Quem foi que foi reprovado?
b. Qual foi o aluno que pediu revisão de prova?

Como visto na seção 2.1.2, a sentença em (1) é ambígua quanto a ser uma sentença clivada, quando responde a (2a), ou uma sentença relativa, quando responde a (2b). Como apontam Mioto & Negrão (2007), uma das formas de diferenciar essas leituras é pela prosódia dessas respostas. Segundo os autores, quando a sentença em (1) responde a (2a), o valor mais proeminente de *pitch* cai sobre a sílaba tônica de *aluno*. Por outro lado, quando a sentença responde a (2b), o valor mais proeminente cai sobre a sílaba portadora do acento nuclear da sentença, isto é, a sílaba tônica de *reprovado*. Outro ponto de

diferenciação, segundo os autores, é o valor de F_0 que está sobre a sílaba tônica de *aluno*. Quando a sentença é uma clivada, esse valor é mais alto do que quando a sentença é uma relativa. Contudo, os autores não se estendem muito nessa discussão.

Os dados obtidos nesta pesquisa buscam verificar exatamente essa diferença nos valores. No entanto, a observação dos valores não ficará restrita à sílaba tônica do constituinte focalizado, mas se estenderá aos demais valores da sentença. A observação de todo o contorno prosódico indicará se existem outras diferenças entre as sentenças e, portanto, apontará para outros pontos de diferenciação entre as sentenças.

A Tabela 2⁸⁵ exibe as codificações atribuídas pelo INTSINT para os pontos-alvo encontrados pelo MOMEL durante a estilização da curva entonacional das sentenças clivadas, repetidas em (3) conforme a ordenação na tabela, para comodidade do leitor. Foram analisadas ao todo 40 sentenças, das quais foram extraídos os pontos-alvo considerados mais significativos para posterior comparação com as sentenças relativas.

(3) Sentenças clivadas

- a. (12) Foi o menino que chamou a polícia
- b. (4) Foi o aluno que foi reprovado
- c. (14) Foi no bar que a Ana beijou o Mário
- d. (9) Foi o carro que a Maria comprou

⁸⁵ Os números que acompanham cada sentença são utilizados para identificar cada uma delas dentro das tabelas com os resultados. Assim, uma informação como “5-11.2”, contida na primeira coluna das tabelas, indica o seguinte: (a) 5 indica o informante; (b) 11 indica a sentença; e, por último, (c) 2 indica a qual das duas rodadas de gravação pertence aquela produção da sentença. Ainda sobre a notação dentro da tabela, os resultados nas colunas são organizados da seguinte maneira: primeiro o tom atribuído pelo INTSINT; o segundo é o valor de *pitch* desse tom; e, por último, a letra que acompanha o valor do *pitch* indica se o acento está alinhado ao início (i), ou ao final (f) da sílaba tônica.

Observe agora a Tabela 2:

Inf/sen	Cópula	Foco	QUE	V encaixado	Tônica final
1-12.1	L – 235f	H – 338f		B – 211f	S – 193f
1-12.2	D- 255f	T – 339f		L – 209f	D – 195f
3-12.1	L – 218f	T – 287f		B – 201f	S – 203f
3-12.2	D – 218f	H – 290f	L – 223f		D – 205i
4-12.1	D – 203f	U – 230f	L – 191i	B- 161f	S – 164f
4-12.2	L – 204f	H – 225i	D – 209i	B – 176f	S – 166f
5-12.1	D – 218f	T – 250f	D – 204f	D – 194i	D – 197i
5-12.2	D – 229f	T – 253i	L – 192i	S – 187i	D – 201i
6-12.1	D – 201f	T – 227i		M – 184i	D – 173i
6-12.2	L – 195f	H – 235i		B – 173f	S – 163f
1-4.1	M – 266i	H – 315f			D – 189f
1-4.2	M – 262f	U – 304f			D – 191f
3-4.1	M – 230f	H – 268f		L – 211i	D – 195f
3-4.2	M – 228f	T – 278f		L – 227i	D – 215i
4-4.1	M – 242i	U – 244f		D – 229f	B – 157f
4-4.2	M – 222i	U – 228i		L – 194f	B – 169f
5-4.1	D – 235f	U – 272f		L – 215i	S – 204i
5-4.2	L – 207f	T – 248f	L – 198i	S – 204f	D- 192i
6-4.1	D – 186f	H – 227f	L – 184i	D – 173f	D – 168i
6-4.2	D – 201f	U – 249f		L – 185f	L – 157i
1-14.1	T – 272f	S – 285f	L – 205f	D – 208f	D – 191f
1-14.2	T – 295i	H – 282f		S – 214f	L – 183f
3-14.1	L – 210f	T – 263f		U – 205i	B – 184f
3-14.2	D – 234f	U – 283f		S – 224i	D – 208f
4-14.1	S – 223f	S – 229f		D – 185f	B – 164f
4-14.2	D – 213f	H – 226f		D – 177f	L – 157f
5-14.1	T – 240i	S – 241f		U – 206i	L – 180f
5-14.2	D – 213f	T – 235i	D – 208i	S – 196i	D – 186f
6-14.1	L – 180f	H – 208i U – 217f		L – 178i	B – 161f
6-14.2	D – 191	H – 200i U – 217f		U – 179f	L – 158f
1-9.1	D – 255f	T – 321i			D – 195f
1-9.2	D – 254f	T – 303i			D – 187f

4. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

3-9.1	M – 230f	T – 268f			U – 210i
3-9.2	L – 235f	U – 289f			S – 203f
4-9.1	D – 207f	T – 237i	D – 205i		D – 171f
4-9.2	D – 210f	S – 211f			D – 183i
5-9.1	D – 225f	T – 250i	L – 209i		L – 186f
5-9.2	D – 214f	T – 257i	L – 196i		D – 183i
6-9.1	D – 199f	T – 233i	D – 200i		U – 188i
6-9.2	L – 196f	T – 248i	L – 189i		B – 156f

Tabela 2 – Valores de *pitch* e codificação atribuída pelo INTSINT para os pontos-alvo encontrados pelo MOMEL na estilização das curvas de *pitch* das sentenças clivadas.

Dos resultados apresentados na Tabela 2 é possível extrair o Gráfico 1, com as porcentagens de atribuição ou não de algum tipo de acento a cada um dos elementos destacados.

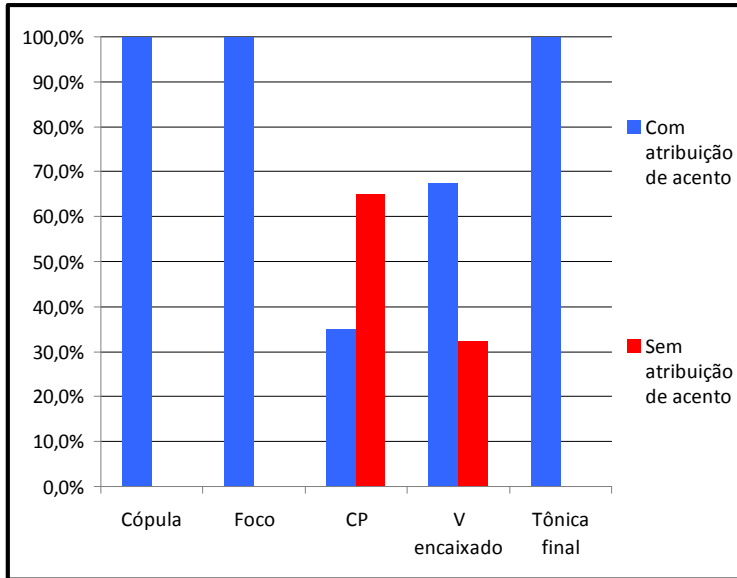


Gráfico 1 – Porcentagem de atribuição dos acentos aos elementos constitutivos das sentenças clivadas.

Como pode ser verificado através do gráfico acima, os únicos elementos que se apresentam sem atribuição de acento em todas as elocuções são o CP e o verbo encaixado. No caso do CP, só há

atribuição de algum valor para o acento em 35% dos casos. Já o verbo encaixado apresenta acentos em 67,5% dos casos, porém há uma diferença quanto à organização interna das sentenças que leva a esse resultado. Como pode ser visto na Tabela 2, o último grupo de sentenças não apresenta, em nenhum dos casos, proeminência acentual sobre o verbo encaixado, mas isso se deve ao fato de, nessa sentença, retomada em (4) abaixo, o verbo encaixado ser o último elemento: portanto, ele leva o acento da Tônica final da sentença. A quantificação desses dados passa a constar na coluna final da Tabela 2, Tônica final.

(4) Foi o carro que a Maria comprou.

Observe agora o Gráfico 2, que mostra a porcentagem de acentos altos ou baixos atribuídos para cada um dos elementos da Tabela 2:

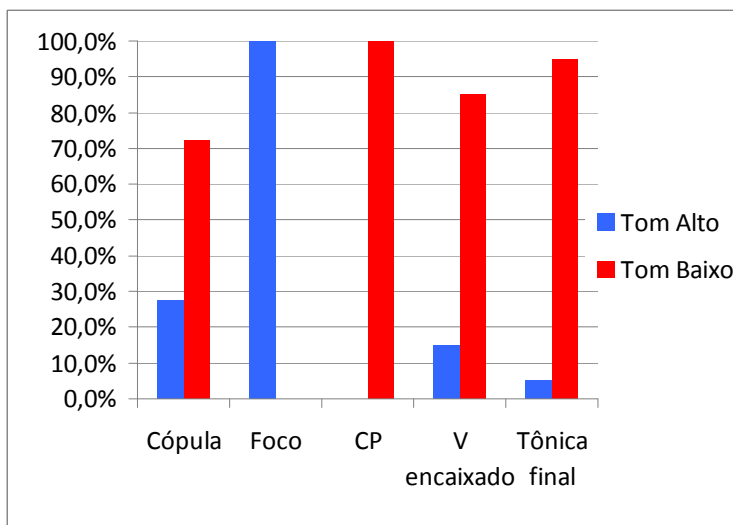


Gráfico 2 – Porcentagem de atribuição de acentos altos e baixos para os elementos da constitutivos das sentenças clivadas.

Uma primeira observação dos dados apresentados no Gráfico 2 permite notar que há uma diferença bastante substancial quanto à distribuição dos acentos sobre o foco e o CP da clivada. Quanto ao acento que recai sobre o foco, em 100% dos casos ele é um tom alto, diferenciado apenas pela notação atribuída pelo INTSINT, que varia entre H, U, T e S (precedido de tom alto). Já o acento alinhado com o

CP, que, como visto no Gráfico 1, aparece em 35% das sentenças, foi marcado como baixo pelo INTSINT em 100% dos casos, sendo que esses movimentos sempre se realizam como um tom L ou D. No restante da sentença, a cópula recebeu tons baixos em 72,5% das sentenças; o verbo encaixado em 85% dos casos foi marcado com tons baixos; e, a Tônica final em 95% das vezes recebeu tons baixos, evidentemente porque se trata de uma sentença declarativa.

Quanto ao acento alto encontrado sobre o constituinte clivado, uma observação mais atenta da Tabela 2 mostra que ele exibe os valores de *pitch* mais altos em todas as sentenças. Isso corrobora os resultados encontrados por Mioto & Negrão (2007), que também apontam este constituinte como sendo o que carrega o acento mais alto. Por outro lado, o acento alinhado sobre o CP, quando presente, é sempre baixo, o que parece indicar que a estrutura informacional da sentença está sendo, realçada pelo contorno entoacional: o contraste entre tom alto e tom baixo torna mais saliente o constituinte clivado. Esse contraste entre tom alto e tom baixo, que salienta a parte focalizada da sentença, faz surgir um questionamento: seria possível encontrar essa mesma relação em outras sentenças que apresentam focalização? Como a resposta a este questionamento ultrapassa os objetivos desta dissertação, fica aqui uma meta para trabalhos futuros.

É interessante notar a forma que assume a curva de *pitch*, que pode ser vista na Figura 6:

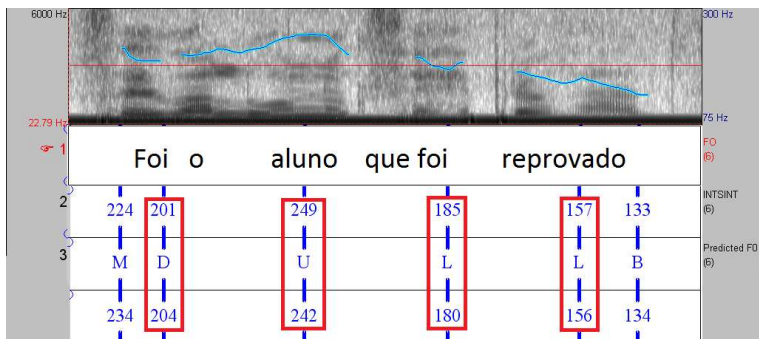


Figura 6 – Curva de *pitch* da sentença clivada *Foi o aluno que foi reprovado*, com a notação do INTSINT.

Na figura acima, os quadros vermelhos estão assinalando os valores que foram indicados na Tabela 2 respectivamente para a cópula, a tônica do foco, o verbo encaixado (o auxiliar *foi* nesta sentença) e a

tônica final. Note que o CP não recebeu acento, neste caso. Porém, o importante a notar aqui é a linha vermelha⁸⁶ que divide a curva em duas metades: uma parte da curva, que está acima da linha, comporta os acentos da parte inicial da sentença, ou seja, os acentos que recaem sobre o foco, *Foi o aluno*; a segunda metade, aquela que está abaixo da linha vermelha, agrupa os acentos do CP, do verbo encaixado e da tônica final. É interessante observar que toda esta segunda parte da curva de *pitch* está situada em uma faixa de variação abaixo daquela que vem antes do CP, incluindo o constituinte marcado com D pelo INTSINT. Evidentemente, como pode ser visualizado na Figura 6, o acento que cai sobre o foco é o mais alto de toda a sentença o que está de acordo com Frota (1997a) e toda a literatura sobre entoação, para quem o constituinte que carrega informações sintáticas e semânticas relacionadas ao foco deve, obrigatoriamente, receber o acento mais proeminente.

A presença desses tons baixos sobre o CP revela uma tendência a um rápido abaixamento da curva entonacional da sentença clivada logo depois do constituinte focalizado. Essa tendência é confirmada pela pouca presença de tons altos sobre o V encaixado ou a tônica final, que gira em torno dos 7,5 e 5% respectivamente. E, mesmo quando esses tons estão presentes, eles se apresentam em um nível bem mais baixo que os tons altos encontrados no início da sentença. Um questionamento que surge aqui é: o que representa esse abaixamento dos tons da sentença, após o constituinte clivado?⁸⁷ Será esse um caso de mudança de tessitura? Se a afirmação de Moraes (1998) sobre a entoação de sentenças focalizadas estiver correta, esse parece ser um caso em que se configura uma mudança de tessitura. Essa discussão será retomada mais adiante.

Na próxima seção serão mostrados os resultados encontrados para as sentenças relativas, e também uma discussão sobre como esses resultados se relacionam com os encontrados para as sentenças clivadas.

4.1.2 Sentenças relativas

⁸⁶ Essa linha vermelha não é a linha tracejada que aparece normalmente no programa Praat. A linha utilizada na Figura 6, e nas demais figuras, é um artefato gráfico utilizado para demonstrar mais visualmente a divisão entre dois momentos da curva de *pitch* das sentenças analisadas.

⁸⁷ O que se está questionando aqui não é a natureza informacional desta parte da sentença, pois a resposta poderia ser óbvia, como apontou Menuzzi durante a defesa desta dissertação.

Como visto na seção anterior, os resultados encontrados nesta pesquisa para as sentenças clivadas corroboram a descrição da entoação desse tipo de sentença apresentada por Miotto & Negrão (2007). Nesta seção serão mostrados os resultados obtidos para as sentenças relativas, procurando observar se a diferença entoacional entre essas sentenças e as clivadas, apontada por aqueles autores, também é aqui verificada.

As sentenças que terão seus resultados discutidos nessa seção são aquelas em (5). Elas estão ordenadas conforme a organização da Tabela 3.

(5) **Sentenças relativas**

- a. (2) Foi o menino que chamou a polícia
- b. (8) Foi o aluno que foi reprovado
- c. (6) Foi no bar que a Ana beijou o Mário
- d. (11) Foi o carro que a Maria comprou⁸⁸

Na Tabela 3, estão os valores de *pitch* e as codificações atribuídas pelo INTSINT aos pontos mais relevantes da curva de *pitch* das sentenças relativas.

inf/sen	Cópula	Antecedente	QUE	V encaixado	Tônica final
1-2.1	M - 281		U - 292i	L - 260i	L - 245i
1-2.2	T - 292		T - 322i	L - 220f	D - 195f
3-2.1	M - 236f	S - 233i		D - 224f	L - 204f
3-2.2	M - 259f	L - 235i		S - 239i	T - 301i
4-2.1	M - 266i	L - 206i	U - 252f	L - 209f	S - 203f
4-2.2	T - 267i	L 206i	H - 239f	D - 211f	L - 188f
5-2.1	T - 264i	D - 229i	T - 260f	D - 220i	L - 180f
5-2.2	D - 209f	U - 219i	U - 227ii	S - 213i	H - 243i
6-2.1	M - 214	D - 196ii	U - 223i	D - 201f	D - 188f
6-2.2	M - 213i	L - 186pi	U - 201i	D - 196f	L - 190f
1-8.1	M - 290f	U - 309i	S - 317i	S - 301f	L - 260i U - 277f
1-8.2	M - 269f	U - 289f	U - 305f	D - 271f	L - 249
3-8.1	M - 237i	D - 226i	H - 267i	D - 244f	B - 201f

⁸⁸ Conforme apontado por Menuzzi, as diferenças na carga informacional apresentada por cada um dos constituintes relativizados das sentenças em (5) contribuiu para que houvesse diferenças no contorno entoacional, principalmente quanto ao padrão apresentado para a sentença em (5d).

4. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

3-8.2	M - 255f	D - 232i		H - 273f	H - 284i B - 190f
4-8.1	L - 209f		U - 231f	U - 248f	B - 189f
4-8.2	T - 240i	D - 211i	T - 235i	D - 208f	L - 182f
5-8.1	M - 232f	D - 203i		U - 236i	D - 214i
5-8.2	D - 206f	D - 198i	T - 223i	S - 229i	H - 217i
6-8.1	T - 213	D - 189i	H - 200i	T - 210f	S - 209i
6-8.2	M - 228i	L - 197i		U - 215i	D - 206i
1-6.1	T - 248f	D - 232i	T - 254i	U - 238i	L - 193f
1-6.2	M - 253f	U - 280f		S - 248pi	D - 236i
3-6.1	M - 214f	H - 271f		M - 210i	D - 190f
3-6.2	D - 223f	U - 274f		S - 220f	D - 200f
4-6.1	M - 233i	D - 201i		D - 220i	B - 186f
4-6.2	M - 215	L - 197i	H - 223f	S - 211f	B - 178f
5-6.1	D - 234f	T - 279f			B - 180f
5-6.2	D - 227f	D - 208f	T - 248f	H - 237i	L - 202f
6-6.1	T - 259	L - 182i	H - 214f	S - 208i	L - 193i
6-6.2	T - 230	D - 189i		U - 206i	D - 175f
1-11.1	M - 302f	H - 336i			S - 204f
1-11.2	T - 292f	S - 333i			L - 186f
3-11.1	D - 228f	T - 261i	D - 221i		D - 190f
3-11.2	S - 238f	H - 264i			S - 217i
4-11.1	D - 191f	H - 224i	U - 224f		L - 185f
4-11.2	S - 209f	S - 215f	U - 225f		L - 194f
5-11.1	D - 215f	S - 219f	H - 235f		L - 192f
5-11.2	D - 210f	U - 208f	T - 248f		D - 210i
6-11.1	T - 230f	S - 236i			U - 193i
6-11.2	L - 214f	H - 231i	D - 213i		L - 204f

Tabela 3 – Valores de *pitch* e codificação atribuída pelo INTSINT para os pontos-alvo encontrados pelo MOMEL na estilização das curvas de *pitch* ds sentenças relativas.

Quanto à atribuição ou não de acentos para os elementos da tabela, os resultados são os seguintes:

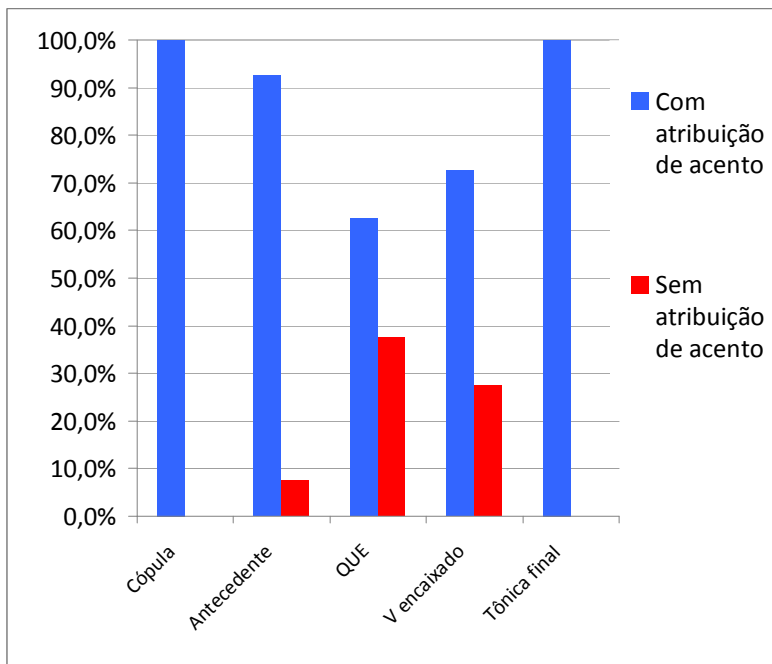


Gráfico 3 – Porcentagem de atribuição dos acentos pelo INTSINT aos elementos destacados constitutivos das sentenças relativas.

Os dados do Gráfico 3 já apontam para uma diferença entre a entoação de sentenças clivadas e sentenças relativas. Como pode ser visto nesse gráfico, os únicos elementos que mostram-se sempre como candidatos a pontos-alvos de uma notação tonal são a cópula e a tônica final – para as clivadas, além desses dois elementos, o foco também recebe acento todas as vezes. Outro ponto de diferença é o aparecimento de acentos sobre o CP. Enquanto nas relativas há algum acento sobre o CP em 62,5% das produções, nas clivadas isso só ocorre em 35% das vezes. Quanto ao verbo encaixado, as relativas exibem de acento sobre esse elemento em 72,5% das vezes, uma quantidade maior que a das clivadas.

Apesar de ter sido encontrada alguma diferença na distribuição da atribuição ou não de algum valor da notação tonal entre essas sentenças, uma diferença em termos simplesmente de atribuição *versus* não-atribuição de acento não parece ser significativa. No entanto, como pode ser observado no Gráfico 4, os valores atribuídos pelo INTSINT aos

tons das sentenças relativas é que vão mostrar a diferença que há entre as relativas e as clivadas.

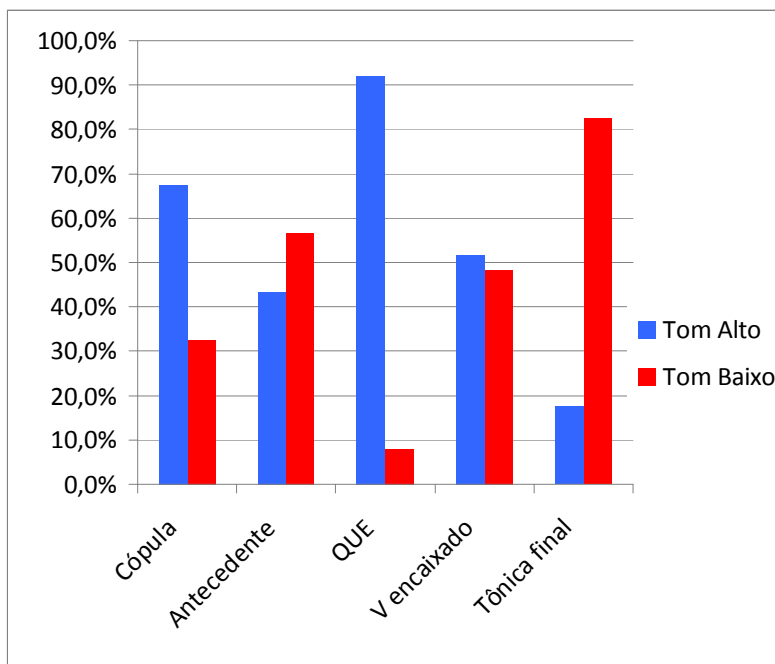


Gráfico 4 – Porcentagem de atribuição de acentos altos e baixos para os elementos constitutivos das relativas.⁸⁹

Ao comparar o gráfico acima com o Gráfico 2, que traz os resultados das sentenças clivadas, logo nota-se que há uma grande diferença na distribuição dos valores dos acentos. O que logo salta aos olhos é que a porcentagem de valores altos distribuídos por toda a sentença aumentou em relação às clivadas. Outro ponto de diferenciação é que os valores de *pitch* do antecedente da relativa são em uma ligeira maioria, 56,8% dos dados, mais baixos, enquanto para as clivadas em 100% dos casos esse era um valor alto. No entanto, o que realmente se sobressai é a quantidade de tons altos alinhados sobre o CP da relativa. Aqui esse CP recebeu tons altos em 91,7% das elocuições,

⁸⁹ Como apontou Menuzzi, este gráfico revela que a estrutura informacional das relativas é muito menos “fixa” que a das clivadas.

diferentemente do CP das clivadas, que recebeu tons baixos em 100% dos casos.

Esse comportamento recorrente das relativas parece ser o bastante para defender as diferenças apontadas em Miotto & Negrão (2007). A visualização da curva de *pitch* de uma das sentenças relativas pode deixar essas diferenças ainda mais claras. Observe a Figura 7:

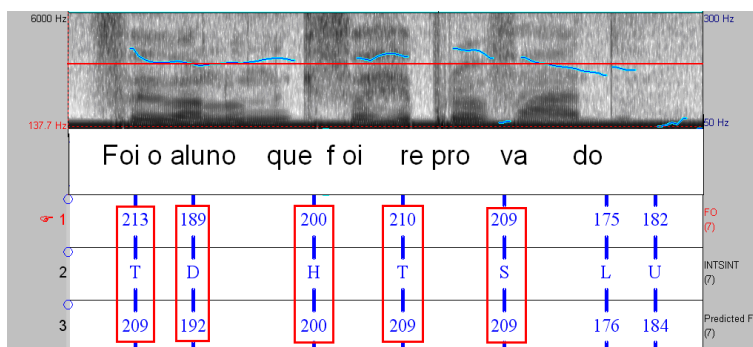


Figura 7 – Curva de *pitch* da sentença relativa *Foi o aluno que foi reprovado*, com a notação do INTSINT.

A figura acima mostra que a curva de *pitch* de uma sentença relativa se apresenta com uma forma mais aplainada que a da sentença clivada, como pode ser verificado pela linha vermelha traçada sobre ela. Também é possível notar que, enquanto a sentença clivada na Figura 6 apresenta uma grande elevação na região onde está localizado o elemento clivado, a curva de *pitch* da sentença relativa se apresenta com um leve abaixamento nesse mesmo local. Os valores indicados dentro dos quadros mostram, ainda, que os pontos mais altos no contorno de *pitch* estão localizados no início da sentença e sobre o *que* no início da relativa. Esse contorno entoacional pode ser descrito como um contorno declarativo, de acordo com Tenani (2002), para quem esse tipo de contorno é caracterizado por um início alto, ou médio, seguido por um movimento descendente e uma queda sobre a tônica final. O mesmo é apontado por Moraes (1998).

Até aqui, os resultados desta pesquisa apontam na mesma direção que os resultados de Miotto & Negrão (2007). No entanto, algo que chamou atenção aqui, mas que não foi comentado pelos autores, é a diferença que existe entre os acentos alinhados com o início do CP dessas sentenças. Esse ponto da curva de *pitch* parece ser o indício decisivo para determinar a diferença estrutural que existe entre esses

tipos de sentenças, defendida por Mioto & Negrão (2007)⁹⁰. Essa discussão será retomada mais a frente, quando for discutida a mudança de tessitura que aparece nas sentenças clivadas.

Na sequência serão apresentados os resultados obtidos para as sentenças pseudo-clivadas invertidas, comparando-os com os resultados das clivadas, para verificar se aqueles seguem na mesma direção destes.

4.2 “Sentenças Pseudo-clivadas *versus* sentenças copulares”

4.2.1 Sentenças pseudo-clivadas invertidas

Nesta seção se encontram os resultados relacionados com as sentenças pseudo-clivadas invertidas. Como já apontado anteriormente, essa forma das pseudo-clivadas foi a escolhida por ser mais próxima das clivadas, não somente sintaticamente, mas também no tipo de foco que veiculam: assim como as clivadas, as pseudo-clivadas invertidas podem veicular apenas foco contrastivo, conforme defendido por Mioto (2003) e Resenes (2009). O principal objetivo dessa seção é fazer uma comparação entre a entoação dessas sentenças e a entoação das clivadas.

Novamente a apresentação dos resultados será feita em forma de tabelas e gráficos, para possibilitar a comparação mais facilmente. Nesta seção as sentenças a serem observadas são as que estão em (6):

(6) Sentenças pseudo-clivadas invertidas

- a. (3) O Mauro é quem quer nadar
- b. (13) A Maria é quem quer namorar
- c. (15) O Mauro é quem quer dormir
- d. (16) A Maria é quem o Mauro quer namorar.

⁹⁰ Os resultados apresentados pela sentença (11) do experimento mostram que há ainda alguns pontos a serem reanalisados, principalmente no que concerne a relação entre o contorno entoacional e a estrutura informacional das sentenças.

4. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Os dados relacionados às produções dessas sentenças se encontram na Tabela 4:

inf/sen	Foco	Cópula	QUEM	V encaixado	Tônica final
1-3.1	H - 375f		L - 217f		D - 199i
1-3.2	T - 291f		L - 223f		D - 202i
3-3.1	H - 290f		L - 214f		S - 204i
3-3.2	H - 320f			L - 229i	D - 194i
4-3.1	U - 232f		L - 192f		L - 169i
4-3.2	D - 218i T - 235f	D - 215	D - 199		B - 166
5-3.1	D - 219i T - 261f		D - 219i	S - 216i	D - 182i
5-3.2	D - 200i U - 232f		D - 195i	S - 197i	D - 186i
6-3.1	T - 221f	L - 180i	L - 170f	S - 169f	B - 152f
6-3.2	H - 226f	L - 194f	D - 181f		B - 154f
1-13.1	H - 362f			L - 219i	S - 193f
1-13.2	H - 278f		D - 230i		L - 171f
3-13.1	T - 304f			L - 220f	L - 196f
3-13.2	H - 290f			L - 211f	D - 194f
4-13.1	H - 236f			D - 204i	D - 168f
4-13.2	H - 233f		S - 223i		L - 165f
5-13.1	T - 250f		D - 201f	U - 213i	M - 183i
5-13.2	H - 248f		L - 204f		L - 176f
6-13.1	H - 230f			L - 185i	L - 158f
6-13.2	T - 222f		D - 212f		D - 168f
1-15.1	D - 218f		U - 255f	S - 242f	L - 213f
1-15.2	H - 311f			L - 226i	D - 197f
3-15.1	H - 293f			L - 209f	D - 195f
3-15.2	D - 217f		U - 254	D - 231f	U - 275i
4-15.1	H - 244		D - 212f	D - 202i	S - 189i
4-15.2	U - 230			D - 204f	D - 182i
5-15.1	H - 257f		L - 203i	S - 206i	L - 187i
5-15.2	U - 246f		D - 201i	S - 205i	S - 185i
6-15.1	D - 198i H - 241f	D - 226i	L - 174f	S - 188f	B - 146f

6-15.2	H - 254		L - 194i		L - 161f
1-16.1	T - 337f		B - 215f	U - 217i	S - 195f
1-16.2	H - 306f			U - 213i	B - 185f
3-16.1	T - 315f			U - 205	L - 197i
3-16.2	T - 294f			U - 214i	B - 193i
4-16.1	T - 253f			S - 203i	B - 162f
4-16.2	T - 257f			L - 182ff	L - 170f
5-16.1	T - 252f		D - 202i	S - 194i	M - 185i
5-16.2	T - 246		D - 199i	H - 205i	D - 185i
6-16.1	H - 247i		L - 195f	S - 193i	L - 166f
6-16.2	H - 235f			S - 181i	L - 146f

Tabela 4 – Valores de *pitch* e codificação atribuída pelo INTSINT para os pontos-alvo encontrados pelo MOMEL na estilização das curvas de *pitch* das sentenças pseudo-clivadas invertidas.

Quanto à atribuição de acentos ou não aos elementos das sentenças, a Tabela 4 pode ser resumida no Gráfico 5:

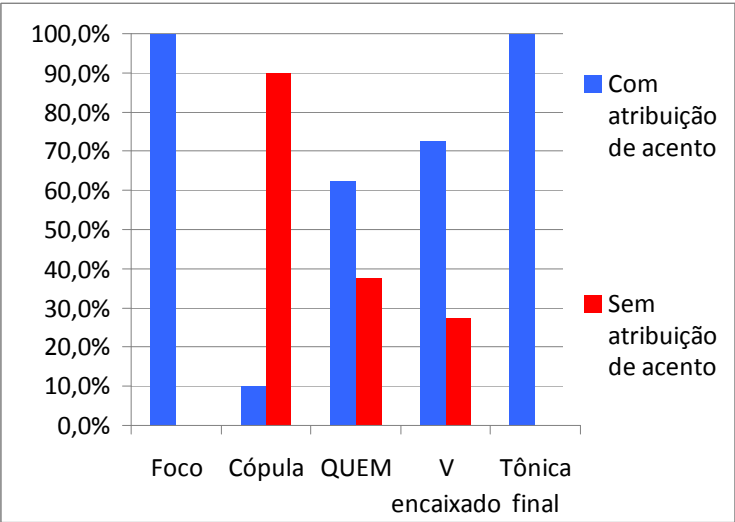


Gráfico 5 – Porcentagem de atribuição dos acentos aos elementos constitutivos das pseudo-clivadas invertidas.

Dos dados apresentados no Gráfico 5, o que mais diferencia a entoação dessas sentenças, da entoação das clivadas, é a grande ausência

de atribuição de acentos sobre a cópula. Esse fato pode ser explicado devido à, nas pseudo-clivadas invertidas, esse elemento ocupar uma posição pré-copular, enquanto nas clivadas essa posição é pós-copular. No entanto essa é uma questão que fica para trabalhos futuros, pois necessita de uma investigação mais aprofundada. Quanto à presença de acentos sobre os elementos da sentença wh, a distribuição se parece bem mais com a distribuição dos acentos do CP das relativas, do que a do CP das clivadas. No entanto, quando se observa os valores atribuídos a esses acentos, apresentados no Gráfico 6, essa primeira impressão se esvai:

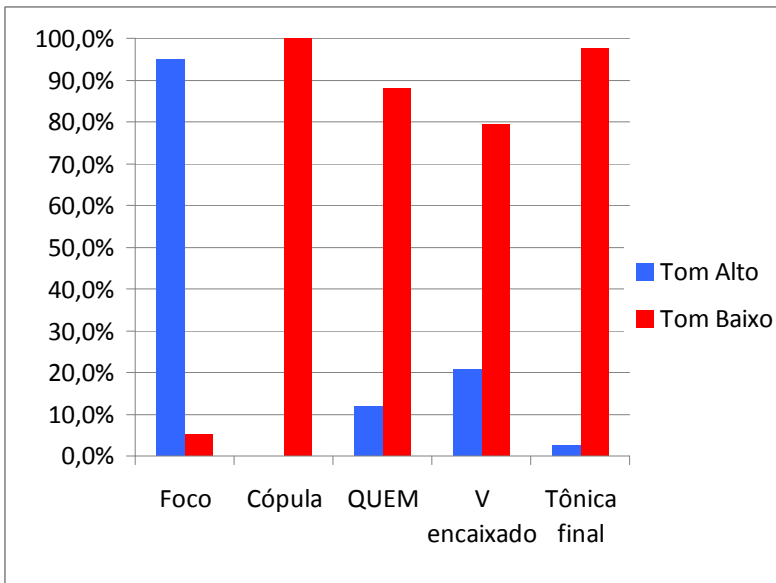


Gráfico 6 – Porcentagem de atribuição de acentos altos e baixos para os elementos constitutivos das pseudo-clivadas.

Como mostrado no Gráfico 5, a presença ou ausência de atribuição de acentos alinhados com os elementos da pseudo-clivada é semelhante à do Gráfico 3, das relativas. No entanto, a grande diferença se apresenta agora nos resultados expressos no Gráfico 6. Como pode ser facilmente notado, apenas o foco dessas sentenças apresenta uma porcentagem grande de acentos altos, enquanto em todos os outros elementos, a porcentagem de tons baixos é muito maior. Essa distribuição de acentos altos e baixos confirma a hipótese, levantada ao

início desta dissertação, de que a entoação das sentenças pseudo-clivadas invertidas ficaria muito próxima da entoação das clivadas (Gráfico 2): aqui se confirma por 95% dos acentos do foco são altos, índice muito próximo dos 100% das clivadas. Outro ponto de semelhança é a alta porcentagem, 88%, de acentos baixos alinhados com o elemento *wh* que inicia o CP dessas sentenças.

Essa semelhança fica ainda mais clara quando se observa a curva de *pitch* dessas sentenças, como a que está na Figura 8.

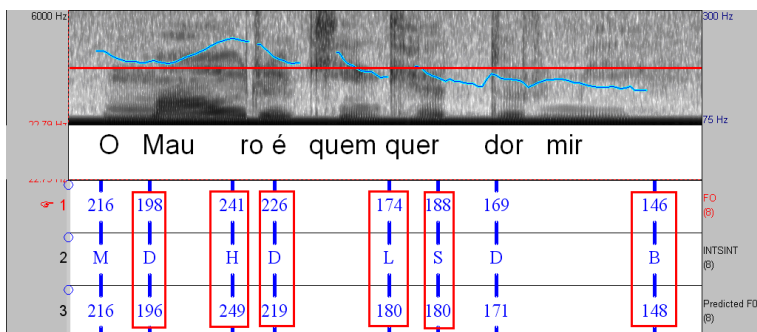


Figura 8 – Curva de *pitch* da sentença pseudo-clivada invertida *O Mauro é quem quer dor mir*, com a notação do INTSINT.

A comparação da curva de *pitch* dessa sentença com a da sentença na Figura 5 revela que a entoação de clivadas e pseudo-clivadas tem bastante em comum. Assim como nas clivadas, a linha vermelha divide a sentença em dois agrupamentos diferentes: o primeiro, que está acima da linha, revela o movimento da curva de *pitch* que está sobre o foco da sentença; e, o segundo, na parte inferior, agrupa todos os acentos distribuídos aos elementos que compõem a sentença *wh*. A semelhança com as clivadas fica então muito mais clara. Outra semelhança a ser notada é que também para as pseudo-clivadas os acentos do CP se localizam sempre em uma faixa de variação abaixo da faixa que abriga aqueles acentos do foco.

Se, para as clivadas, esse abaixamento rápido pode ser entendido como algo que diferencia a sua estrutura, então, talvez o mesmo raciocínio possa ser aplicado à estrutura das pseudo-clivadas. O que resta agora é comparar a entoação dessas sentenças com a das copulares de mesma “morfologia” para saber se com isso se pode construir um argumento a favor de uma diferença estrutural nessas sentenças. Além disso, esse abaixamento parece configurar, novamente, uma mudança de tessitura.

No entanto, antes de discorrer sobre mudança de tessitura, é necessário mostrar os dados das copulares, para a comparação também entre esses dados e os das sentenças relativas.

4.2.2 Sentenças copulares predicacionais comuns

Por fim, resta observar os resultados das sentenças copulares predicacionais comuns; espera-se que esses dados espelhem de alguma forma o que acontece com a entoação das relativas, já que, como visto na seção anterior, as pseudo-clivadas apresentaram uma prosódia semelhante à das clivadas e, dado o paralelismo das estruturas, o que se espera encontrar aqui é, novamente, o padrão entoacional das declarativas.

Esta seção vai, portanto, observar os resultados obtidos nos experimentos para as sentenças em (7):

(7) Sentenças copulares predicacionais comuns

- a. (7) O Mauro é quem quer nadar
- b. (1) A Maria é quem quer namorar
- c. (10) O Mauro é quem quer dormir
- d. (5) A Maria é quem o Mauro quer namorar

A Tabela 5 traz os valores de *pitch* e a notação do INTSINT para os pontos alvo encontrados pelo MOMEL na curva de *pitch* das sentenças em (7).

inf/sen	DP predicado	Cópula	QUEM	V encaixado	Tônica final
1-7.1	D - 212f			H - 249i	T - 290f
1-7.2	L - 198f		H - 232f		T - 294f
3-7.1	L - 204i		H - 249f		T - 282i
3-7.2	D - 271f		H - 260i	D - 243f	H - 276i
4-7.1	D - 197i		T - 228f		D - 181f
4-7.2	L - 198i		H - 233f		L - 183f
5-7.1	D - 202i		T - 270i	S - 272i	D - 235i
5-7.2	D - 199i		U - 259i	S - 248i	D - 211i
6-7.1	B - 167f		T - 224i	L - 195f	L - 177f
6-7.2	D - 210i	L - 192f	U - 211f		L - 194f
1-1.1		L - 206i	H - 247f		H - 245ii

4. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

1-1.2	L - 231ii	L - 206i	U - 225f		H - 254i
3-1.1	T - 298f		L - 232f	D - 216f	L - 192f
3-1.2	D - 224i		H - 290i	L - 240f	H - 297i
4-1.1	B - 192i		H - 223f		H - 245ii
4-1.2	D - 202ii		T - 226f		L - 186f
5-1.1	H - 271f		L - 216f		B - 168f
5-1.2	D - 202ii		H - 241i	D - 226i	D - 193i
6-1.1	L - 178i		H - 210f	D - 196f	B - 165f
6-1.2	S - 182i			U - 196f	H - 227ii
1-10.1	L - 204f		U - 227f		T - 325f
1-10.2	S - 211f		U - 242f		H - 301i
3.10.1	S - 211f		U - 245f		H - 274i
3-10.2	L - 216f		H - 266h	D - 233f	H - 285i
4-10.1	L - 199i		T - 243i	D - 222f	T - 246i
4-10.2	S - 201i		U - 228i		S - 220i
5-10.1	D - 206i		H - 242i	S - 242i	S - 243i
5-10.2	D - 203i		H - 257i	S - 251i	S - 245i
6-10.1	L - 180f		U - 211f		S - 221i
6-10.2	S - 194i		U - 213f		D - 227i
1-5.1	S - 212i		U - 239i	U - 239i	S - 189i
1-5.2	D - 231ii		H - 283i		D - 188i
3-5.1	D - 201i	T - 282i	S - 270f	U - 240i	H - 254i
3-5.2	L - 216i		T - 285i	H - 266i	T - 296i
4-5.1		H - 247f		U - 244i	L - 183f
4-5.2	S - 201ii		H - 236f	H - 233i	L - 179f
5-5.1	U - 204ii	H - 256i		D - 222i	M - 172i
5-5.2	D - 202i	H - 261i	D - 229i	M - 219i	L - 168f
6-5.1	D - 173i			S - 200f	T - 231ii
6-5.2	L - 174i			U - 236f	U - 254ii

Tabela 5 – Valores de *pitch* e codificação atribuída pelo INTSINT para os pontos-alvo encontrados pelo MOMEL na estilização das curvas de *pitch* ds sentenças copulares predicacionais comuns.

No Gráfico 7 estão as porcentagens de distribuição de atribuição de acentos sobre os elementos apresentados na tabela acima:

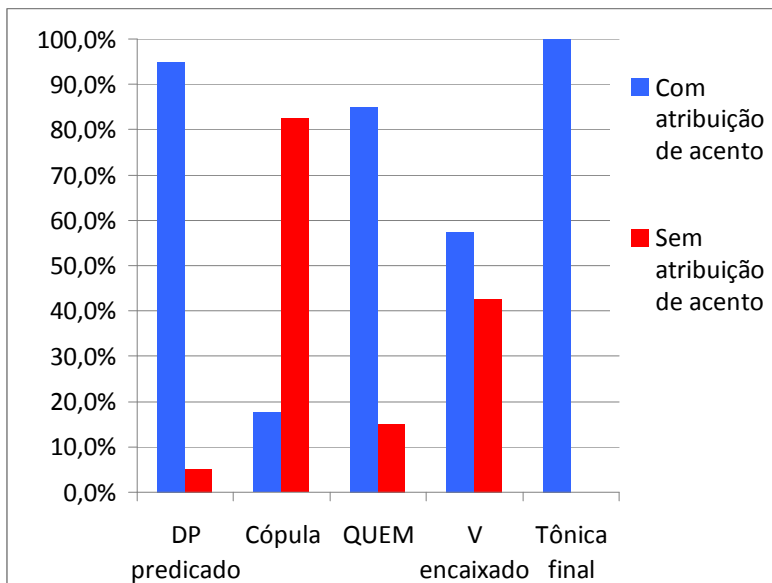


Gráfico 7 – Porcentagem de atribuição dos acentos aos elementos constitutivos das sentenças copulares.

A quantidade de atribuição de acentos nos elementos das sentenças copulares foi muito próxima daquela encontrada para as sentenças pseudo-clivadas. Porém, como pode ser verificado pela observação dos Gráficos 5 e 7, o elemento *wh* que aparece nas copulares recebeu acento em 85% dos casos, enquanto nas pseudo-clivadas isso ocorreu em 62,5% das sentenças. Outra diferença é que, no caso das copulares, o verbo encaixado recebeu acento em pouco mais da metade dos casos (57,5%); já o elemento correspondente nas pseudo-clivadas recebeu acento em 72,5% dos casos.

Falta observar ainda a porcentagem de distribuição dos acentos altos e baixos nos elementos da Tabela 5. Confira o Gráfico 8:

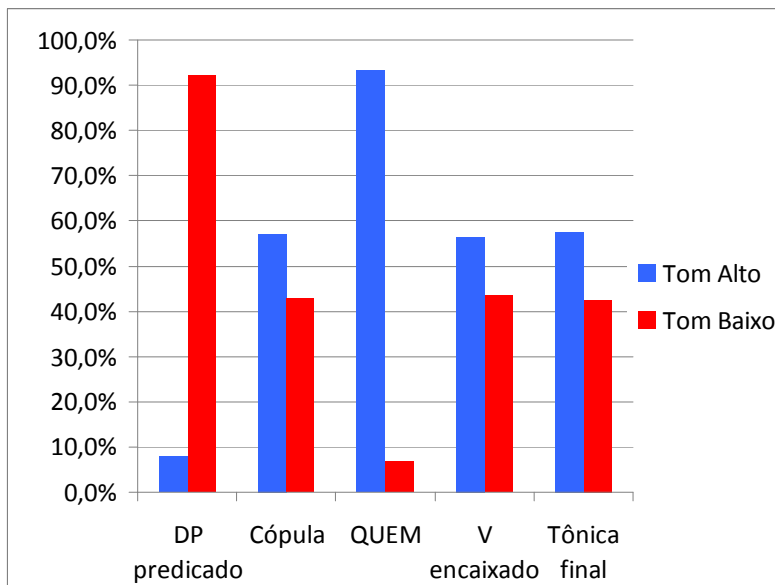


Gráfico 8 – Porcentagem de atribuição de acentos altos e baixos para os elementos constitutivos das pseudo-clivadas.

Basta um rápido olhar no gráfico acima e logo se percebe a diferença entre a entoação das sentenças copulares e das pseudo-clivadas. Como pode ser visto no Gráfico 6, o padrão de entoação encontrado para as pseudo-clivadas é um tom alto sobre o foco, seguido de tons baixos no restante da sentença. Já as sentenças copulares apresentam um padrão inverso, em que o constituinte inicial, o DP predicado, recebe na maioria das elocuições tons baixos, enquanto o restante da sentença recebe majoritariamente tons altos. O que chama a atenção é a grande incidência de tons altos sobre o elemento *wh* que encabeça a relativa livre que forma essas sentenças que se aproxima muito do que se vê no Gráfico 4, onde isso ocorre com o elemento que está no CP das relativas. Essa correlação entre esses constituintes nas copulares e relativas indica que, de alguma forma, eles têm algumas coisas em comum.

Outro ponto interessante é a forma que assume a curva de *pitch* dessas sentenças. Como pode ser visto no Gráfico 8, a sentença inicia com tons baixos e logo em seguida há um movimento alto sobre o elemento *wh* da relativa livre. Porém, a seguir, a curva de *pitch* assume duas formas diferentes: na primeira, ligeiramente mais recorrente, a

curva segue uma linha ascendente, como na Figura 9; na segunda, Figura 10, a curva segue um padrão descendente, como o das relativas na Figura 7.

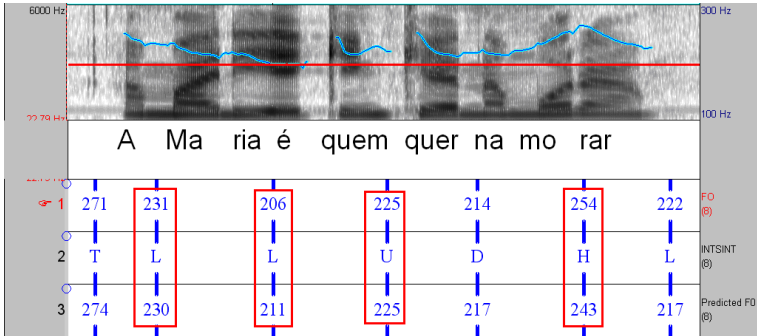


Figura 9 – Curva de *pitch* da sentença copular predicacional comum *A Maria é quem quer namorar*, com a notação do INTSINT.

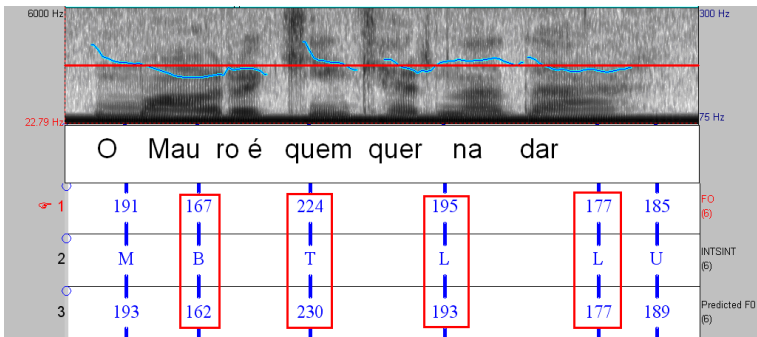


Figura 10 – Curva de *pitch* da sentença copular predicacional comum *O Mauro é quem quer nadar*, com a notação do INTSINT.

Note que, assim como nas relativas, a linha vermelha traçada sobre a curva de *pitch* não divide a sentença em duas metades, mas apenas acentua a forma mais aplainada que ela assume, em particular na Figura 10. Além disso, nas figuras ficam evidenciados os dois padrões comentados acima, na Figura 9, o ascendente e, na Figura 10, o descendente. Essa diferença parece poder ser explicada pela forma do verbo final da sentença: como ele está no infinitivo, sua sílaba tônica é a última, portanto uma palavra oxítona, porém o mesmo não acontece com o verbo *namorar*, na Figura 9. Como nesses casos a relativa livre é que é o foco da sentença, espera-se que o acento frasal apareça no

último elemento dela, o verbo no infinitivo. A ocorrência da oxítônica junto com o acento principal da sentença, faz com que os acentos do final da sentença sejam mais fortes, causando essa elevação sem que haja um abaixamento final, como em geral ocorre nas declarativas que não terminam em oxítonas (cf. Moraes 1998).

Para finalizar, de posse desses resultados, é possível afirmar que o padrão entoacional encontrado para as copulares predicacionais é muito parecido com aquele encontrado para as relativas, o que comprova uma das hipóteses desta dissertação. E, adicionalmente, enquanto se aproxima das relativas, esse padrão se afasta do das pseudo-clivadas, fazendo com que o mesmo tipo de diferenciação apontado por Mioto & Negrão (2007) para relativas e clivadas, e já comprovado nesta pesquisa nas primeiras seções deste capítulo, possa ser também afirmado para as sentenças copulares e as pseudo-clivadas invertidas. Assim, é possível adicionar aos indícios levantados por Resenes (2009) para uma estrutura diferenciada para as pseudo-clivadas a forma assumida pela entoação dessas sentenças, que as diferencia das sentenças predicacionais de mesma morfologia. Essa mesma diversidade prosódica, possivelmente refletindo algum tipo de diferenciação estrutural das sentenças pseudo-clivadas com respeito às copulares, também já foi apontada por Fernandes-Svartman (2007), que observou a prosódia de sentenças pseudo-clivadas do português europeu.

Portanto, se pode concluir que, como proposto por Mioto & Negrão (2007), a entoação é um dos indícios a ser levado em conta para se assumir que as sentenças clivadas não são constituídas por uma relativa, fato que também é apontado por Resenes (2009), para quem a clivagem, em nenhuma de suas instâncias (clivadas e pseudo-clivadas), apresenta qualquer forma de relativização. O que falta agora é observar um pouco mais atentamente o contorno entoacional de clivadas e pseudo-clivadas, pois essas sentenças apresentaram um ponto em comum, que parece indicar a natureza de sua semelhança. Esse será o assunto da próxima seção.

4.3 Mudança de tessitura

Como comentado nas seções 4.1.1 e 4.2.1, as sentenças clivadas e as pseudo-clivadas apresentaram várias semelhanças em sua curva de *pitch*. Entre essas semelhanças estão: uma parte inicial com acentos tonais mais altos, sobre o foco, seguida por uma rápida descida, sobre o constituinte que inicia o CP medial que há nessas sentenças, e um final

também em tons baixos. Porém, o mais importante é notar como se desenha o contorno de *pitch* dessa parte final da sentença. Observe, nas Figuras 11 e 12 a curva de *pitch* de uma clivada e uma pseudo-clivada, respectivamente:

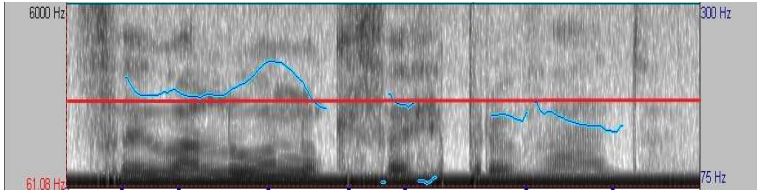


Figura 11 – Curva de *pitch* da sentença clivada *Foi o aluno que foi reprovado.*

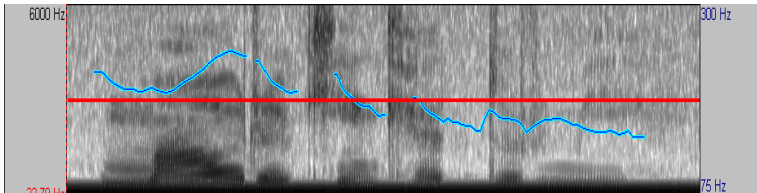


Figura 12 – Curva de *pitch* da sentença pseudo-clivada *O Mauro é quem quer dormir.*

As curvas de *pitch* nas figuras acima são representativas dos padrões encontrados para cada uma das sentenças (ainda que as sentenças pseudo-clivadas exibam também um outro contorno). Nessas imagens podem ser vistos os pontos em comum apontados anteriormente. No entanto, além dessa similaridade, central aqui é apontar para a queda na curva que se dá logo após o foco. Essa queda parece ser representativa do que se conhece na literatura como mudança de tessitura (cf. Cagliari & Massini-Cagliari, 2001) ou, ainda, invisibilidade métrica (cf Zubizarreta, 1998).

De acordo com Cagliari & Massini-Cagliari (2001), o estudo da tessitura tem sido abandonado em muitas análises lingüísticas por ser considerado um fato “extra-lingüístico”. Porém, em estudos que buscam comparar os grupos tonais de um enunciado, tem sido notado que alguns “desvios súbitos” na frequência fundamental estão localizados em regiões muito específicas, conforme afirmam esses autores. Em sua tese, Tenani (2002) identifica a mudança de tessitura, ou os desvios súbitos de Cagliari & Massini-Cagliari (2001), como sendo um dos indícios da organização da hierarquia prosódica no PB. Segundo essa autora, a mudança de tessitura, e não a pausa, é o indicio mais presente na

fronteira da frase fonológica (I, na notação usada pela autora). Conforme os dados de Tenani (2002), em uma sentença como a de (8)⁹¹, é a mudança de tessitura e não uma pausa que delimita as fronteiras entre a sentença principal e o aposto:

(8) A laranja, outrora em baixa na feira, obteve bom preço.

Mas o que é exatamente a mudança de tessitura? Ou melhor, o que é tessitura? Segundo Cagliari & Massini-Cagliari (2001, p. 2), a tessitura compreende a faixa de variação da escala melódica do falante, isto é, ela compreende “as variações nos intervalos entre a frequência mais baixa (mais grave) e a mais alta (mais aguda) do indivíduo”, quando fala normalmente. A mudança de tessitura se caracteriza, então, por uma mudança, para cima ou para baixo, na faixa de variação de F_0 do falante, porém sem que a forma típica dos padrões entoacionais seja modificada. Dito de uma forma mais direta, é como se parte da sentença fosse pronunciada de forma mais grave ou mais aguda. Conforme Cagliari & Massini-Cagliari (2001), isso pode ocorrer, por exemplo, quando o falante faz uma digressão semântica com relação ao tópico principal de um enunciado.

Figueiredo Silva & Araújo (2008), em seu estudo sobre os advérbios monossilábicos átonos, indicam que, em alguns contextos, quando esse advérbio está localizado ao final da sentença, parece ocorrer mudança de tessitura da curva de *pitch* associada a esse elemento. Para esses autores, a ocorrência dessa queda na faixa de variação de F_0 é um indício crucial para a análise das produções de advérbios átonos como *bem* e *mal*, em posição final. Um das conclusões a que chegam Figueiredo Silva & Araújo (2008) é que a mudança de tessitura sobre o advérbio ao final da sentença indica que ele não faz parte da sentença para a qual está sendo atribuído o acento sentencial. Esse fato, em teorias como a de Zubizarreta (1998), indica que houve uma desacentuação nesse ponto da sentença.

Ao observar os contornos entoacionais da Figuras 11 e 12, é possível perceber que, como já indicado, há um abaixamento característico em um certo ponto das sentenças. Esse local, apesar de não ser exatamente o mesmo ponto em que começa o CP das clivadas e a sentença *wh* das pseudo-clivadas, parece se manter muito próximo desses do início desses constituintes. Por outro lado, a parte da sentença que aparece mais alta, é exatamente a parte que contém o constituinte

⁹¹ Exemplo adaptado de Tenani (2002).

focalizado nos dois tipos de clivada. Isso indica que de alguma forma a desacentuação, nos termos utilizados por Zubizarreta (1998), da parte final da sentença está relacionada com a atribuição de um acento mais alto para o constituinte focalizado que aparece no início da sentença. Essa parece ser uma interpretação correta desse fato, pois como afirmado por Moraes (1998, p. 190), uma das características do foco contrastivo ou enfático é que tudo aquilo que precede a palavra acentuada apresenta o contorno entoacional normalmente encontrado em uma declarativa, porém tudo aquilo que segue o ponto de ênfase é “elocucionado em um tom parentético baixo”.

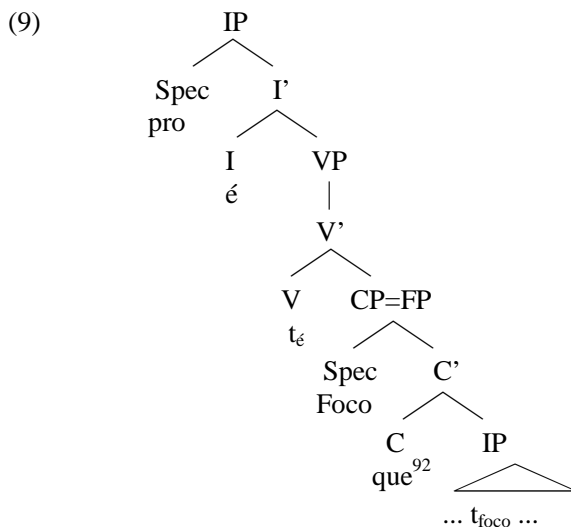
Esse tom parentético baixo é o que se pode chamar de mudança de tessitura. E é exatamente dessa forma que se comportam as sentenças clivadas e pseudo-clivadas: como mostram os resultados apresentados nas seções 4.1.1 e 4.2.1, toda a parte da sentença que vem após o constituinte focalizado é pronunciada em uma faixa de variação mais baixa, dentro da faixa de variação da sentença inteira. Outro fato a ser apontado é que após o abaixamento da curva de *pitch*, a sentença parece exibir a forma típica de um padrão declarativo. Como visto acima, Moraes (1998) afirma que há um padrão declarativo na entoação daquilo que precede o foco de uma sentença, no entanto, esse autor não faz nenhum apontamento sobre o padrão entoacional daquilo que segue o foco, a não ser que essa parte da sentença é pronunciada em um tom parentético. Então, resta agora elaborar estudos mais aprofundados quanto a questão da mudança de tessitura, para que se possa verificar empiricamente como se dá a implementação desse fenômeno na curva entoacional de uma sentença. Caso isso se confirme, esses dados se constituirão em um argumento empírico para a afirmação de Cagliari & Massini-Cagliari (2001), para quem a mudança de tessitura não altera padrões entoacionais, mas apenas os desloca para cima ou para baixo com relação a faixa de F_0 .

Porém, o que é mais interessante para este trabalho nos casos de mudança de tessitura encontrados na entoação das sentenças clivadas e pseudo-clivadas é sua possível relação com a estruturação dessas sentenças. Como já afirmado anteriormente, Mioto (2003), trabalhando com o modelo de Rizzi (1997) que associa fortemente posição sintática e interpretação, defende que em sentenças clivadas e pseudo-clivadas invertidas o foco deve ser interpretado como contrastivo, ou pelo menos como foco de identificação, devido ao fato de ter sido deslocado. O mesmo é defendido por Resenes (2009), para as pseudo-clivadas invertidas que segundo a autora, por terem o elemento focalizado

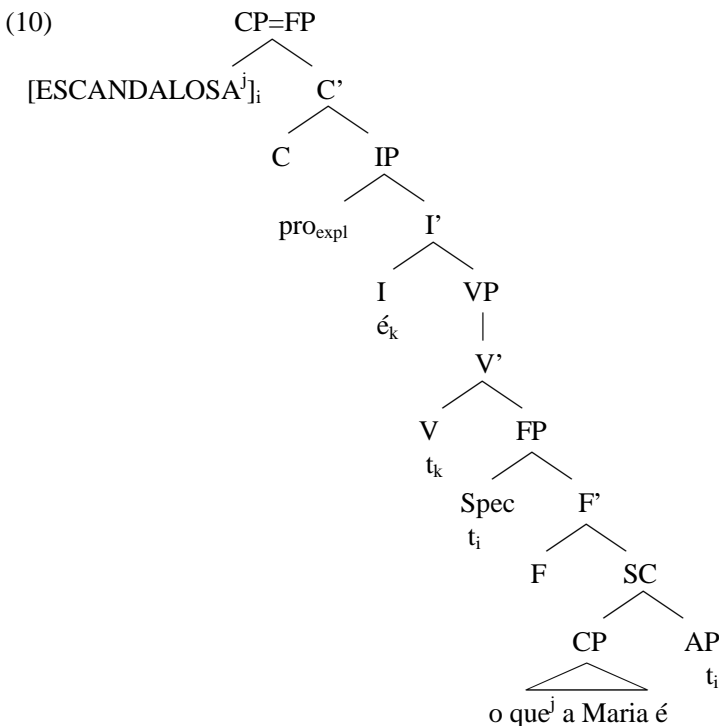
movido para periferia esquerda da sentença, só podem veicular uma interpretação contrastiva.

Segundo Miotto (2003) e Resenes (2009), sentenças clivadas (e pseudo-clivadas) são sentenças que se organizam de forma a dividir estruturalmente sua carga informacional. Isto é, nessas sentenças a organização sintática é feita de forma a separar duas "regiões" informacionais, uma que abriga o foco e outra que abriga a pressuposição. Por seu turno, Moraes (1998) afirma que esse mesmo tipo de separação da carga informacional pode ser feito através da prosódia da sentença. Segundo esse autor, o foco (informação nova para ele, informação não pressuposta para Miotto e Resenes) tende a receber acentos mais altos, enquanto a pressuposição (informação dada pelo contexto ou partilhada pelos interlocutores) tende a receber acentos mais baixos. Com isso em mente, é possível afirmar que sentenças clivadas e pseudo-clivadas são construções em que, ao mesmo tempo, a informação sintática e a informação prosódica de foco se unem para expressar a estrutura informacional do enunciado: por um lado, exibem uma posição sintática especial e um contorno de pitch numa faixa de tessitura para os constituintes focalizados nessas sentenças; por outro lado, a queda na faixa de F_0 , que ocorre sobre o CP dessas sentenças, que já é a sentença encaixada na estrutura sintática, representa a desacentuação da parte pressuposta da sentença.

Observe novamente a estrutura dessas sentenças, conforme as propostas apresentadas no capítulo 2. Em (9) é retomada a estrutura das clivadas proposta por Miotto e Negrão (2007) e, em (10), a das pseudo-clivadas invertidas, conforme Resenes (2009):



⁹² Menuzzi levantou o seguinte questionamento: Se este constituinte é o F^0 ? Por que, informacionalmente, ele pertence ao domínio em que ocorre a mudança de tessitura? As mesmas perguntas se aplicam para a cópula na estrutura em (64'). O que cabe responder no momento é que esse é um ponto a ser observado em estudos futuros.



Como pode ser visto nessas representações, as análises desses autores têm em comum a necessidade de movimento A' para que o constituinte focalizado seja interpretado como tal. Além disso, elas também têm em comum a projeção FP intermediária, por onde o foco transita ou onde estaciona. É essa projeção que funciona um pouco como o divisor de águas entre o foco e a pressuposição nos dois casos. Como a pseudo-clivada ainda tem mais um CP iniciando a *small clause*, de certa forma o início da pressuposição é retardado para esse momento, mas parece claro que são projeções CP que encabeçam a mudança de tessitura nos dois casos. Evidentemente, essas observações supõem que as representações atribuídas a esses tipos sentenciais estão fundamentalmente adequadas.

Como afirmado anteriormente, esta dissertação não busca defender uma relação excessivamente íntima entre sintaxe e prosódia, ou seja, uma relação em que a prosódia imponha a forma como a sentença deve se estruturar e nem uma relação na qual é a sintaxe que

dita que contorno exato deve ter a curva de *pitch* da sentença. No entanto, alguns dos resultados encontrados aqui mostram que a forma que a entoação das sentenças clivadas e pseudo-clivadas assumiu indica que a prosódia dessas sentenças está sendo organizada de acordo com indicações sintáticas e informacionais, o que torna tentador procurar neste caso uma maior correspondência entre prosódia e sintaxe.

Evidentemente, para que esse tipo de relação entre prosódia e sintaxe possa ser tido como realmente estabelecido, serão necessários mais estudos do mesmo tipo que aprofundem a discussão sobre, por exemplo, a relação entre as sentenças com focalização e o aparecimento de mudança de tessitura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação se propôs a estudar a entoação de sentenças clivadas, relativas, pseudo-clivadas invertidas e copulares predicacionais comuns, para verificar se existia algum indício, de ordem entoacional, que servisse como um argumento adicional para a diferenciação dessas sentenças. Os objetivos principais eram, primeiramente, estabelecer indícios entoacionais que reforçassem as afirmações de Mioto & Negrão (2007) sobre as diferenças entre sentenças clivadas e sentenças relativas; como segundo objetivo esta dissertação buscou fazer uma descrição da entoação de sentenças pseudo-clivadas invertidas e sentenças copulares predicacionais, visando compará-las com clivadas e relativas; por fim, tentou-se mostrar através dos padrões entoacionais dessas sentenças, alguns indícios de uma maior conexão entre a sintaxe e a prosódia.

Como mostram os resultados apresentados no capítulo 4, pode-se verificar que um dos objetivos desta dissertação, que era verificar se os resultados encontrados por Mioto & Negrão (2007) se confirmariam, foi cumprido, porém não sem levantar um novo argumento para a diferenciação entre o CP das clivadas e das relativas. Esse novo argumento é o tipo de acento que cada um deles recebe: se, por um lado, o CP clivado, quando recebe acento, sempre recebe acentos baixos; por outro, o CP das relativas, que apresenta acento em mais da metade das produções, recebeu acentos altos em quase 92% dos dados.

Quanto às sentenças pseudo-clivadas, o objetivo desta dissertação era verificar se a hipótese de que o padrão entoacional dessas sentenças seria parecido com o da clivada, levantada na introdução seria uma hipótese válida. Conforme os resultados elencados na seção 4.2.1, essa hipótese foi confirmada, pois o padrão entoacional exibido por essas sentenças é praticamente o mesmo das sentenças clivadas: um acento alto sobre o foco da sentença, seguido por um rápido abaixamento da curva de *pitch* sobre o elemento *wh* que segue a cópula (e parece encabeçar um CP); depois do abaixamento a curva de *pitch* exibe o contorno entoacional próprio das declarativas. Esse padrão é confirmado pelos dados do Gráfico 5, que revela que em 95% das produções o acento do constituinte focalizado era um tom alto e, em 100% das produções, o acento do elemento *wh* era um tom baixo, seguido majoritariamente por tons baixos nos demais constituintes da sentença.

A hipótese de que o padrão entoacional das sentenças copulares seguiria o padrão das relativas também foi confirmada. No caso dessas sentenças, o acento localizado sobre o DP predicado, que correspondia,

em posição, ao constituinte focalizado das pseudo-clivadas, apresentou acentos baixos em 92,2% dos dados, espelhando o mesmo fenômeno que aconteceu com o antecedente das relativas. O acento que caiu sobre o pronome *wh* que introduz as relativas livres dessas sentenças também reproduziu o padrão encontrado para o acento do CP das relativas, pois apresentou um tom alto em 93,2% das produções. Esses dados podem, então, ser utilizados como mais um indício da diferença mostrada por Resenes (2009) entre a sentença *wh* das pseudo-clivadas e a relativa livre das copulares predicacionais e, adicionalmente, como um indício para diferenciar a estrutura dessas duas sentenças, caso em que se assuma para essas sentenças o mesmo que Miotto & Negrão (2007) assumem para as clivadas e as relativas. Neste momento, essas parecem ser afirmações válidas; porém ainda são necessários estudos mais detalhados quanto aos padrões entoacionais exibidos por essas sentenças quando o constituinte focalizado pertence a outra categoria gramatical.

Por fim, na última seção, foi feita uma discussão sobre o padrão entoacional das clivadas e das pseudo-clivadas, mais precisamente sobre o abaixamento da curva de *pitch* apresentado por ambos os tipos de sentenças logo após o constituinte focalizado. Segundo o que pode ser verificado com o auxílio dos estudos de Cagliari & Massini-Cagliari (2001) e Tenani (2002), esse abaixamento pode se configurar como uma mudança de tessitura. Conforme foi indicado, essa mudança de tessitura parece indicar uma relação um pouco mais próxima entre os padrões entoacionais das clivadas (e pseudo-clivadas) e sua estrutura, pois, segundo as observações de Moraes (1998) sobre a prosódia e a organização informacional da sentença, o padrão entoacional desses tipos de sentenças, conforme mostrado pelos resultados desta pesquisa parece estar se remetendo para algo próximo a essa organização. Ao lado das observações de Moraes (1998), colocam-se as de Miotto (2003) e Resenes (2009), segundo as quais sentenças clivadas e pseudo-clivadas se estruturam de modo a dividir sua carga informacional, o que parece indicar um ponto em que se encontram estrutura sintática, estrutura informacional e estrutura prosódica. Este então é um indício consistente para hipotetizar uma relação mais estreita entre a sintaxe e a prosódia dessas sentenças.

Apesar de os resultados obtidos nesta pesquisa apontarem para uma diferenciação entre sentenças clivadas e sentenças relativas, por um lado, e sentenças pseudo-clivadas invertidas e copulares predicacionais comuns, por outro, ainda serão necessários mais estudos desses padrões entoacionais que aprofundem a discussão sobre a interface sintaxe-prosódia, pois a principal dúvida que fica é se eles estão realmente

interligados com a organização sintática dessas sentenças, ou eles apenas estão cumprindo seu papel de delimitar a organização da carga informacional dessas sentenças através da atribuição de acentos mais forte ou mais fracos, sem uma relação estrita com a sintaxe, uma hipótese surpreendente para o modelo de sintaxe chomskiano mas que ainda seria necessário descartar empiricamente. Portanto, fica para estudos futuros a investigação da atuação da mudança de tessitura como um indício prosódico da organização da estrutura sintática das sentenças, além de ser indício de sua organização informacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAGLIARI, L. & MASSINI-CAGLIARI, G. O papel da tessitura dentro da prosódica portuguesa. In: *Razões e emoção. Miscelânea de estudos oferecidos a Maria Helena Mateus*. Lisboa: Universidade Aberta, 2001.

CELESTE, L. C. *MOMEL e INTSINT: uma contribuição à metodologia do estudo prosódico do português brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

CHOMSKY, Noam. On WH-movement. In: CULICOVER, P. et al. (org). *Formal syntax*. New York: Academic Press, 1977. p. 71-132.

FERNANDES-SVARTMAN, F. R. Entoação e domínios prosódicos em sentenças pseudo-clivadas do português europeu. *Letras de Hoje*, v. 42, p. 69/3-88, 2007.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. & ARAÚJO, F. M.. Prosódia e ordem das palavras: o caso dos advérbios ditos monossilábicos átonos. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 6, n. 10, 2008.

FROTA, S. On the prosody and intonation of focus in European Portuguese. In: MARTINEZ-GIL, F. & MORALES-FRONT, A. (eds). *Issues in the phonology and morphology of the major Iberian languages*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 359-392, 1997a.

HEYCOCK, C. & KROCH, A. Inversion and Equation in Copular Sentences. In: Alexiadou, A. et al (eds). *Papers in Linguistics* 10. Berlin: Zentrum für Allgemeine Sprachwissenschaft, Sprachtypologie und Universalienforschung (ZAS), p. 71-87, 1998.

_____. Pseudocleft Connectedness: Implications for the LF Interface Level. In: *Linguistic Inquiry*. v. 30, nº 3, p. 365-397, 1999.

JACOBSON, P. On the quantificational force of English free relatives. E. Bach et al. (eds.). In: *Quantification in natural language*. Kluwer, Dordrecht, p. 451-486, 1995.

MARCHESAN, A. *As relativas livres em português brasileiro e os requerimentos de compatibilidade*. 99f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

MENUZZI, S. M. & MIOTO, C. Advérbios monossilábicos pós-verbais no PB: sobre a relação entre sintaxe e prosódia. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 14:2, p. 211-244, 2006.

MIOTO, C. Focalização e quantificação. *Revista de Letras*, n. 61, UFPR, Curitiba, 2003. pp.169-189.

MIOTO, C. & NEGRÃO, E.V. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In: Castilho, A. *et all* (org.) *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo:Fapesp/Campinas:Pontes, 2007.

MODESTO, M. *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001.

MORAES, J. A. Intonation in brazilian portuguese. In: Hisrt, D. & Di Cristo, A. *Intonation Systems: A Survey of Twenty Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

OTHERO, G. A. & MENUZZI. Distribuição de elementos leves dentro do VP em português: interação entre sintaxe, prosódia e estrutura informacional em Teoria da Otimidade. *Fórum Lingüístico* (UFSC). Florianópolis, v. 6, pp. ????, 2009.

RESENES, M. S. *Sentenças pseudo-clivadas do português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

ZUBIZARRETA, M. L. *Prosody, focus and word order*. Cambridge, MA: MIT Press, 1998.

TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para prosódia e para aplicação de processos fonológicos*. Tese de doutorado, Campinas: Unicamp, 2002.

ANEXO 1 – CONTEXTOS E SENTENÇAS UTILIZADOS NAS GRAVAÇÕES DO EXPERIMENTO

(1) a. Você está numa festa onde tem várias moças. Uma delas, a Maria, está louca para arrumar um namorado. Por isso, quando o Pedro pergunta pra você quem é a Maria, você diz:

b. — A Maria é quem quer namorar. (copular predicacional)

(2) a. Você e o Pedro estão comentando que houve um assalto na casa do seu vizinho, onde teve um tiroteio com a polícia e um menino ficou ferido. Quando o Pedro pergunta se você sabe quem ficou ferido, você diz:

b. — Foi o menino que chamou a polícia. (relativa)

(3) a. Você está numa festa na casa de um amigo seu, onde tem uma piscina e, durante uma conversa, ele comenta que ouviu dizer que alguém queria nadar. Um outro amigo diz que acha que o Pedro estava com vontade de se jogar naquela piscina, mas você sabe que não é o Pedro, e então corrige:

b. — O Mauro é quem quer nadar. (pseudo-clivada invertida)

(4) a. Você acabou de saber que alguém foi reprovado numa disciplina e uma das suas amigas quer saber se foi um aluno ou uma aluna. Quando ela pergunta se você sabe quem foi reprovado, você diz:

b. — Foi o aluno que foi reprovado. (clivada)

(5) a. Você tem uma amiga super gata que todo mundo quer namorar. O Pedro já ouviu falar que a Maria é de fechar o comércio e por isso ele quer saber quem é a Maria, ao que você responde:

b. — A Maria é quem o Mauro quer namorar. (copular predicacional)

(6) a. Você está conversando com um amigo no telefone e ele comenta com você que a Maria fez uma baixaria em um bar. Você diz que sabe onde foi que isso aconteceu e como ele quer saber onde foi que a Maria fez essa baixaria, você diz:

b. — Foi no bar que a Ana beijou o Mário. (relativa)

(7) a. Você está numa praia com vários amigos seus. Uma das moças, a Maria, está louca para conhecer um de seus amigos, o Mauro, que é

quem veio pra praia dizendo que queria nadar. Por isso, quando a Maria pergunta pra você quem é o Mauro, você diz:

b. — O Mauro é quem quer nadar. (copular predicacional)

(8) a. Você está em uma sala de aula e o professor está entregando as provas finais. De repente ele lembra que um dos alunos havia pedido revisão da prova. Como não consegue lembrar quem é esse aluno ele pergunta pra turma quem pediu revisão da prova. Você sabe quem foi, mas não consegue lembrar o nome da pessoa, então você diz:

b. — Foi o aluno que foi reprovado. (relativa)

(9) a. Você está andando pela rua com um amigo, que te diz que o Pedro estava curioso para saber que presente ia ganhar da Maria, a namorada milionária dele. A Maria tinha dito para o Pedro sugerir algumas opções – um carro, um barco, uma viagem. O seu amigo, então, pergunta se você sabe o que a Maria comprou, e você diz:

b. — Foi o carro que a Maria comprou. (clivada)

(10) a. A festa está bem animada, e a Ana está querendo conhecer um rapaz, o Mauro. Ela sabe o nome dele, mas não sabe quem ele é. Você viu ele super sonolento indo lá pra dentro, e por isso quando ela te pergunta quem é o Mauro, você diz:

b. — O Mauro é quem quer dormir. (copular predicacional)

(11) a. Você está num bar conversando com uns amigos. Durante a conversa o Pedro chega. Um dos seus amigos comenta que o Pedro parece desanimado. Você responde que é porque ele brigou com a Maria por um motivo besta. Quando seu amigo pergunta qual foi a razão dessa briga, você diz:

b. — Foi o carro que a Maria comprou. (relativa)

(12) a. Houve um assalto na casa do seu vizinho, que tem dois filhos, um menino e uma menina. O Pedro vem comentar o fato com você e perguntar se você sabe qual dos filhos do vizinho chamou a polícia, ao que você responde:

b. — Foi o menino que chamou a polícia. (clivada)

(13) a. Um amigo seu está louco para arrumar uma namorada, mas ele tem horror à Ana. Você sabe que a Maria e a Ana estão procurando um namorado. Por isso, quando você fala pra ele que conhece uma pessoa

que quer namorar e ele te pergunta se é a Ana ou a Maria quem quer namorar, você diz:

b. — A Maria é quem quer namorar. (pseudo-clivada invertida)

(14) a. Um amigo seu comenta com você que o Mário andou espalhando que tinha beijado a Ana, mas ele não acreditou nisso. Você diz que é verdade, pois você estava lá quando aconteceu. Quando seu amigo pergunta se foi na praia que a Ana e o Mário se beijaram, você diz:

b. — Foi no bar que a Ana beijou o Mário. (clivada)

(15) a. Você está acampando com uns amigos. À noite todos estão sentados ao redor de uma fogueira conversando e fazendo barulho, quando uma das pessoas comenta que o Pedro pediu para parar o barulho porque queria dormir. Mas o Mauro é quem comentou com você que estava com sono, e por isso você diz:

b. — O Mauro é quem quer dormir (pseudo-clivada invertida)

(16) a. Você ficou sabendo que o Mauro está a fim de uma das suas amigas, mas você não sabe qual delas. Quando você encontra a Ana, que é muito amiga do Mauro, você pergunta se é a Joana que o Mauro quer namorar, ao que a Ana responde:

b. — A Maria é quem o Mauro quer namorar (pseudo-clivada invertida)